

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

GABRIELA PANDELÓ PAIVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE HUGO CHÁVEZ POR
DOCUMENTÁRIOS**

São Carlos-SP
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

GABRIELA PANDELÓ PAIVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE HUGO CHÁVEZ POR
DOCUMENTÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política para a obtenção do título de mestre em Ciência Política

Orientação: Prof. Dr. Fernando Azevedo

Coorientação: Profa. Dra. Vera Chaia

São Carlos
2017

GABRIELA PANDELÓ PAIVA

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE HUGO CHÁVEZ POR
DOCUMENTÁRIOS

Dissertação ou tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, para obtenção do título de mestre em Ciência Política. Área de concentração Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 20 de março de 2017.

Orientador

Prof. Dr. Fernando Antônio Farias de Azevedo
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Coorientadora

Profa. Dra. Vera Chaia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Examinadora

Profa. Dra. Simone Diniz
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Gabriela Pandeló Paiva, realizada em 11/04/2017:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'F. A. F. de Azevedo', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Fernando Antonio Farias de Azevedo
UFSCar

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Simone Diriz', is written above a horizontal line.

Profa. Dra. Simone Diriz
UFSCar

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Vera Lucia Michalany Chaia', is written above a horizontal line.

Profa. Dra. Vera Lucia Michalany Chaia
PUC-SP

*“Hasta que los leones tengan sus propios historiadores, las historias de cacería
seguirán glorificando al cazador”
Proverbio africano
Eduardo Galeano, El libro de los abrazos*

Agradecimento

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos PPGPol/UFSCar, bem como seus docentes e funcionários, pelo suporte oferecido para a realização de meus estudos de mestrado. Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Azevedo e minha co-orientadora Profa. Dra. Vera Chaia por aceitarem enfrentar a realização dessa pesquisa. À Prof. Dra. Simone Diniz por aceitar compor minhas bancas de qualificação e defesa com suas contribuições.

Às colegas do grupo de pesquisa Comunicação Política, Partidos e Eleições por sempre se prontificarem a ajudar, revisar, contribuir com as produções.

À minha família que sempre me apoiou e garantiu todo o suporte necessário para a concretização dos meus estudos, viagens a congressos e apoio emocional nos momentos de frustração.

Aos amigos que me ajudaram a enfrentar todo esse processo e colaboraram, mesmo que minimamente, para que esse ciclo se cumprisse. Aos que estiveram presentes do começo ao fim e me ajudaram nos mínimos detalhes, em especial Victor, Amanda e Maurício.

RESUMO

Os anos 90 na Venezuela foram marcados pelo declínio do pacto *Punto Fijo*, um acordo entre as elites para a manutenção da ordem democrática. O contexto latino americano de transição para o século XXI, pode ser caracterizado pelo rompimento com uma economia neoliberal, bem como uma modificação do cenário político que se direciona aos interesses de cunho social, como o combate à pobreza. Na Venezuela esse momento político é marcado pelo governo de Hugo Chávez, um líder cujo apoio polarizou a população. Com uma representação midiática conflitante diante de diversos meios de comunicação ao redor do mundo, o objetivo desta pesquisa é analisar qual imagem se constrói de Chávez enquanto presidente e líder da Revolução Bolivariana. Para cumprir esse objetivo, o material empírico utilizado são os seguintes filmes documentários: "Ao Sul da Fronteira" (Oliver Stone, 2010), "Meu Amigo Hugo" (Oliver Stone, 2014) e "A Revolução não será televisionada" (Kim Bartle e Donnacha O'Briain, 2003). Os filmes em questão atuam como documentos audiovisuais pró-Chávez cujo registro ficará para a posteridade e, dessa forma, sua análise permitirá registrar os aspectos positivos de seu legado.

Palavras-Chave: Hugo Chávez. Revolução Bolivariana. Venezuela. Documentários.

ABSTRACT

The 90s in Venezuela consists in the decline of the *Punto Fijo* Pact, an agreement between the political elites to maintain the democratic order. In the Latin American context, this period, followed by the transition to the 21th century, can be represented by important events such as the rupture with a liberal economy and a change in the political scenario that became more interested with social issues, such as the fight against poverty. In Venezuela, the government of Hugo Chávez, a leader which support divided the nation, represents this political moment. With a controversial representation by many means of communication around the world, the aim of this research is to analyze how his image as president and leader of the Bolivarian Revolution is built. To fulfill these goals, the empirical material used are the following documentaries: "South of the Border" (Oliver Stone, 2010), "Mi Amigo Hugo" (Oliver Stone, 2014) e "Chavez: Inside the Coup" (Kim Bartleyl e Donnacha O'Briain, 2003). These films are imagnetic documents pro-Chávez which registry will stay for posterity and its analysis will register the positive aspects of his legacy.

Key words: Hugo Chávez. Bolivarian Revolution. Venezuela. Documentary.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAB: Agenda Alternativa Bolivariana

AD: Ação Democrática

ALBA: Alternativa Bolivariana para as Américas

ALCA: Área de Livre Comércio das Américas

CIA: Central Intelligence Agency

COPEI: Comitê de Organização Eleitoral Independente

CTV: Confederação dos Trabalhadores da Venezuela

EUA: Estados Unidos da América

Fedecámaras: Federación de Cámaras y Asociaciones de Comercio y Producción

FMI: Fundo Monetário Internacional

MBR-200: Movimento Bolivariano Revolucionário 200

MVR: Movimento V República

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PDVSA: Petróleos de Venezuela S.A.

PSUV: Partido Socialista Unido da Venezuela

RCTV: Radio Caracas de Televisión

URD: União Republicana Democrática

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	11
Capítulo 1 – CHÁVEZ	14
1.1 Panorama histórico	14
1.2 Trajectoria	17
1.3 Era Chávez	20
1.3.1 Agenda Alternativa Bolivariana e Socialismo do século XXI.....	23
1.3.2 Populismo, Cesarismo e Mito Político.....	28
1.4 Discurso Chavista	32
1.5 Conflitos com a Mídia	36
1.6 Sucessão e legado	39
Capítulo 2 – FERRAMENTAS DE PESQUISA E METODOLOGIA	42
2.1 Documentários	42
2.2 Mídia utilizadas	44
2.3 - Metodologia	46
2.4 Enquadramento e Pacote Interpretativo	47
Capítulo 3 – ANÁLISE	50
3.1 Ao sul da fronteira	50
3.2 Meu amigo Hugo	55
3.3 A revolução não será televisionada	62
3.4 Análise das categorias	66
3.5 Resultados Obtidos	78
Conclusões.....	82
Bibliografia.....	85
Apêndice A – Anotações de “Ao sul da fronteira”.....	89
Apêndice B - Anotações de “Meu amigo Hugo”.....	101
Apêndice C - Anotações de “A revolução não será televisionada”.....	118

INTRODUÇÃO

Na transição para o século XXI alguns países latino-americanos sofreram mudanças no viés ideológico de seus governos. A ascensão de lideranças políticas consideradas de esquerda em um contexto de expansão do neoliberalismo, bem como a caracterização destas como *outsiders* - em um momento de crise das elites políticas tradicionais - gerou impactos inéditos na história do continente. Essa movimentação se iniciou na Venezuela com a eleição de Hugo Chávez à presidência em 1998 abalando a estrutura oligárquica de um dos maiores produtores mundiais de petróleo.

Seu surgimento nos anos 90 como ator social, bem como sua ascensão política, está inserido no contexto da decadência do acordo de manutenção da ordem democrática venezuelana conhecido como *Punto Fijo*. A perda desta legitimidade está diretamente ligada à reação popular em desacordo com a adoção de medidas de cunho neoliberal. No contexto latino americano, esse período também pode ser caracterizado por reações populares contra um sistema voltado ao mercado e que não modificaram as estruturas sociais da região: era necessária uma incorporação de novos atores e a garantia de condições mínimas de bem-estar. Assim, novas lideranças foram eleitas em favor dos interesses nacionais e com pautas referentes à pobreza e à desigualdade. (COUTINHO, 2006).

A partir daí, deu-se início a um momento político específico na história do continente. Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, Nestor e Cristina Kirchner na Argentina e Lula no Brasil, cada um à sua maneira, foram responsáveis por tal fenômeno que, além de mudanças internas, propiciaram uma integração regional, visando, sobretudo, a consolidação de suas soberanias nacionais perante uma forte influência de países do Norte.

Há alguns anos tem sido recorrente a veiculação na mídia nos âmbitos nacional e internacional acerca do ex-Presidente venezuelano Hugo Chávez, cujos mandatos foram de 1998 a março de 2013. Entre os temas preponderantes, é possível ressaltar sua figura de líder entre a população de classe mais baixa, seus questionamentos sobre o regime democrático do país, sua relação conflituosa com os Estados Unidos, sua proximidade do regime cubano e também o vazio político causado por sua morte. Dentre essas veiculações, entretanto, observa-se atribuições muitas vezes negativas e contrárias sobre a pessoa de Chávez e também sua atuação política. Conflitantes, as emissões pró chavistas apresentam imagens completamente opostas, enfatizando seus êxitos e o intenso apoio de seus eleitores. Assim, a imagem que se obtém de Chávez pode estar contida em extremos

opostos do imaginário. Seu sucessor, o atual presidente Nicolás Maduro, cujo mandato se iniciou em 2013, governa sob a sombra do líder bolivariano, ressaltando constantemente em seus pronunciamentos a grandeza de Chávez, de sua revolução e o esforço para a manutenção de seu legado.

Muitas filmagens foram produzidas sobre a Venezuela sob a tutela de Chávez, bem como seu contexto no panorama latino-americano. Assim, este trabalho tem como principal objetivo analisar qual a imagem construída sobre a figura de Hugo Chávez em três documentários: “Ao Sul da Fronteira” (Oliver Stone, 2010), “Meu Amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014) e “A Revolução não será televisionada” (Kim Bartle e Donnacha O’Briain, 2003), cujos viés pró-chavista ratificam o maniqueísmo de sua personalidade. A pergunta que orienta este trabalho, portanto, consiste em qual a imagem estes filmes constroem de Chávez? É necessário ressaltar o papel que estes documentários possuem enquanto documentos audiovisuais que representam um momento histórico relevante nacional e regionalmente.

A escolha de filmes documentários como ferramenta de pesquisa se justifica pela contribuição na ampliação do debate em torno de temas relacionados à sociedade contemporânea que está fortemente permeada pelas imagens. O cinema possui uma dimensão política que se ressalta ao abordar lideranças políticas e propagar perspectivas que abordam os governantes, construindo, assim, imagens públicas que se tornam parte do imaginário político (CHAIA, 2011). Assim, esses filmes se tornam responsáveis pela manutenção de uma imagem no imaginário político, cumprindo o papel de fonte de “memória popular” (NICHOLS, 2005, p. 90).

Este texto de dissertação está dividido em três capítulos. O primeiro, “Chávez”, aborda o panorama histórico de sua ascensão política, sua trajetória pessoal, seu governo, as diretrizes ideológicas importantes (o Socialismo do século XXI e uma discussão sobre populismo, cesarismo e mito político), o discurso chavista, sua relação com a mídia, uma questão de cunho central em seu governo e, por fim, sua sucessão e legado. Permite, dessa maneira, uma compreensão ampliada de elementos que serão abordados ao longo dos filmes e, conseqüentemente, da realização da análise.

O segundo capítulo consiste em uma análise teórica sobre documentários, e uma breve apresentação dos filmes utilizados como ferramenta de pesquisa. Contém também a apresentação da metodologia que será utilizada. Esta, consiste na teoria do Enquadramento e também em Pacotes Interpretativos, como propostos por Gamson e Modigliani (1989). Como agente facilitador do processo, também será utilizado o

software MAXQDA no auxílio da atribuição de categorias de análise aos filmes estudados.

O terceiro capítulo consiste na análise em si. Subdivide-se, primeiramente, por filme, em seguida por categorias e, por fim, apresenta-se os resultados obtidos. Essa divisão da análise visa uma passagem mais aprofundada pelos filmes contemplando suas argumentações, para, em seguida, ater-se às categorias de análise pormenorizadamente.

O objetivo, dessa maneira, é construir um panorama aprofundado acerca da imagem construída sobre Chávez como presidente e líder da Revolução Bolivariana. Assim, as questões que guiam esse trabalho são: Como a imagem de liderança de Chávez é construída? Uma vez que os documentários são favoráveis, quais atributos são utilizados para reforçar essa imagem que se contrapõe à da mídia tradicional? Como a imagem construída pelos documentários reforçam aquela criada pelo próprio Chávez?

CAPÍTULO 1 – CHÁVEZ

1.1 Panorama Histórico

O panorama histórico que justifique o surgimento e ascensão de Hugo Chávez no cenário político venezuelano começa no ano de 1958, ou seja, 34 anos antes. O ano em questão se refere à queda da ditadura do general Pérez Jiménez e a consolidação do Pacto *Punto Fijo* considerado por Rey (1998 apud FUKUSHIMA, 2009) como "um pacto populista de conciliação das elites".

O Pacto *Punto Fijo* foi assinado pelos partidos Ação Democrática (AD) de centro-esquerda representando a social democracia, o Comitê de Organização Eleitoral Independente (COPEI) que representava a democracia cristã e a União Republicana Democrática (URD), um partido de centro ligado à Democracia Liberal (FUKUSHIMA, 2009). Sua base era o reconhecimento da existência de diferentes interesses sociais, econômicos e políticos. Seus signatários se comprometeram a respeitar o resultado das eleições, o estabelecimento de consultas interpartidárias em assuntos complicados e a partilha de cargos e responsabilidade política (AMORIM NETO, 2002 apud FUKUSHIMA, 2009).

Dahl (2008) afirma que a democracia é o único sistema político para se governar um Estado que deriva sua legitimidade e suas instituições da igualdade política. As características que definem uma democracia ideal são: participação efetiva; igualdade na votação; aquisição de conhecimento iluminativo; controle final da agenda; inclusão; direitos fundamentais. As instituições são responsáveis para que um sistema político alcance um nível alto de democracia, mas provavelmente nunca se atingirá um modelo ideal.

Przeworski (2010) define democracia por um marco dentro do qual um grupo de pessoas mais ou menos iguais, mais ou menos eficientes e mais ou menos livres pode lutar de forma pacífica para melhorar o mundo de acordo com suas diferentes visões, valores e interesses. Está baseada nos ideais de autogoverno, igualdade e liberdade. Um governo representativo baseado em eleições periódicas constitui uma boa resposta para o ideal de autogoverno, na medida em que a vontade do povo se constitui como árbitro final. Consiste em um sistema de tomada de decisões coletivas que melhor reflete as preferências individuais e faz o mais livre possível o maior número de pessoas. São quatro as condições necessárias para o funcionamento desse sistema: cada um dos participantes

deve poder exercer a mesma influência na tomada de decisões coletivas; cada um dos participantes deve ter alguma influência efetiva nas decisões coletivas; as decisões coletivas devem ser implementadas por aqueles que foram eleitos para tal; a ordem legal deve permitir a cooperação segura sem interferências indevidas. A satisfação dessas condições em forma individual e coletiva através de instituições específicas consistem no limite da democracia. De maneira geral, espera-se que a democracia garanta a igualdade social e econômica, não sendo tolerada a institucionalização de desigualdades. O Estado é visto como uma instituição capaz de impulsionar a prosperidade, regular mercados e assegurar o bem-estar econômico de todos os cidadãos. A liberdade assumiu a forma institucional de direitos adquiridos, protegidos pelas instituições e procedimentos especiais. Para o exercício dos direitos são necessários recursos providos pelas instituições estatais

Assim estabelecido, a primeira fase do Pacto (1959-1974) se refere à formação da democracia representativa cuja preocupação era a garantia da governabilidade bem como a integração das organizações econômicas, políticas e sociais.

As estratégias dos atores políticos puntofijista para manter a estabilidade do regime confluíram para um sistema de partidos que se comportava de acordo com a máxima sartoriana, a qual defende que “quanto menor o número de partidos relevantes nos sistemas competitivos e menor a distância ideológica entre eles, maior a estabilidade e a qualidade democrática”. (FUKUSHIMA, 2009, p.39)

Rey (1988 apud FUKUSHIMA, 2009) defende que a relação estabelecida entre os atores nacionais era de caráter semi-corporativo, configurado entre o Estado e grupos de interesses a fim de se obter um consenso e evitar que estes fossem lesados pelo estabelecimento de políticas públicas. Ocorreu, portanto, uma privatização do controle do Estado empoderado principalmente pela Fedecámaras e a CTV. Dessa forma, o patrimonialismo garantia a efetivação desse sistema.

De acordo com Rey (1998), esse sistema de representação semi-corporativa limitava o “funcionamento dos mecanismos clássicos de participação e representação democrática e introduzia uma importante distorção em favor de grupos minoritários e poderosos”. É neste sentido que podemos afirmar que determinados setores privados foram favorecidos pelo sistema implantado a partir do Pacto de Punto Fijo (FUKUSHIMA, 2009, p.42).

Outro fator que era preponderante para o funcionamento do sistema venezuelano de estabilidade democrática é o complexo do petróleo, um mecanismo estrutural cujos ingressos garantiram a manutenção de benefícios dos atores políticos e a ampliação do

bem-estar social que legitimava o regime. Os altos lucros que essa *commodity* trazia ao país, por sua vez, só garantiam benesses econômicas conjunturais, mantendo os problemas estruturais, que no final dos anos 80 geraram a crise política responsável pelo rompimento com a ordem democrática (VIZENTINI, 2003, p.62 apud FUKUSHIMA, 2009).

Nos anos 70, no auge da renda petroleira da Venezuela, os lucros do Estado foram investidos em "crescimento" e "redistribuição". Apesar das melhorias na qualidade de vida, elas vinham acompanhadas de exclusão social. Os investimentos do Estado, nesse período, eram capazes de amortecer todos os conflitos sociais, todavia não se investia em questões estruturais nem diversificação produtiva. O esbanjamento de dinheiro gerou um

“Estado hipertrofiado financista generoso de velhos e novos grupos econômicos, sem praticamente nenhum controle de retorno de capital”. O descontrole administrativo do governo, a partir de Pérez, gerou o paradoxo de um país com enormes ingressos fiscais e uma deterioração nas condições da vida de seus cidadãos, mostrando a incapacidade do governo em dar respostas ao crescimento populacional urbano. Mesmo com a diminuição dos ingressos da nação em 1982, devido à queda do preço do barril de petróleo, é mantida a política de gastos públicos, agravando a situação com a desvalorização da moeda venezuelana e o aumento de inflação (BOHÓRQUEZ, 2004 apud FUKUSHIMA, 2009, p.48).

A queda do preço do petróleo nos anos 80 teve como consequência a internacionalização da PDVSA, bem como um desequilíbrio social que pressionou os atores do Pacto *Punto Fijo*, que começava então a ser questionado. Para transformar os rumos da crise, o governo implantou uma série de medidas de caráter neoliberal que não resolveram os problemas econômicos e ainda por cima aprofundaram as desigualdades sociais e índices de pobreza, desencadeando o episódio de revolta chamado *Caracazo*.

Com a crise econômica, e a tentativa de solucioná-la através dos mecanismos tradicionais (via FMI), de cunho retracionista e desestatizante, o regime se encontrou diante de um paradoxo. Salvar a economia representava romper com o eixo de sustentação do pacto de elites que havia conservado a democracia nos últimos quarenta anos. A partir deste paradoxo torna-se possível compreender a crise de insustentabilidade em que se encontrou o sistema político Venezuelano nos anos finais do século XX. As principais entidades corporativas que davam aporte ao Estado, intermediando os conflitos com a sociedade civil, encontravam-se rachadas e deslegitimadas. O empobrecimento absoluto de grande parte da população gerou demandas que o Estado não estava preparado para enfrentar. O conflito tornou-se iminente, e uma solução interna ficou cada vez mais difícil (FUKUSHIMA, 2009, p.51).

O *Caracazo* ocorreu em 27 de fevereiro de 1989 e foi protagonizado por setores pobres e médios da população venezuelana descontentes com a crise econômica e suas

medidas neoliberais. O protesto foi fortemente reprimido pelas forças militares, atingiu proporções nacionais e marcou o auge da crise de representação. Foi o estopim para o desencadeamento de diversos eventos, entre eles a tentativa de golpe realizada por Hugo Chávez em fevereiro de 1992. López-Maya (2005 apud FUKUSHIMA, 2009) caracteriza esse evento como um reflexo da ausência de mecanismos institucionalizados para a resolução de conflitos sociais. Quem se encontrava no sistema corporativo *puntofijista* usava o espaço público em benefício privado e quem estava fora, apenas recebia os benefícios que lhes eram concedidos. Quando os recursos acabaram e a população foi recorrer ao Estado, este não se encontrava organizado para resolver as demandas. Assim, o *Caracazo* culminou na deslegitimação do sistema institucional.

Para Villa (2005, p. 158), o mandato de Caldera e suas políticas de corte neoliberal, aprofundaram entre os setores sociais três sentimentos que se tornaram irreversíveis em relação ao sistema político: (1) desprestígio dos partidos políticos tradicionais e de suas lideranças; (2) sensação de que existia um vazio de poder incapaz de ser coberto pela elite política remanescente de 1958 e; (3) desejo dos setores populares, e mesmo da classe média, de renovar suas elites dirigentes para que estas fizessem funcionar novamente o sistema “redistributivo” que tinha operado até os anos de 1980. Assim, a descrença nas lideranças democráticas de *Punto Fijo* colocou fim ao pacto e à popularidade dos partidos tradicionais (FUKUSHIMA, 2009, p.54).

O descontentamento da população se estendeu aos partidos políticos tradicionais gerando um “*desalineamiento*”, ou seja, uma quebra das lealdades partidárias e o consequente surgimento de organizações independentes. Essa rejeição tornou-se uma ferramenta essencial para a emergência de Hugo Chávez ao poder político (VILLA, 2005 apud FUKUSHIMA, 2009).

1.2 Trajetória

Nos anos 70 houve no exército o ingresso de jovens humildes que visavam a possibilidade de ascensão social. Isso se deu devido ao fato de que os institutos de formação de oficiais das Forças Armadas haviam sido elevados ao patamar de ensino universitário. Nesse período também, esses institutos recebiam influências políticas de pessoas ligadas à luta armada dos anos 60 que haviam se infiltrado. Dessa maneira, os jovens recebiam uma formação crítica que possibilitou questionamentos sobre a hierarquia do exército, lhes permitiu discutir sobre o plano nacional-desenvolvimentista e também o papel histórico das Forças Armadas na política venezuelana.

Hugo Chávez foi um dos jovens que recebeu essa formação, que contou também com vivências, de um ponto de vista privilegiado, das contradições sociais do país que iam de riqueza e corrupção à pobreza extrema. Chávez também teve contato com outros militares latino americanos por onde conheceu um novo tipo de militar: aquele que se coloca ao lado do povo e defende os interesses nacionais. Surgiu assim, entre os anos de 1982 e 1983, um movimento de cunho nacionalista, com força cívico-militar que se colocava ao lado da população venezuelana, o *Ejército Bolivariano 200* (MENDES, 2012).

Sua formação foi longa e complexa, recebendo diversas influências como o bolivarianismo, doutrina utilizada para a formação de uma instituição dotada de hierarquia e disciplina. Assim, ligou-se à memória do "Exército Libertador de Bolívar", tornando a instituição mais forte e conectada ao projeto de modernização venezuelana e também à convicção da capacidade e do dever de refundar a República quando necessário. O contexto em que surge é de decadência do comunismo e ascensão do neoliberalismo, não sendo, nenhuma delas, alternativas de adoção ideológica. Em sua fundação foi definido que o movimento seria de caráter cívico-militar com a participação de forças populares da sociedade civil no planejamento e condução inclusive de operações militares. Assim como outros movimentos latino-americanos, partiu da problemática da construção do Estado Nacional no sentido de ampliação de direitos (MENDES, 2012).

Após o *Caracazo* o grupo mudou seu nome para Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200), a fim de conquistar o apoio civil e romper com a imagem de movimento militar. Em 1992, o MBR-200 liderou duas tentativas de golpe de Estado. Na primeira, em 3 e 4 de fevereiro, consideravam que o Estado carecia de legitimidade e a democracia se convertera em tirania, a qual buscavam derrotar convocando uma constituinte que restituísse o Estado de Direito. O movimento foi derrotado e Chávez negociou a rendição para conter possíveis confrontos. Em seu discurso, o termo "*por ahora*" criou uma expectativa de que o movimento não esgotaria sua capacidade de conquistar o poder. Ao assumir a responsabilidade para si, Chávez criou a imagem de confiança frente ao país, o que garantiu a vitória ao movimento. No segundo levante, em 27 de novembro, houve a transmissão de uma mensagem em que Chávez convoca a subversão popular. Segundo López-Maya (2006 apud MENDES, 2012) os levantes acirraram a luta hegemônica que ameaçava as forças políticas tradicionais. O MBR-200 não poderia ser considerado um fato isolado no contexto político do país, nem tampouco

consistia num simples ato de rebeldia militar. A partir desses episódios, Chávez e seu movimento assumiam o papel de porta-vozes da oposição.

Liberto em 1994 e afastado do exército, Chávez dedicou-se a percorrer o país e divulgar as ideias do movimento bolivariano. A proposta de recomeçar a República do zero, a partir de uma Constituinte, legitimava o sentimento de descrença nas instituições democráticas. A atitude golpista reforçava sua independência em relação ao poder constituído, sintonizando-se à "vontade popular" que abrangia também a classe média. A conquista do poder era necessária, e a única maneira que restava para isso era por via eleitoral. A fim de manter as características do MBR-200 enquanto organização, foi criado o partido Movimento V República (MVR) (MENDES, 2012).

Considerado o panorama histórico anteriormente descrito, a ascensão de Chávez era muito propícia. Seu partido, o MVR, representava algo novo em relação à elite tradicional, bem como reunia forças políticas heterogêneas. Enquanto candidato, firmou uma aliança entre três setores preponderantes: o militar, a esquerda tradicional e grupos culturais, empresariais e sociais dissidentes do *puntofijismo*. Em sua campanha, Chávez se apresentava como centro-esquerda que romperia com o Pacto *Punto Fijo*, conseguindo assim apoio de setores da classe média e empresariado, setores marginalizados no sistema em decadência. A situação, por sua vez, estava muito enfraquecida e desorganizada para a composição de uma oposição consistente. Todos esses fatores, portanto, colaboraram com a vitória de Chávez (FUKUSHIMA, 2009).

A proposta chavista de governo consistia em uma mudança dentro do próprio sistema, um capitalismo mais humano, uma ruptura apenas com as elites tradicionais. Propunha um rompimento com a IV República, ou seja, um deslocamento das elites do *Punto Fijo*, e a instauração da V República com a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte e uma nova Constituição (FUKUSHIMA, 2009). A vitória eleitoral se justifica pela postura radical do MBR-200 contra o sistema de partidos tradicionais, ao sentimento antipartidarista da população, ao carisma de Chávez e também devido à aproximação do bolivarianismo com a "política das ruas" (MENDES, 2012).

O contexto venezuelano ao longo do século XX é muito peculiar ao restante do continente. O *Punto Fijo* surgiu como um mecanismo de estabilização das instituições democráticas e teve papel importante na gestão dos lucros advindos do petróleo, garantindo assim a manutenção das estruturas sociais. A partir do momento em que este

sistema começa a falhar e a população marginalizada começa a reivindicar seus direitos, o sistema colapsa.

A ascensão de Hugo Chávez enquanto liderança revolucionária se insere em um contexto político, econômico e social muito específico da história venezuelana. Há um rompimento da hierarquia e disciplina militar com formalização de um grupo dissidente que busca defender os interesses da população e salvar o país de um governo decadente. Para viabilizar seu projeto político, o grupo optou pela via eleitoral de conquista do poder se aproveitando da personalidade carismática de Chávez que conquistara grande popularidade.

1.3 A Era Chávez

Chávez assume o governo no auge do período neoliberal cujas medidas comandavam o continente. O neoliberalismo consiste em uma doutrina econômica onde se privilegia a atuação de um mercado livre baseado na livre concorrência e onde o Estado deve agir apenas para garantir o funcionamento dessa lógica. Com apologia ao individualismo e à competição social garante-se a manutenção da propriedade privada. Baseado nessas premissas o Consenso de Washington consistiu em uma série de diretrizes aos países latino-americanos a fim de garantir-lhes auxílio para a superação de suas crises econômicas propiciando então seu desenvolvimento. Entre as medidas ressalta-se a diminuição de gastos públicos, a abertura comercial, a possibilidade de investimento estrangeiro, a privatização de empresas estatais e um afrouxamento em leis econômicas e trabalhistas. Essas medidas enfraqueceram os Estados nacionais em detrimento de instituições financeiras como o FMI e de empresas estrangeiras que se instalaram na região (CARVALHO, 2000; VIDAL, 2007). Seu governo foi o primeiro da América Latina a romper com essa corrente enquanto outros acreditavam ser impossível lutar contra o mercado. Esse processo desencadeou forte oposição entre a elite nacional e, principalmente, do governo dos Estados Unidos, cujo abastecimento de petróleo dependia fortemente deste país (BORÓN, 2008; MORAES, W., 2015).

Com efeito, os Estados Unidos não podem permitir que o "mal exemplo" venezuelano se propague na região (...) patrocinar novas formas de cooperação econômica como as estabelecidas com Cuba e outros países da região, liquidar a ALCA e propor em seu lugar a ALBA, combater ideologicamente o neoliberalismo, contrariar a influência ideológica dos meios de comunicação controlados pelo imperialismo, potencializar a capacidade de auto-organização dos setores populares e submeter a gestão presidencial e suas políticas a frequentes plebiscitos para que seja o povo quem decida é completamente inaceitável para os EUA, um péssimo exemplo que é necessário erradicar o

quanto antes, por qualquer meio, legal ou ilegal, pacífico ou violento (BORÓN, 2008, p.94, tradução nossa)¹.

A democracia implantada na Venezuela a partir da Constituição de 1999 é do tipo participativa protagônica cujo fim seria o de uma sociedade e Estado democráticos. A partir desta Carta, os cidadãos garantiram a possibilidade de participação direta, semidireta e indireta tanto no sufrágio, quanto em relação à formação, execução e controle da gestão pública. As “Linhas Gerais do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social da Nação 2001-2007” declaram que “a participação propicia o autodesenvolvimento, inculca a corresponsabilidade e estimula o protagonismo dos cidadãos. Esses devem ser os pontos de apoio a uma sociedade igualitária, solidária e democrática” (MAYA, 2005). Dessa maneira é possível transformar as relações de poder desiguais existentes na sociedade.

O processo de expansão da esfera de participação da sociedade civil venezuelana é resultado de uma trajetória de lutas e reconfigurações institucionais visando atender as demandas de uma população insatisfeita, efetivando a possibilidade de se fazerem presentes e incidirem na condução da sociedade e da política. A participação cidadã verticalizada pressupõe uma redistribuição do poder, forma parte das demandas e lutas pela democratização de sociedades e Estados, não apenas da perspectiva política e institucional, mas também na econômica e social (LOVERA, 2008).

O projeto político bolivariano compreende a democracia não apenas como a presença de liberdades civis e políticas, mas também, e de forma consistente, como igualdade social. Essa conotação está presente na história política venezuelana, por exemplo no período *puntofijista* onde a democracia era considerada um meio para se alcançar a justiça social. Esta, por sua vez, não foi lograda pela democracia representativa. A Constituição de 1999, portanto, estabelece a igualdade como princípio fundamental da República, bem como "a solidariedade, a democracia, a responsabilidade social e, em geral, a preeminência dos direitos humanos (artigo 2)" (MAYA, 2005).

O esquema clássico da democracia liberal não deve ser eterno. Necessitamos de um novo conceito de Estado e de uma nova arquitetura desconcentrada de

¹ En efecto, EE.UU. no puede permitir que el “mal ejemplo” venezolano cunda en la región (...) auspiciar nuevas formas de cooperación económica como las entabladas con Cuba y otros países de la región, liquidar el ALCA y proponer en su lugar el ALBA, combatir ideológicamente al neoliberalismo, contrarrestar la influencia ideológica de los medios de comunicación controlados por el imperialismo, potenciar la capacidad de autoorganización de los sectores populares y someter la investidura presidencial y sus políticas a frecuentes plebiscitos para que sea el pueblo quien decida es completamente inaceptable para EE.UU., un pésimo ejemplo que es necesario erradicar cuanto antes por cualquier medio, legal o ilegal, pacífico o violento.

poder. Pleiteamos uma autêntica democracia representativa, participativa e protagonista. A democracia participativa não é um fim (...). O protagonismo popular é um conceito bolivariano, democrático e iminentemente revolucionário. (...) devemos dar ao povo diversos mecanismos, como o plebiscito, os referendos, as assembleias populares, as consultas populares, as iniciativas legislativas, enfim, instrumentos que devem ficar, para mim, inseridos em uma nova Carta Magna que incentive a participação. Deve ser um instrumento de construção, de protagonismo, de democracia verdadeira e de participação efetiva, vital para reconstruir o país (CHÁVEZ, 2010, p. 299-300 apud SCHURSTER, ARAÚJO, 2015, p.35)

No quesito política externa, Chávez foi responsável pela reorganização da OPEP, denunciou as intervenções militares no Oriente Médio e as instalações militares na América latina. Propôs a implementação da ALBA em contraposição à ALCA, ajudou a fortalecer governos na Bolívia, Equador, Argentina, pautou as ideias de socialismo e da Revolução e tornou-se porta-voz da luta contra o imperialismo no continente (MORAES, W., 2015).

Economicamente, houve uma forte intervenção estatal, reestatização de empresas e construção de novas estatais. Ampliou direitos sociais e aperfeiçoou os direitos trabalhistas. Criou missões sociais para erradicar o analfabetismo, distribuir alimentos e ampliar atendimentos de saúde. Suas políticas, juntamente com a alta do preço do petróleo, reduziram o desemprego e aumentaram o PIB (MORAES, W., 2015).

Quando conduzimos nossa análise sobre o prisma da história política da Venezuela, comparando a Era Chávez com os governos anteriores e sob o ponto de vista dos trabalhadores, podemos dizer que o supracitado governo foi o mais popular da Venezuela e aquele que mais investiu no social, isto é, em políticas públicas em favor dos pobres. Foi ao mesmo tempo, dentro da institucionalidade burguesa, aquele que mais deixou livre as ideias na Venezuela, portanto, foi o mais democrático e pluralista. Indubitavelmente, o governo Chávez atacou as políticas neoliberais, revertendo-as. Temos que admitir que foi um governo que nadou contra a corrente com relação àquilo que aconteceu na América latina e no mundo desde a década de 1980 (MORAES, W., 2015, p.152).

Outro aspecto importante a ser ressaltado sobre sua gestão é a intensificação da polarização da sociedade venezuelana. A oposição política do início de seu mandato estava fragmentada, sendo o antichavismo o único elemento de coesão. Isso se deu devido à ausência de reorganização de partidos e lideranças políticas pós rompimento do *Punto Fijo*, deixando um vácuo institucional. Essa ruptura de um acordo de representação e organização multiclassista das instituições em favor de setores mais pobres da população garantiu a consolidação de sua base política. A polarização, portanto, tornou-se sociopolítica. O processo se agravou ao longo dos anos devido a medidas consideradas impopulares para esse grupo, como a homologação de uma nova Constituição que

reestruturou os poderes clássicos, deu excessivos poderes nas mãos do presidente e, especialmente, leis que interferiam no setor petrolífero e no setor agrário (VILLA, 2005).

O resultado foi que a classe média, além de sentir poucos sinais positivos de recuperação de seu status e alto padrão de vida socioeconômico dos anos de 1970 e início de 1980, começou a questionar a eficácia da retórica presidencial para combater o desemprego (em torno de 18% em finais de 2002), a desigualdade social e a violência urbana, além de se sentir desconfortável em relação à linguagem radicalizada de Chávez (VILLA, 2005, p. 163).

O ápice dessa cisão social foi a tentativa de golpe de Estado ocorrida em 2002, arquitetada por membros influentes da elite com o apoio de meios de comunicação e com influência direta do governo dos Estados Unidos. Esse movimento será detalhado posteriormente neste trabalho.

1.3.1 Agenda Alternativa Bolivariana e o Socialismo do século XXI

A Agenda Alternativa Bolivariana (AAB) é o nome dado à “plataforma simbólica, de valores, crenças e imaginários responsável por guiar as ações coletivas do MBR-200” (BIARDEU, 2009 apud WAINER, 2015). Constituiu um projeto político de superação do neoliberalismo, quebrando as barreiras da visão unilateral, fragmentária e reducionista para proclamar um novo fundamento pós neoliberal: olhar ao redor e perceber a realidade em toda sua magnitude, através de um enfoque humanístico, integral, holístico, ecológico, em contraposição à apologia do individualismo e da competição social.

Foi responsável pela institucionalização do fim do *puntofijismo*, possibilitando a invenção de um novo programa político integrado com as tradições populares e anti-imperialistas² venezuelanas e latino-americanas. É, portanto, a primeira diretriz ideológica do que depois se tornaria a Revolução Bolivariana (WAINER, 2015).

A AAB se inicia dizendo que os problemas a serem solucionados são econômicos, políticos e sociais em conjunto. Sua estratégia não se restringe na reestruturação do Estado, mas de todo o sistema político, desde suas diretrizes filosóficas e suas relações reguladoras. Chávez se baseia na "árvore de três raízes" compostas por Simón Rodríguez e sua pedagogia emancipadora, Simón Bolívar, o líder da independência venezuelana, da unidade hispano-americana e precursor do anti-imperialismo e Zamora, símbolo do protagonismo do campesinato pobre e da possibilidade de ampliação da vida política.

² Imperialismo, segundo David Harvey (2003), seria uma ampliação espaço-temporal de acumulação por espoliação como uma forma de se absorver excedentes do capital a fim de se evitar sua desvalorização. Esse processo se dá através da especulação que promove crises de desvalorização em lugares vulneráveis.

Chávez construiu uma narrativa ideológica de onde articulou o revolucionário, o nacional, o anti-neoliberal, o cívico-militar e o popular, assim como uma concepção da democracia popular bolivariana que apresenta linhas de rompimento com a noção do consenso político liberal-democrático. Como dissera Biardeu [2009], não se trata de um corpo doutrinário ou filosófico, se não de uma "plataforma simbólica, de valores, crenças e imaginários que atingiram mobilizar a ação coletiva do MBR-200" (WAINER, 2015, p.355, tradução nossa).³

Com as necessidades humanas básicas em primeiro plano, os objetivos gerais da AAB se configuram em: elevar em curto prazo o nível e a qualidade de vida da população venezuelana para cima das necessidades básicas que constituem nas necessidades físicas (alimentação, saúde, habitação), necessidades sociais (segurança, integração, igualdade, liberdade), necessidades culturais (educação, esporte, recreação, criatividade), necessidades políticas (participação, protagonismo); contribuir para a reivindicação da independência nacional e a reafirmação da soberania. Para se atingir esses objetivos, enunciam-se oito alinhamentos estratégicos, dos quais ressalta-se o primeiro que consiste no Papel do Estado. Para tal, seria imprescindível a total reestruturação e transformação do aparato estatal em um Estado realmente democrático, popular e com grande capacidade para conduzir juntamente com a sociedade, o novo destino da nação (FRÍAS, 2014).

Em meados de 2005, Chávez inseriu a temática do *Socialismo del siglo XXI* no debate público e este tornou-se referência na discussão acerca do futuro do capitalismo, especialmente na América Latina. Borón (2008) propõe uma reflexão do Socialismo do século XXI a partir da distinção entre: os valores e princípios centrais de um projeto que se considere socialista; o programa desse projeto, ou seja, a passagem desde o plano valorativo até a agenda concreta de construção do socialismo e as políticas públicas necessárias para sua implementação; a temática do "sujeito histórico" desse projeto, bem como suas características distintivas.

A primeira parte, acerca dos valores, se subdivide em duas, sendo estas a "superação do economicismo" e "o que o socialismo do século XXI não deve ser". No primeiro, François Houtart (2007 apud BORÓN, 2008) identifica quatro princípios necessários para a orientação desse projeto: o predomínio do valor de uso sobre o valor

³ Chávez construyó una narrativa ideológica donde articuló lo revolucionario, lo nacional, lo antineoliberal, lo cívico-militar y lo popular, así como una concepción de la democracia popular bolivariana que presenta líneas de fractura con la noción del consenso político liberal-democrático. Como dijera Biardeu [2009], no se trata de un cuerpo doctrinario o filosófico, sino de una "plataforma simbólica, de valores, creencias e imaginarios que lograron movilizar la acción colectiva del MBR-200".

de troca, considerando que a primazia da última impõe a lógica de mercado; uma nova relação não predatória com a natureza, que é considerada pelo capitalismo como uma mercadoria; a democratização de todas as esferas da vida social, começando pela economia e seguindo para outras instituições da sociedade; o princípio da interculturalidade que seria o enriquecimento recíproco de todas as culturas mediante um diálogo permanente.

Chávez anunciou em um discurso no V Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, quatro premissas básicas sobre essa doutrina. Em primeiro lugar, em caráter moral, deve-se combater os males semeados pelo capitalismo: individualismo, egoísmo, ódio e privilégios. O socialismo deve defender a ética, a generosidade, a dignidade e a autonomia dos sujeitos sociais. Em segundo lugar, deve-se propor uma democracia participativa e protagônica que potencialize a soberania popular. Em terceiro lugar, deve haver a conciliação da liberdade com a igualdade, tendo em vista que a primeira sem a segunda, em uma sociedade de excluídos e explorados, se torna privilégio de minorias. A justiça social é um componente essencial do socialismo. Por fim, requer-se mudanças em direção ao associativismo, a propriedade coletiva, o cooperativismo e uma série de experiências de autogestão e cogestão, bem como formas de propriedades públicas e coletivas. Em síntese, o novo socialismo consiste em propriedade coletiva (não necessariamente estatal) dos meios de produção e a democratização fundamental de todas as esferas da vida social (BORÓN, 2008).

Já em “o que o socialismo do século XXI não deve ser”, o autor cita Michael Lebowitz (2006 apud BORÓN, 2008) que argumenta que o único caminho para se alcançar o socialismo é através da *práxis* revolucionária e que se deve aprender com as práticas do século XX para que erros não sejam repetidos. No socialismo do século XXI não deve haver estatismo, mas um desenvolvimento integral da pessoa humana e, para tal, é necessária uma sociedade democrática, participativa e protagônica. O socialismo, diferente do populismo onde o Estado provém os recursos e soluções gerando o comodismo da população, deve estimular e favorecer a organização autônoma das classes e camadas populares, bem como o desenvolvimento de sua consciência revolucionária. A sociedade socialista não deve ser totalitária, mas reconhecer e respeitar as diferenças. Não deve haver um culto ao produtivismo, pois a produção em larga escala burocratiza o processo de tomada de decisões, desincentiva o protagonismo popular e destrói o meio ambiente. Finalmente, é imprescindível a luta contra a lógica do capital.

Sobre o projeto, recusa-se a planificação da economia. Esse método seria inadequado e contraproducente nas condições atuais da economia mundial. Em referência à Rosa Luxemburgo, assinala-se que a importância de não se fazer da necessidade uma virtude, ou seja, não é porque a estatização da economia foi imposta por condições históricas que esta deva ser a única alternativa de um projeto socialista. Não existe um tipo ideal de socialismo, parafraseado Mariátegui, “as revoluções não podem ser decalque nem cópia”⁴. É necessária a elaboração de projetos de acordo com as condições históricas de cada país e que se encaixe nas necessidades contemporâneas de cada sociedade (BORÓN, 2008).

Sobre os sujeitos históricos, o que outrora coube ao proletário industrial, contemporaneamente seria um papel desempenhado pelas massas populares composta por camponeses, indígenas e pobres do campo e da cidade, condenados à invisibilidade e a negação pela condição periférica do capitalismo latino-americano e do colonialismo intelectual da esquerda tradicional. Deve-se reconhecer a existência de vários sujeitos, já que esta é uma construção social e política que busca a unidade onde há uma vasta diversidade de linguagens, culturas, tradições, mentalidades, ideologias e sintetizá-los em uma fórmula organizativa e política coerente é uma tarefa de extrema complexidade (BORÓN, 2008).

Se o velho proletariado industrial se reduziu em número e se fragmentou em múltiplas frações, o certo é que nunca como hoje houveram tantas classes e grupos sociais subordinados ao despotismo do capital e, sob certas circunstâncias, mobilizáveis para combatê-lo (BORÓN, 2008, p.125).⁵

Já em 2007, foi lançado o *Plan Nacional Simon Bolívar* que seria o *Primer Plan Socialista de la Nación* para o desenvolvimento econômico e social do país (2007-2013). Nele são definidas sete diretrizes para a construção do socialismo do século XXI (BRUCE, 2015). Lopes (2011), as sintetiza:

1. Nova ética socialista: consiste na difusão dos valores e princípios socialistas no país, que contribuam para a construção de uma nova sociedade, em substituição ao individualismo e egoísmo preponderantes no capitalismo;
2. Suprema felicidade social: construção de uma estrutura social incluyente, com vistas a obter um sistema social pautado pela igualdade. Esta nova estrutura social partirá da consolidação de novas relações sociais de produção na Venezuela, baseadas na propriedade autogestionária, associativa, aliadas às políticas sociais empreendidas pelo governo e financiadas pela renda do petróleo, como é o caso das missões. Nesse sentido, tais políticas sociais são

⁴ “las revoluciones no pueden ser calco ni copia”.

⁵ Si el viejo proletariado industrial se redujo en número y se fragmentó en múltiples fracciones, lo cierto es que nunca como hoy hubo tantas clases y grupos sociales subordinados al despotismo del capital y, bajo ciertas circunstancias, movilizables para combatirlo. Tradução livre.

fundamentais, pois lançaram as bases para uma nova organização econômica e social que tem desarticulado os mecanismos de mercado responsáveis pelas desigualdades sociais. Além disso, também o governo buscará criar incentivos à participação organizada da população no planejamento econômico e nas decisões relativas à distribuição equitativa da riqueza produzida;

3. Democracia protagônica revolucionária: consiste em uma nova organização social em que a população possa participar diretamente das principais decisões relativas ao país, para que devem-se criar mecanismos institucionais que privilegiem a participação popular. Na democracia protagônica, o poder será exercido pelo Estado e pelo povo venezuelano.

4. Modelo produtivo socialista: eliminar a divisão social e hierárquica, de modo que seja eliminada a separação entre satisfação das necessidades humanas e das atividades produtivas, subordinadas até então à reprodução do capital. Portanto, a produção de riquezas terá como objetivo o bem-estar da população;

5. Nova geopolítica nacional: buscar a articulação do novo modelo produtivo, com a desconcentração produtiva, populacional na Venezuela, incentivando a formação de um modelo territorial desconcentrado e alinhado à diversificação produtiva do país. O plano também contempla o desenvolvimento de novas atividades produtivas que incentivem a interconexão de diversas regiões do país;

6. Venezuela potência energética mundial: consiste em utilizar o potencial energético da Venezuela, com o objetivo de obter a integração regional e mundial do país, além de garantir a segurança energética interna para o desenvolvimento sustentado da economia.

7. Nova geopolítica internacional: consiste em contribuir para a construção de um mundo multipolar com a criação de novos polos de poder em detrimento do poder hegemônico dos EUA (LOPES, 2011, p.85)

Apesar da gestão de Chávez ter sido responsável por inúmeros avanços na área social, ter alcançado alta popularidade entre os trabalhadores, ter atacado e revertido políticas neoliberais, não houve na Venezuela a revolução social. Ao contrário, são diversas as contradições encontradas em seu governo (MORAES, W. S., 2015).

No governo existe uma casta de burocratas e reformistas que, por não quererem o controle das fábricas nas mãos dos trabalhadores, limitam o processo revolucionário, apesar da orientação de Chávez em direção ao socialismo. Há, portanto, uma relação conflitante entre a democracia *de la calle*⁶ pela base e do controle hierárquico e burocrático do governo e do PSUV. Outro ponto importante é que não houveram modificações nas relações de produção capitalistas: foram mantidas a propriedade privada dos meios de produção, a exploração do trabalhador pelo patrão, a divisão social e hierárquica do trabalho. O Estado foi fortalecido e houve a criminalização de dirigentes sindicais e líderes populares da esquerda revolucionária (MORAES, W. S., 2015).

Pode-se concluir que, apesar da população apoiar a revolução e o socialismo, não foi possível acabar com o capitalismo, tendo em vista que a maior parte do movimento

⁶ Militancias de base.

social na Venezuela era reformista e não revolucionário. Assim, obtém-se que através da institucionalidade burguesa não foi possível fazer alterações substantivas, ou seja, não foi possível a conquista da emancipação pelo meio institucional (MORAES, W. S., 2015).

1.3.2 Populismo, Cesarismo e Mito Político

Sobre a liderança de Chávez existem diversas atribuições de valores, entre elas a de líder populista, de Cesarista e a de mito político. Apresento aqui algumas conceptualizações que justificam tais atribuições, não cabendo, entretanto, a escolha de alguma considerada como mais pertinente dentre as outras. O objetivo desta seção é apenas ilustrativo para a análise vindoura.

Em primeiro lugar é necessário ressaltar que não existe um consenso na literatura sobre a definição do conceito de populismo. Apresento aqui uma breve recuperação das ideias de Gino Germani e de Francisco Weffort acerca desse fenômeno no continente.

Gino Germani argumenta que a América latina teve uma trajetória peculiar na inserção ao mundo moderno: o rápido processo de urbanização e industrialização mobilizaram "massas populares", que, por sua vez, demandaram participação política e social. A resolução para essa situação se deu em forma de golpes militares e de "revoluções nacionais-populares", cujos resultados foram denominados de populismo. A transição da sociedade tradicional para a moderna se deu em meio a deslocamentos populacionais do campo para as cidades (FERREIRA, 2001).

O peronismo argentino manipulou as massas, mas também lhes garantiu um grau efetivo de participação. Absteu-se, por sua vez, de realizar reformas sociais ou as limitou de maneira que foram aceitáveis para as elites. Se diferencia do fascismo na medida em que fora obrigado a tolerar certa participação efetiva, mesmo limitada, para obter apoio da base popular (GERMANI, 1973).

Como a mescla de valores tradicionais e modernos, os líderes populistas se projetaram em sociedades que não consolidaram instituições e ideologias autônomas, mas necessariamente seriam substituídos por outras lideranças portadoras de ideias classistas quando o capitalismo alcançasse maturidade na região (FERREIRA, 2001, p.64).

O populismo brasileiro é melhor compreendido como uma expressão política de interesses determinados de classe. Para uma caracterização formal desse fenômeno, a revista nacionalista *Cadernos do Nosso Tempo* lhe estabeleceu condições gerais. A primeira é "massificação" provocada pela "proletarização" de amplas camadas de uma sociedade em desenvolvimento, que desvincula os indivíduos de seus quadros sociais de

origem e os reúne na "massa", "conglomerado multitudinário de indivíduos, relacionados entre si por uma sociabilidade periférica e mecânica". Em segundo lugar há a perda da "representatividade" da "classe dirigente" que se torna "dominante" parasitária. Juntamente com essas duas condições há a presença de um líder carismático de massas. Apesar de sua utilidade, esse esquema é insuficiente pois impede a distinção de populismos de um ou outro líder, caracterizando indivíduos distintos como lideranças de massa. São noções abstratas sem vínculos histórico-sociais determinados, como por exemplo a associação de "massa" como mero conglomerado e a "perda de exemplaridade" como ineficácia dos padrões e valores estabelecidos pelas camadas dominantes (WEFFORT, 1980).

Uma condição geral desse fenômeno é a necessidade de uma relação política entre os indivíduos e o poder, que, nesse caso, toma a forma de uma relação entre o poder e uma massa de indivíduos politicamente isolados entre si. Esta condição só é possível em um sistema capitalista. Assim, há a necessidade de se especificar em cada uma de suas formas sua natureza política, o que levará para uma especificação de classe (WEFFORT, 1980).

Nas formas espontâneas do populismo, a massa vê na pessoa do líder o projeto de Estado; abandona-se a ele, entrega-se à sua direção e, em grande medida, ao seu arbítrio; o controle direto que exerce sobre o líder não executa racionalmente através da análise política das suas ações concretas. A massa confia no líder e cabe a ele manter esta confiança. Qualquer ação discrepante pode avariar a imagem que legitima seu poder e se ele pode restabelecê-la, isto se deve menos às explicações racionais que possa oferecer que às novas ações que possam restabelecer confiança (WEFFORT, 1980, p.41).

Na política brasileira, o populismo se configura tanto como um estilo de governo, quanto uma política de massas, sendo ambos apenas compreensíveis no contexto do processo de crise política e de desenvolvimento econômico pós 1930. Fora, segundo o autor, uma manipulação das massas, mas não de forma absoluta.

Em realidade, o populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz mais que ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma. O populismo foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações. Foi, ao mesmo tempo, uma forma de estruturação do poder para os grupos dominantes e a principal forma de expressão política da emergência popular no processo de desenvolvimento industrial e urbano. Foi um dos mecanismos através dos quais os grupos dominantes exerciam seu domínio mas foi também uma das maneiras através das quais esse domínio se encontrava potencialmente ameaçado. Esse estilo de governo e de comportamento político é essencialmente ambíguo e, por certo, deve muito à ambiguidade pessoal desses políticos divididos entre o amor ao povo e o amor ao poder (WEFFORT, 1980, p.62)

Para Laclau (2005 apud BORÓN, 2012), o populismo aparece como um atributo geral da política ou como um tipo de vinculação entre líderes e massas, uma estratégia discursiva ou uma retórica. Trata-se, portanto, de uma forma política desprovida de conteúdo, pois o conceito se dilui ao grau em que se torna coextensivo com a noção mesma de política (BORÓN, 2012).

Nossa intenção (...) não foi encontrar o verdadeiro referente do populismo, mas fazer o oposto: mostrar que o populismo não tem nenhuma unidade referencial porque não está atribuído a um fenômeno delimitável, se não a uma lógica social cujos efeitos atravessam uma variedade de fenômenos. O populismo é, simplesmente, um modo de construir o político (Laclau, 2005, p. 11 apud BORÓN, 2012, p.141).⁷

No trabalho de Silva e Rodrigues (2015) sobre a obra “A razão Populista” de Ernesto Laclau, os autores explicam como essa lógica é constituída: Em uma sociedade existem demandas que grupos solicitam às instituições políticas. Se estas solicitações chamadas de “demandas democráticas” forem atendidas individualmente, o problema acaba. Mas se as instituições ignorarem as “demandas democráticas”, elas se acumulam na sociedade passando de uma solicitação para uma exigência, sendo denominadas então de “demandas populares”. Estas, por sua vez, constituem o "povo" e sua contraposição, as instituições políticas opressoras. Por serem heterogêneas, estas demandas precisam de um significante vazio que as unifique, que por sua vez, se cristalizam na pessoa de um líder (SILVA; RODRIGUES, 2015).

Para Borón (2012), o ressurgimento do termo populismo na política latino-americana consiste na persistente caracterização desqualificatória, por parte de “administradores imperiais”, acerca de qualquer governo que não se subordine completamente às suas exigências. Caracterização esta que a mídia repete à exaustão. Para o autor, ao contrário do imperialismo que nunca deixou de existir, o populismo, concebido de acordo com suas características estruturais, desapareceu há algumas décadas. As tentativas de ressuscitá-lo não condizem com o cenário político atual do continente devido ao desaparecimento da burguesia nacional, seu polo de sustentação, e pela fragmentação da classe operária organizada, sua antagonista.

O Cesarismo, segundo Gramsci (SADER, 2012), exprime uma solução “arbitral” (confiada a uma personalidade) de uma situação histórico-política caracterizada por um

⁷ Nuestro intento (...) no ha sido encontrar el verdadero referente del populismo, sino hacer lo opuesto: mostrar que el populismo no tiene ninguna unidad referencial porque no está atribuido a un fenómeno delimitable, sino a una lógica social cuyos efectos atraviesan una variedad de fenómenos. El populismo es, simplemente, un modo de construir lo político. Tradução livre.

equilíbrio de forças com perspectivas catastróficas. Este pode ser considerado progressivo ou regressivo de acordo com o direcionamento de sua intervenção. Ainda em referência à Gramsci, Bobbio (1998, p.160) simplifica a definição em “situações sociais caracterizadas pela criação, se bem que por motivos variados, de um certo equilíbrio entre as forças políticas e sociais em campo”. Segundo o autor, nenhuma destas forças se acha nunca completamente vencida. Assim, todo governo fruto de coalização pode desenvolver diferentes graus de Cesarismo, caracterizadas pela figura heroica do chefe carismático. A ocorrência desse fenômeno se dá comumente em situações de equilíbrio entre grupos que se opõem, especialmente se este for de caráter momentâneo.

Segundo Dorna (2007 apud Barlach, 2012) o cesarismo carismático consiste em um sistema político e um poder pessoal apoiado no povo e no exército. Em referência à Júlio Cesar, se assemelha a um absolutismo de conotação popular, misturando soldado e líder político, fora o precursor do carisma de Estado. Nessa categoria inclui-se o bonapartismo, já que ambos são conservadores, buscam estabelecer ordem na continuidade e são muito eficientes na utilização da propaganda e manipulação da própria imagem.

Luis Felipe Miguel (2000), apresenta a ideia de mito político de acordo com Georges Sorel, apontando que “Em primeiro lugar, os mitos são imagens não suscetíveis de serem apreendidas pela razão” (MIGUEL, 2000, p. 31). O mito de Sorel rejeita a razão, pois poderia degradá-lo a utopia. Nos discursos políticos, entretanto, a rejeição da razão é velada, pois é característica da política a combinação de apelos racionais e afetivos. Outra característica importante é a de força motriz do mito político: seu sentido é mobilizar para a ação. Além disso, o mito deve aparecer como verdade (científica, revelada ou amparada no senso comum), pois para o público ela é incontestável estando acima da razão dos fatos.

A teoria de Sorel gerou dois deslocamentos importantes. O primeiro é de que o mito deixa de ser pensado no contexto de uma revolução proletária e se torna um elemento presente em discursos políticos de variados teores. O segundo deslocamento é a redução do peso, tornando-se presente em discursos políticos efêmeros ou de pequeno alcance. Assim, são vários os elementos míticos recorrentes, como por exemplo o do Salvador, que conduz a nação à prosperidade.

O mito político, tal como definido até aqui, é uma poderosa força motriz para a ação política, tendo como característica básica sua recusa à razão. Ele se opõe, portanto, à visão da política como feita de opções racionalmente motivadas, fruto da interação de cidadãos conscientes de seus próprios

interesses com políticos que expõem com nitidez seus programas de ação (MIGUEL, 2000, p. 35)

Junto com a ideia do Salvador, aparece a ideia de conspiração, de elementos estranhos na sociedade que defendem interesses alheios e são fatores de desintegração. A efetivação de um projeto político requer uma unidade para mantê-lo, precisa reunir múltiplas individualidades e interesses em um projeto comum. O Salvador, portanto, é aquele que encarna o todo social contra os interesses egoístas dos adversários. “O anseio por harmonia, por unidade, está presente em todos os mitos políticos. Uma harmonia que significa o fim da política, pois ela (a política) só existe a partir do momento em que há discrepância quanto ao ordenamento da vida em sociedade” (MIGUEL, 2000, p.42).

A apresentação desses três conceitos, como ressaltado anteriormente, servem para ilustrar denotações recorrentes acerca de Chávez. Estes serão retomados posteriormente na conclusão da pesquisa.

1.4 Discurso Chavista

Os discursos políticos ajudam na fixação da fronteira entre "nós" e "outros", tarefa primordial entre os políticos que os utilizam para veicular os projetos que buscam encarnar e também as políticas das quais seriam instrumentos. Os mecanismos de identificação entre representado e representantes passam obrigatoriamente pelos discursos, que permeiam toda a atividade política, mesmo aquelas que adquirem as características de luta ou jogo. A política, pela categorização de Anatol Rapoport, consiste na justaposição entre debate (convencimento e adesão do interlocutor e da plateia), luta (cujo objetivo é a destruição do inimigo) e jogo (a vitória sobre o adversário, de acordo com as regras estabelecidas). Assim, o elemento crítico nas manobras políticas é a criação de sentido através da construção de crenças sobre os significados de eventos, problemas, crises, mudanças políticas e líderes (MIGUEL, 2000).

O discurso contribui para a constituição e transformação da sociedade e da cultura por três domínios da vida social: as representações do mundo; as relações sociais entre as pessoas; as identidades individuais e sociais das pessoas. Isso quer dizer que o discurso é uma parte importante para se compreender as formas de relação da política e o poder. Em um contexto de mudanças na democracia faz-se necessária a construção de estratégias para se alcançar o "convencimento geral" no sentido de legitimação das relações de poder.

Para tanto, o discurso político deve aprimorar seus mecanismos de implementação através de ações que legitimem os atos da fala de uns e deslegitime a de outros (ROMERO, 2005).

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição (...). Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 9)

Foucault (1996) argumenta que existe uma relação íntima entre o conhecimento e o poder dentro de uma coletividade e, dessa forma, o discurso que orienta a sociedade é o daquele que detém o saber. Assim, o sujeito é aquele que está determinado pelas ideias vindas dos superiores, ou seja, pela classe que detém o poder ideológico. No campo da política o discurso deixa de ser transparente e neutro e torna-se o lugar onde a palavra exerce privilégio e poder, sendo a verdade usada como mecanismo de controle social. Segundo Chartier (1990 apud TEDESCHI; ARCE, 2014), as representações estão conectadas aos interesses dos grupos sociais e assim

é possível dizer que ao difundir o processo político conhecido como Revolução Bolivariana, os discursos do presidente Chávez aludem a representações construídas em sintonia com seus projetos políticos e interesses, visando se consolidar e se manter no poder. Neste sentido, as representações se entrelaçam às lutas políticas que ocorrem através dos discursos e no campo das representações (CHARTIER, 1990 apud TEDESCHI; ARCE, 2014, p.229).

Para alcançar o poder, o Chavismo usou-se de estratégias discursivas onde, em primeiro lugar, desmontou suas representações e ideias e se baseou em propostas de superação da crise *puntofijista*. Isso permitiu a configuração do movimento como uma alternativa viável ao poder. Dessa forma, sua lógica discursiva incorporou e se direcionou ao cidadão comum, de uma maneira mais informal, algo que não se aplicava à realidade que se intencionava superar, onde o ator principal configurava-se no partido. O discurso de Chávez passou a associar o ator "povo" com valores sociais positivos, de civilidade, cidadania, permitindo, portanto, a identificação dos cidadãos com o líder (ROMERO, 2005).

É possível dizer, portanto, que os discursos de Chávez, além de serem uma forma de exercício de poder, também são responsáveis pela construção de verdades que foram concretizadas no processo político da Revolução Bolivariana. Assim, os meios de comunicação desempenharam papel fundamental nos acontecimentos políticos desse período, entre eles, a manutenção do poder, através de uma constante propaganda e promoção das políticas do regime. Chávez o exercia com uma alta capacidade de inserção, mobilização e convencimento das massas em torno de suas ideias através de um discurso bem elaborado, sendo a mídia apenas um dispositivo eficaz para se atingir esse objetivo (TEDESCHI; ARCE, 2014).

Na verdade, se tratava de uma sensação mais aparente do que real, pois a mídia exerceu um papel no governo Chávez de um dispositivo capaz de proporcionar evidência (rápida, pomposa e superlativa) a suas políticas. Tratava-se naturalmente de uma relação de poder em que um líder se sentia o 'legítimo' representante de um povo, exercendo poder sobre ele, enquanto esse 'povo' exercia um poder sobre Chávez, tendo em vista que sua permanência no cargo dependia de que continuasse existindo essa aceitação (TEDESCHI; ARCE, 2014, p.235).

Outro aspecto inerente à política é o espetáculo, mas, sua redução a isto é realizada como uma crítica à política democrática contemporânea onde os conflitos e decisões seriam encenações direcionadas aos eleitores. Murray Edelman faz uma distinção entre a política voltada à plateia (o espetáculo) e a política como disputa de interesses. Na primeira, dirige-se a um público considerado incapaz de compreender as consequências de atos políticos, respondendo apenas a apelos emocionais. Já a política-interesse seria um privilégio de pequenos grupos atuantes conscientes dos objetivos disputados. Mesmo considerado os comportamentos perfeitamente irracional, referente ao público, e o perfeitamente racional em relação aos grupos atuantes, é necessário demarcar conexão entre a política de espetáculo e a disputa de interesses: "o espetáculo existe em função da disputa de interesses" (MIGUEL, 2000, p.62). O político entra no palco em busca de um posicionamento que seja favorável aos seus interesses. A política, mesmo com seus aspectos de espetáculo, molda uma *práxis* a partir das representações que compartilha.

Segovia (2009) analisa o discurso de Chávez partindo do pressuposto que este seja populista. A relação de Chávez com as massas se sustenta com uma mensagem de conteúdo emocional, centrado na ideia do povo e de revolução. Outro pilar de sua retórica consiste em abordagens místicas, culto a Simon Bolívar e outros heróis do passado, símbolos religiosos e apelação a valores tradicionais para justificar suas ações. Há

também uma auto-referência positiva e a utilização da "técnica do homem simples" a fim de ser reconhecido como "mais um" (SEGOVIA, 2009).

García (1988 apud SEGOVIA, 2009) argumenta que uma característica essencial do populismo é sua especificidade cultural, eixo onde se encontra a unidade latino-americana. A mensagem populista se centra na tradição cultural popular porque se utiliza de suas imagens e símbolos de onde se nutre sua retórica aliada de elementos emocionais. A liderança e seu programa possuem uma importância maior que a ideologia, apelando para a noção de "povo" e também ao "nacional-popular-tradicional" atingindo então uma forte conexão emocional e afetiva com as massas.

No discurso político populista as palavras têm poder porque procedem de alguém provado na luta "na qual fora glorificado e reconhecido". Sua comunicação diante da multidão, oralmente, "é um momento privilegiado no exercício do poder político populista (...) é algo essencial, constitutivo: é (...) o poder da palavra efectora. Realiza o que pronuncia" (DUSSEL, 1983 apud SEGOVIA, 2009).⁸

Tanner Hawkins (2003) argumenta que Chávez se utilizava da mídia para ampliar seu apelo carismático. A maneira na qual se comunicava com setores populares combina a retórica de velhas lideranças populistas, expressões coloquiais e anedotas. Esse contato fora ampliado através do programa "*Aló Presidente*", uma emissão semanal no rádio e televisão que poderia durar quatro ou cinco horas, onde conversava diretamente com a população, atendia chamadas para conversar com os cidadãos sobre seus problemas, contava histórias ou recordações pessoais, fazia piadas, ou seja, se identificava com o povo. Este mecanismo se tornou o principal recurso de mobilização e incorporação política.

Os destinatários da mensagem de Chávez, os setores mais pobres e marginalizados, nem leem a prensa escrita e sustentam sua relação com o líder político (...) através dos afetos, sem dúvida nessa dimensão a televisão, principalmente, e o rádio têm um papel primordial (...) Chávez produziu uma inclusão simbólica dos mais pobres e marginalizados na cena política do país. O presidente fez visível a esses excluídos e ali localiza boa parte de seu poder (CAÑIZÁLEZ 2003, p. 33 e 34).⁹

⁸ En el discurso político populista las palabras tienen poder porque proceden de alguien probado en la lucha "por la que se le ha glorificado y reconocido". Su comunicación ante la multitud, oralmente, "es un momento privilegiado en el ejercicio del poder político populista (...) es algo esencial, constitutivo: es (...) el poder de la palabra efectora. Realiza lo que pronuncia". Tradução livre.

⁹ Los destinatarios del mensaje de Chávez, los sectores más pobres y marginados, ni leen la prensa escrita y sostienen su relación con el líder político (...) a través de los afectos, sin duda en esta dimensión la televisión, principalmente, y la radio, tienen un papel primordial (...) Chávez ha producido una inclusión simbólica de los más pobres y marginados en la escena política del país. El presidente ha hecho visibles a esos excluidos y allí radica buena parte de su poder. Tradução livre.

É importante ressaltar que, enquanto utilizava-se de seu discurso para se aproximar do povo, o utilizava de maneira oposta para se referir aos seus opositores. Erlich (2005) faz uma análise discursiva sobre duas emissões do programa “*Aló Presidente*” onde constata a utilização de formas de tratamento específicas quando se dirige a cada público, promovendo assim a polarização político social venezuelana.

Outro benefício gerado pelo acesso direto de amplas audiências é o estabelecimento da agenda midiática, anúncio de políticas e mobilização de apoios. Chávez, portanto, se utilizava de seus discursos como forma de combater a desinformação e as mentiras divulgadas pela mídia opositora. Sua intensa presença nas rádios e televisão tornou-se um dos principais recursos do governo e de construção política (TANNER HAWKINS, 2003).

1.5 Conflitos com a Mídia

A crise política que antecedeu a ascensão de Hugo Chávez na Venezuela fez com que os meios de comunicação assumissem um papel crítico que os fortalecia enquanto atores, na medida em que contribuía para um vácuo político. Ao demandar mudanças, emergiram como “defensores do povo” denunciando persistentemente a falta de representatividade e a corrupção da velha classe política. A mídia, portanto, teve um papel importante no clima de insatisfação que culminou na eleição de Chávez (KITZBERGER, 2009).

Houve pouco apoio da mídia na campanha eleitoral de 1998 e o início de seu mandato foi tranquilo, uma “lua de mel”. Os conflitos começaram apenas no ano seguinte, quando uma cobertura jornalística enfatizou a inação do governo às vítimas de uma avalanche, o que gerou as primeiras reações de Chávez. A partir daí iniciou-se um conjunto de ações e reações entre o governo e a imprensa que converteram o caso venezuelano no paradigma das relações polarizadas e partidárias. Houvera, neste caso, uma prévia debilidade de valores profissionais no meio jornalístico, que se evidencia em momentos críticos, potencializando esta polarização (KITZBERGER, 2009).

Chávez começa a se confrontar publicamente com jornalistas e proprietários dos meios de comunicação, classificando-os como inimigos do povo e do projeto bolivariano. Agregado a isso, tem-se a orfandade de oposições político-partidárias organizadas,

consolidando os meios privados em um aglutinador de vozes opositoras (KITZBERGER, 2009).

O discurso midiático ainda que crítico ao de Chávez, justamente o reproduziu, em outra direção, e nos encontramos diante de um debate político pobre, que se expressa desde os afetos e com visões simplistas e maniqueístas. De forma reiterada, em muitos espaços midiáticos, chamam Chávez de "tirano" ou "ditador", enquanto que o presidente os qualifica de "golpistas" (CAÑIZALES, 2003, p.32).¹⁰

O ápice desse processo foi em abril de 2002 durante a greve de diretores da empresa petrolífera estatal PDVSA. As demissões pelo presidente geraram vários protestos e greves encabeçadas pelos setores empresariais e sindicais, os quais receberam uma cobertura dos meios privados a fim de ressaltar sua contundência. O governo tentou responder as acusações pela televisão, mas os canais privados se recusaram a transmitir o pronunciamento. Nesse mesmo dia, uma coalizão de empresários e militares depuseram o presidente afirmando que este havia renunciado, algo que não fora questionado pelas outras emissoras, ao mesmo tempo em que grupos ligados aos golpistas bloqueavam a transmissão das emissoras públicas. Os pronunciamentos militares e protestos em apoio a Chávez não foram noticiados. O desenrolar da crise se constituiu basicamente no conflito entre aliados de Chávez e golpistas pelo controle da informação que chegava à opinião pública venezuelana (KITZBERGER, 2009).

O conflito entre governo e mídia caminhava juntamente com a radicalização do processo político do país. O governo acusava os meios privados de serem golpistas, praticantes do terrorismo midiático e fantoches do imperialismo, ao mesmo tempo em que investia na ampliação dos meios públicos, onde a programação se dava em resposta à cobertura política do jornalismo privado. Houve uma profunda alteração na agenda jornalística dos meios opositores, bem como um rompimento da relação fontes-jornalistas devido ao aumento da preferência do governo em se comunicar diretamente. O governo, portanto, quebrou o monopólio da mediação jornalística entre Estado e sociedade civil (KITZBERGER, 2009).

Posteriormente diretrizes voltadas para a comunicação foram lançadas no "*Plan Nacional de Desarrollo Económico y Social 2007-2013*", inaugurando uma "hegemonia

¹⁰ El discurso mediático aunque critica al de Chávez, justamente lo ha reproducido, en otra dirección, y nos encontramos ante un debate político pobre, que se expresa desde los afectos y con visiones simplistas y maniqueas. De forma reiterada, en muchos espacios de los medios, se llama "tirano" o "dictador" a Chávez, mientras que el presidente los califica de "golpistas". Tradução Livre.

comunicacional e informativa do Estado”. Conhecido por “*Comunicación Revolucionaria del Socialismo del Siglo XXI*”, esse projeto político pretendia modificar o sistema comunicacional do país. Houve uma redefinição na relação dos meios de comunicação de massas com a esfera do poder político, bem como do Estado na qualidade de agente interventor e regulador da sociedade. O Estado tornou-se “comunicador” implementando um conjunto de políticas públicas que visavam sua hegemonia comunicacional e informativa para a propagação das ideias socialistas. Dessa maneira, seria possível propagar os ideais revolucionários, bem como impedir as mensagens passíveis de subversão (CANELÓN-SILVA, 2014).

Para o novo panorama estratégico que se propõe, a luta que cai no campo ideológico tem a ver com uma batalha de ideias pelo coração e mente das pessoas. Há que elaborar um novo plano, e o que nós propomos é que seja para a hegemonia comunicacional e informativa do Estado [...] Nosso socialismo necessita de uma hegemonia comunicacional [...] todas as comunicações têm que depender do Estado como bem público (WEFFER, 2007 apud CANELÓN-SILVA, 2014, p.1249).¹¹

Entre os objetivos principais dessas políticas está a construção da soberania e democratização comunicacional, onde seria garantido o direito do povo de estar informado e praticar o livre exercício da comunicação, garantir que todos os meios de comunicação fossem instrumentos de formação dos valores bolivarianos e consolidar o controle social dos meios de comunicação como ferramenta para o fortalecimento do poder popular. Assim, seria possível o desenvolvimento de um mundo multicêntrico e multipolar sem dominação imperialista e com respeito a autodeterminação dos povos (CANELÓN-SILVA, 2014).

Outra medida relevante foi a promulgação da *Ley Resorte (Ley de Responsabilidad Social en Radio y Televisión)*, que regula os direitos e deveres dos meios de comunicação, bem como do Estado na garantia de concessões. Um dos pontos cruciais dessa medida afirma que os meios que promovam, façam apologia, incitem a guerra ou alterações da ordem pública podem ter sua concessão suspensa ou revogada. A medida estaria diretamente ligada à tentativa de golpe sofrida em 2002, onde a emissora RCTV

¹¹ Para el nuevo panorama estratégico que se plantea, la lucha que cae en el campo ideológico tiene que ver con una batalla de ideas por el corazón y la mente de la gente. Hay que elaborar un nuevo plan, y el que nosotros proponemos es que sea hacia la hegemonía comunicacional e informativa del Estado [...] Nuestro socialismo necesita una hegemonía comunicacional [...] todas las comunicaciones tienen que depender del Estado como bien público. Tradução livre.

teria papel central e, por conseguinte, não obtivera a renovação de sua concessão. Constata-se então que a figura do estado legalista tomou consistência. Através de medidas judiciais e administrativas aplicadas em prejuízo da mídia privada e até do sistema comunitário, o Estado aposta no aumento dos níveis de controle político e de censura, interferindo na independência da mídia e coagindo a livre fluência de ideias e opiniões (CANELÓN-SILVA, 2014).

Dessa forma, o governo aprofundou o confronto público com a mídia no contexto de luta ideológica. Um ex jornalista da RCTV que renunciou após abril de 2002 para ocupar o cargo de Ministro da Comunicação e de direção da Telesur, interpretou a política de ampliação da comunicação estatal como parte de uma necessidade de luta gramsciana, pelas mentes e corações a favor dos valores do socialismo em relação à hegemonia capitalista corporativa da mídia privada (KITZBERGER, 2009).

O sistema midiático rejeita quaisquer modificações que arrisquem sua autonomia. Todo movimento para a regulação da radiodifusão sob concessão pública provoca reações através de editais e artigos chamando de "ditadores cujo objetivo é acabar com a liberdade de expressão" aqueles governantes que apoiam a democratização da comunicação. O que ocorre, na verdade, é o bloqueio do debate sobre a função e os limites da atuação social dos meios. As grandes empresas do setor não possuem nenhuma autoridade moral nem ética para falar de "liberdade de expressão", já que negam continuamente a diversidade informativa e cultural através do controle seletivo de informação e opinião. Há uma confusão entre interesses empresariais e políticos com o que seria a função de informar e entreter. Isto acentua a ilegítima pretensão da mídia hegemônica de definir regras unilateralmente a fim de se colocar acima das instituições, exercendo não a liberdade de expressão, mas a liberdade de empresa (MORAES, D., 2015).

O panorama acerca da relação midiática com o Estado venezuelano permite uma melhor compreensão acerca dos conflitos acentuados na gestão de Chávez. Essa contextualização é relevante para a compreensão da tentativa de golpe de Estado sofrida em 2002 e, por conseguinte, a mudança de paradigmas de comunicação no país. Além de ser uma temática relevante para o desenvolvimento da pesquisa, sua compreensão é essencial para a análise dos documentos audiovisuais que serão posteriormente realizadas.

1.6 Sucessão e legado

Chávez faleceu em 5 de março de 2013 em Havana devido a um câncer na região pélvica. A comoção popular foi intensa, seu funeral contou com mais de dois milhões de pessoas. A construção de um mausoléu em sua memória garantiu a manutenção do culto à sua personalidade, e também a ideia de que “Chávez não morreu, apenas desapareceu fisicamente”, mensagem que as bases sociais do PSUV propagaram naquele ano (SCHURSTER; ARAÚJO, 2015).

Antes de partir para Havana, em dezembro de 2012, Chávez havia nomeado Nicolas Maduro como seu sucessor, com o intuito de iniciar uma transferência de votos e também unir o partido em eventuais disputas pela sucessão. Este também contava com o apoio das Forças Armadas, a preferência entre os aliados latino americanos (atuou como Chanceler entre 2006-2012) e pouca rejeição entre os militantes do partido. Maduro é de origem humilde e sua participação em movimentos sociais é de longa data, tendo participado do MBR-200 e sendo eleito em cargos legislativos. É, portanto, um chavista histórico (SCHURSTER; ARAÚJO, 2015), falta-lhe, entretanto, o carisma, marca registrada de Chávez (BRUCE, 2015).

A vitória de Maduro nas eleições subsequentes e as do partido nas eleições municipais em dezembro do mesmo ano, demonstraram que o chavismo poderia sobreviver sem Chávez. O atual presidente apresenta um discurso menos radical e a unidade partidária em torno dele garante a continuidade do fenômeno chavista, mas isto depende da manutenção de seu legado (SCHURSTER; ARAÚJO, 2015).

Apesar das reviravoltas sofridas nas eleições legislativas de dezembro de 2015, é importante ressaltar o legado deixado por Chávez. Houve um processo de transformação na cultura política dos cidadãos com a incorporação da participação política em seu cotidiano, através do desenvolvimento do cooperativismo nas comunidades, do auto reconhecimento, da construção de identidades locais e coletivas (BRUCE, 2015). De maneira geral é possível dizer que a partir de 1999 houve um considerável avanço nos mecanismos participativos, não só por questões institucionais, mas devido ao aumento da mobilização e organização dos cidadãos, tanto a favor do governo, quanto em oposição a ele. O processo de expansão da esfera de participação da sociedade civil venezuelana é resultado de uma trajetória de lutas e reconfigurações institucionais visando atender as demandas de uma população insatisfeita, efetivando a possibilidade de se fazerem presentes e incidirem na condução da sociedade e da política. A participação cidadã verticalizada pressupõe uma redistribuição do poder, forma parte das demandas e lutas

pela democratização de sociedades e Estados, não apenas da perspectiva política e institucional, mas também na econômica e social (LOVERA, 2008).

Finalmente, fica clara a importância de Chávez, não apenas no contexto nacional, mas também regionalmente. Torna-se evidente também as razões pelas quais as opiniões acerca de sua pessoa e de sua gestão são tão distintas, afinal seu carisma e seus projetos políticos são voltados para setores específicos da população, aqueles historicamente excluídos. Outra questão extremamente relevante para a realização desta pesquisa é sua relação com a mídia, assunto que será abordado no próximo capítulo. Os meios de comunicação, tanto na Venezuela quanto internacionalmente, são majoritariamente privados e constroem suas programações e linhas editoriais baseados em interesses de mercado. Assim, é possível compreender que a relação do ex-presidente com estes meios seja, em sua essência, conflituosa.

CAPÍTULO 2 – FERRAMENTAS DE PESQUISA E METODOLOGIA

A leitura do capítulo dois acerca da relação conturbada entre o ex-presidente Hugo Chávez e a mídia, bem como a reorganização das comunicações do país em virtude da divulgação dos ideais bolivarianos, permite a compreensão do nível de polarização informativa ali produzida. Considerando isso, as ferramentas de pesquisa aqui utilizadas serão filmes documentários acerca de Hugo Chávez e seu governo, todos com viés favorável à sua pessoa. Essa escolha se deu justamente para enfatizar o maniqueísmo exercido nestas abordagens. Ao longo deste capítulo, as devidas justificativas serão apresentadas.

2.1 Documentários

Documentários consistem em uma abordagem possível daquilo que chamamos de real (GAUTHIER, 2011). Passek (2001), em seu *Dictionnaire du Cinema*, no verbete *documentaire* (p.383) faz um panorama histórico do surgimento e desenvolvimento desse movimento filosófico e estético da sétima arte. O autor cita John Grierson com "documentar um fragmento no qual é detectado um tratamento criativo da atualidade". Completa dizendo que "geralmente, este termo designa toda obra cinematográfica não abrangida pela ficção, que se preocupa em descrever ou reconstituir o real"¹².

Os documentários representam aspectos do mundo em que vivemos, expressando uma compreensão sobre o que a realidade foi, é, ou poderá vir a ser. Proporcionam, dessa forma, novas visões sobre o mundo para que as exploremos e compreendamos. Abordam temas que necessitam de atenção, apresentando questões sociais e atualidades, e assim firma-se um vínculo sólido com o mundo histórico, pois acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social (NICHOLS, 2005).

São três as maneiras pelas quais os documentários se engajam na representação do mundo. Em primeiro lugar, proporcionam uma representação reconhecível do mundo por sua capacidade de registrar os acontecimentos com fidelidade, situações possíveis fora de um cinema. A verdade, entretanto, é relativa já que uma imagem não é capaz de mostrar tudo o que realmente aconteceu, bem como pode ser manipulada de diversas formas (NICHOLS, 2005).

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada

¹² Tradução livre.

diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade (NICHOLS, 2005, p.28).

Em segundo lugar, os documentários significam ou representam interesses de terceiros, seja dos sujeitos tema de suas abordagens, seja de instituições patrocinadoras. Assumem, muitas vezes, o papel de representantes do público. Por fim, podem apresentar a defesa de uma maneira de interpretação de provas, tendo a capacidade de intervenção direta ao apresentar a natureza de um assunto, conquistando consentimento ou influenciando opiniões (NICHOLS, 2005).

Para um filme pertencer à categoria de documentário, deve exibir características comuns àqueles já indexados dessa forma, ou seja, obedecer a certas convenções que permitem distingui-los, como o uso de comentário em voz de Deus, entrevistas e gravação de som direto. O documentário se organiza pela lógica de sustentação de um argumento, uma afirmação ou uma alegação sobre o mundo histórico. Sua continuidade é garantida por uma montagem que prioriza situações que se relacionam no tempo e no espaço através de ligações reais e históricas. As tomadas, então, formam a retórica em torno de um argumento que lhe dá direção. Os personagens são atores sociais que levam a vida de forma semelhante ao que seria sem a presença da câmera, em suas atividades e papéis cotidianos. Proporcionam informação, dão testemunhos, oferecem provas. A organização de um documentário é avaliada por seu poder de persuasão ou convencimento de suas representações. Finalmente, é possível dizer que o documentário estimula o desejo de saber do público através da promessa de informação e conhecimento, descobertas e consciência: aquele que sabe compartilhará conhecimento com aqueles que desejam saber (NICHOLS, 2005).

Ramos (2008) argumenta que a noção de verdade se aproxima daquilo que é definido como interpretação. Comolli (2004) defende que a parte documentária do cinema implica que os registros de ações são necessariamente referidos à realidade de sua manifestação, sendo estas provocadas ou não pelo filme. Este, por sua vez, se torna um filtro modificador da forma das coisas, mas não de sua realidade. A realidade referencial é definida anteriormente pelo cinema documentário e se impõe a ele como uma lei. Nichols (2005) propõe que a interpretação é uma questão de se compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores.

O documentário é responsável pela ampliação de possibilidades de se pensar a relação entre arte e política, pois proporciona "a análise de ambas dimensões enquanto fluxos que se encontram e se misturam." (SEGURADO, 2007). Segundo Avellar, "O

cinema é político porque muda o nosso modo de ver e sentir o mundo, não porque se propõe mudar as relações de poder que discute na história contada em determinado filme” (1995, p. 284). Assim, estes têm contribuído na ampliação do debate em torno de temas relacionados à sociedade contemporânea que está fortemente permeada pelas imagens.

Chaia (2011), por sua vez, defende que a dimensão política do cinema se torna evidente ao tratar de lideranças políticas e propagar perspectivas que abordam os governantes, construindo, assim, imagens públicas que se tornam parte do imaginário político. O cinema, portanto, ratifica o aparecimento do personalismo na cultura política contemporânea, por ser marcado por concepções que influenciam a prática política. Mesmo a autora limitando sua análise ao caso brasileiro, é possível observar semelhanças em seu argumento de que é depositada fé no indivíduo, no líder, como se sua autoridade pudesse solucionar os problemas nacionais.

É valorizado o prestígio pessoal, a capacidade individual, como se um indivíduo fosse capaz de levar avante sozinho um projeto de governo. O que prevalece nesse tipo de visão é a ideia de que o Estado, identificado com o Executivo, resolve todos os problemas, atende aos “necessitados”, ocorrendo, portanto, uma supervalorização do Executivo e do governante. O personalismo traz em si mesmo um traço perverso, pois desqualifica as organizações democráticas, desvaloriza as instituições, prevalecendo nesses estilos de liderança política um traço autoritário. Essa concepção do personalismo na cultura política também pode contribuir para uma visão elitista, pois somente algumas pessoas possuiriam qualificações adequadas para governar” (CHAIA, 2011, p.105).

Ao unir cinema documentário e política, em especial, o estudo de lideranças políticas, chega-se em Hugo Chávez. O acervo audiovisual a seu respeito reforça sua imagem carismática, sua liderança e a construção de uma identidade nacional bolivariana. Garante, portanto, a manutenção desta imagem no imaginário político, cumprindo o papel de fonte de “memória popular” (NICHOLS, 2005, p. 90).

Comolli (2004) ressalta que o cinema, por trabalhar as formas sensíveis e inteligíveis da relação entre os homens, é uma arte fortemente política. Estes filmes têm em comum um retrato predominantemente positivo sobre a figura de Chávez, bem como da situação venezuelana, o que pode se inserir no argumento de Gauthier (2011) de que:

Um documentário é uma pesquisa, de algum modo uma investigação, e, por isso, tudo é questão de método. Se a temática é vasta demais para que se possa ter a ambição de chegar à *Verdade*, que só pode ser parcelar, cabe ao cineasta demonstrar que ele não trapaceia com sua convicção. (GAUTHIER, 2011, p.120)

2.2 Mídias utilizadas

Em um contexto onde as práticas sociais podem adotar diversos conjuntos de valores, estes devem competir entre si: os valores dominantes para a manutenção de sua hegemonia e os alternativos para obter legitimidade. Essa disputa ocorre em uma arena ideológica através de mecanismos de persuasão. Esta, por sua vez, requer comunicação que depende de um meio de representação. O documentário, portanto, tem a função de convencer o público a uma determinada visão do mundo real em que se vive, ativando não apenas a percepção estética, mas também a consciência social (NICHOLS, 2005).

O primeiro filme, “Ao Sul da Fronteira” (Oliver Stone, 2010), apresenta a tentativa do diretor em explicar o fenômeno político chavista e sua Revolução Bolivariana. Para isso, conversa não apenas com Chávez, mas também com outros chefes de Estado latino-americanos para melhor compreender o momento político vivido no continente.

Alguns pontos relevantes são enfatizados ao longo do filme, entre eles as históricas interferências do FMI e da política estadunidense na região, que foram finalmente enfrentadas por alguns presidentes, encabeçados pela audácia de Chávez que se mantivera sozinho, durante alguns anos, como um chefe de Estado de esquerda na região. Sua atuação daria esperança aos países vizinhos para que eles elegeassem governantes “com a cara de seus governados”, sendo capazes de se unirem contra o grande mal que assolaria o continente, o imperialismo dos Estados Unidos e, com fortalecimento mútuo, dariam continuidade à nova Era iniciada por Hugo Chávez. Mesmo com a mídia dos Estados Unidos chamando Chávez de ditador e com a intensa oposição dos meios de comunicações nacionais, esses governos foram eleitos. Um detalhe que é importante acrescentar seria a relação íntima entre o diretor Stone e Chávez, como se fossem velhos amigos conversando de maneira informal.

O segundo documentário, “Meu Amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014) é uma continuação de “Ao Sul da Fronteira”, trata-se de uma homenagem póstuma a Chávez. Nele, são entrevistadas pessoas próximas ao ex-presidente que reforçam seu caráter humilde, sua simpatia, sua dedicação com a Revolução Bolivariana e, principalmente, com o povo venezuelano. Outros elementos essenciais que são abordados são o sucesso inesperado do lançamento do primeiro filme, a tentativa da oposição de lhe atingir, sua batalha contra o câncer, a suspeita desta doença ter sido uma conspiração, o vazio político que sua ausência causaria, seu legado como um dos grandes libertadores da Venezuela e como líder latino-americano, a repercussão da mídia norte-americana e o início do governo de Nicolás Maduro.

“A Revolução não será televisionada” (Donnacha O’Briain e Kim Bartley, 2003) seria inicialmente um documentário sobre Chávez, “o homem por trás do processo revolucionário da Venezuela”, mas acabou presenciando a ocorrência de um golpe de Estado¹³, o que alterou seu foco. O filme apresenta a trajetória desse processo, se iniciando meses antes a partir da contextualização do cenário político do país, o desenrolar de uma crise encabeçada por opositores políticos, a realização do golpe, seu fracasso e o retorno de Chávez nos braços do povo. Dentre os aspectos apresentados pelo filme e que nos são aqui relevantes, estão as relações conflituosas entre Chávez e o governo estado-unidense administrado por George W. Bush (2001-2009); a relação do carismático ex presidente, que se mostra muito acessível, à população humilde; a importância da Constituição Bolivariana homologada em 1999 que trouxe o aumento da participação política; o espírito de solidariedade oriundo dos ideais revolucionários; o medo da classe média; a discrepância entre a Alta e a Baixa Cúpula do Exército; a atuação conspiratória dos meios de comunicação privados.

Com o vasto acervo audiovisual disponível para a realização desta pesquisa, se observará a figura de Chávez como figura central da revolução bolivariana. Será possível acompanhar não apenas sua atuação de fato, mas a tentativa de manutenção de todo o seu legado, fruto de um intenso trabalho, que repercutiu na vida do povo venezuelano.

2.3. Metodologia

Como já discutido, os documentários consistem em representações da realidade, estando a noção de verdade ligada à interpretação. Assim, os filmes em questão apresentam suas versões sobre Hugo Chávez e os acontecimentos na Venezuela, sustentando suas argumentações de forma coerente. Todos mostram visões positivas acerca do papel que o ex presidente desempenha, algo extremamente condizente com a polarização política ali vivida. Funcionam, portanto, como um registro histórico do momento político representado.

Para cumprir o objetivo desta pesquisa que consiste na análise da construção de imagem de Chávez nos documentários supracitados, a metodologia desse trabalho será qualitativa em sua totalidade. Em um primeiro momento, haverá uma análise interna dos documentários que abordam três momentos distintos da trajetória em questão,

¹³ Golpe de abril de 2002.

selecionando as características que orientam o discurso apresentado. Essa seleção consiste na aplicação do conceito de Enquadramento de Entman (1993), onde

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52 apud LEAL, 2007, p.4)

Dentre os temas abordados nos filmes, serão selecionados aqueles que apresentam maior proeminência para se compreender a construção da imagem de Chávez nos contextos apresentados. Assim, haverá a atribuição de pacotes interpretativos de Gamson e Modigliani (1989). Vimieiro e Maia (2011, p.242) traduzem este conceito como "agrupamentos formados por determinados dispositivos simbólicos e que têm como essência o enquadramento (...) os pacotes implicam uma faixa de posições mais do que um único grupo fechado de símbolos". Dessa forma, serão agrupadas características consideradas relevantes para o processo de análise que, posteriormente, serão atribuídas aos trechos dos filmes a fim de organizá-los.

Em segundo lugar, haverá uma descrição cronológica dos filmes, acompanhada de uma análise contextual dos momentos históricos neles apresentados. O objetivo dessa parte será esclarecer elementos que ajudem a compor a trajetória e o legado de Chávez no contexto nacional e latino-americano. Em seguida, os segmentos serão analisados de acordo com suas alocações nos pacotes interpretativos.

O último momento condiz com uma análise dos resultados obtidos nos momentos anteriores. Haverá então uma vinculação orgânica entre as duas partes (CHAIA, 2011) para compor um quadro completo de análise dos filmes em questão e, dessa forma, poder concluir como a imagem de Hugo Chávez foi construída nas mídias analisadas.

2.4 Enquadramento e Pacote interpretativo

O conceito de enquadramento apresenta uma fluidez, cuja definição varia entre cada autor. Apesar de selecionar a definição de Entman (1993 apud LEAL, 2007) para a condução dessa pesquisa, a apresentação de definições de outros autores faz-se pertinente.

Para Goffman (1974), enquadramentos são como quadros de referência geral que são acionados pelas pessoas para definir situações, dar sentido a acontecimentos e, assim, organizar a experiência pessoal e o mundo ao redor. Dessa forma, os frames ajudam a ordenar a realidade percebida, permitindo aos indivíduos "localizar, perceber, identificar e rotular um número aparentemente infinito de ocorrências concretas, definidas em seus

limites” (GOFFMAN, 1974, p.21 apud MAIA; DINIZ; LEÃO; SANTOS; OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2008, p.4).

Gitlin (1980), por sua vez, propôs que enquadramentos são “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção e ênfase, e exclusão, através dos quais os administradores de símbolos organizam rotineiramente seus discursos” (GITLIN, 1980, p.7 apud MAIA; DINIZ; LEÃO; SANTOS; OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2008, p.4). Já Gamson e Modigliani (1989) definem enquadramento como “uma ideia organizadora central ou um enredo que proporciona o sentido para o desdobramento de uma série de eventos, promovendo a conexão entre eles. O enquadramento sugere sobre o que é a controvérsia em tela e qual a essência da questão” (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, p.143 apud MAIA; DINIZ; LEÃO; SANTOS; OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2008, p.4).

Matthes e Kohring (2008) apresentam uma nova metodologia de análise de enquadramentos.

[...] nós entendemos um enquadramento como um certo padrão em um dado texto que é composto por diversos elementos. Esses elementos não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos enquadramentos previamente definidos. Ao invés de codificar diretamente o enquadramento como um todo, nós sugerimos partir o enquadramento em seus elementos isolados, os quais podem ser mais facilmente codificados em uma análise de conteúdo. Depois disso, uma análise dos agrupamentos desses elementos deve revelar os enquadramentos. Isso significa que quando alguns elementos agrupam-se sistematicamente de uma forma específica, eles formam um padrão que pode ser identificado através de diversos textos em uma amostra. Nós chamamos esses padrões de enquadramentos (MATTES; KOHRING, 2008, p. 263 apud VIMIEIRO; MAIA, 2011, p.241).

Os elementos de enquadramento proposto pelos autores são similares aos "pacotes interpretativos" de Gamson e Modigliani (1989). Estes, possuem uma estrutura interna que abriga uma ideia organizadora central, o enquadramento. Assim, apresentam símbolos condensados, chamados de dispositivos, que sugerem o cerne do enquadramento. Os dispositivos simbólicos, por sua vez, podem ser de enquadramento (*framing devices*) ou de justificação (*reasoning devices*). Os primeiros sugerem como pensar sobre uma questão ou fornecem a estrutura para 'ler' o tema, podendo ser cinco: metáforas; exemplos; slogans ou chavões; representações; imagens visuais. Já os *reasoning devices*, justificam o que deveria ser feito sobre esse dado assunto, fornecem argumentos ou razões. Estes são três: origens ou causas; consequências ou possíveis efeitos; apelo a princípios. Estes dispositivos são responsáveis por sugerirem o cerne do enquadramento (VIMIEIRO; MAIA, 2011).

O processo de análise começou com assistir cada filme uma série de vezes anotando possibilidades de categorização dos assuntos abordados. Depois de uma seleção, seis categorias foram elaboradas para a classificação de conteúdos discutidos em cada trecho. A construção de categorias baseada no material utilizado é uma escolha metodológica a fim de melhor contemplar o foco da análise. As categorias são: a) Nacionalismo/Bolívar; b) Relação com as massas; c) Imperialismo/Oposição internacional d) Oposição nacional; e) Integração regional/apoio latino americano f) Chávez.

O próximo passo foi através do software MAXQDA, a seleção de trechos dos filmes e atribuição das categorias. Cada trecho poderia englobar mais de uma categoria, sendo as nomenclaturas atribuídas de forma aleatória, e não em grau de importância. Em seguida, cada segmento foi reassistido com a realização de anotações das características, detalhes e palavras-chave considerados pertinentes para a construção análise.

Dessa maneira, pretendeu-se unir teoria e prática de forma eficiente preservando a riqueza de detalhes em todos os momentos.

3. Análise

Retomando a definição de Entman (1993) de enquadramento, temos a seleção de aspectos de uma realidade percebida e sua saliência em um texto comunicativo. Aqui, as informações apresentadas seguem as anotações realizadas previamente, com a utilização de termos e falas extraídos dos filmes. A análise em si será apresentada por filme, respeitando-se a cronologia, a fim de ser preservar a riqueza dos detalhes. Em um segundo momento, serão comparados os trechos de acordo com suas categorizações para que se possa observar os elementos específicos de cada uma delas.

3.1 Ao sul da fronteira

O filme se inicia com repórteres da rede de televisão americana Fox News se referindo a Hugo Chávez e Evo Morales como ditadores drogados. Além da apresentadora pronunciar a palavra cacau ou invés de coca, o que gerou algumas risadas, há uma clara confusão entre o consumo tradicional andino de folhas de coca com o uso da cocaína. Ao estipular essa relação, estes jornalistas se utilizam de uma questão cultural estranha à sua e a distorce com uma atribuição completamente negativa de caráter moral para se referir a chefes de Estado dos quais discordam. Essa cena anuncia o teor negativo no qual a mídia estado-unidense irá se referir a Chávez em todos os momentos em que for referida no filme. O ex presidente venezuelano é considerado um inimigo de Washington por desafiar sua supremacia e, dessa forma, é chamado também de terrorista e considerado mais perigoso para os Estados Unidos que Fidel Castro¹⁴.

Ao apresentar a trajetória de surgimento e ascensão de Chávez no cenário político venezuelano, o diretor destaca que sua trajetória militar sempre fora acompanhada do ideal de ajudar a população, algo diferente do que se espera na história do continente em um contexto de transições democráticas após longos períodos ditatoriais. Na tentativa de golpe de 1992, Chávez assumira toda a responsabilidade do ocorrido e, em seu discurso afirma que “por enquanto os objetivos que planejamos não foram concretizados na capital”, anunciando, portanto, que não desistiria. Em um momento de decadência das elites políticas, Chávez fora visto como um herói para boa parte da população. Já em sua campanha à presidência em 1997, ele “pregava a revolução e era isso que o povo queria ouvir”¹⁵. Um ex militar empenhado em lutar contra a tradição da corrupção e da

¹⁴ Chefe de Estado de Cuba entre 1959 e 2008.

¹⁵ “He is preaching revolution and that’s what the people wanted to hear” - Bart Jones autor de “Hugo! The Hugo Chávez story from mud hut to perpetual revolution”.

desigualdade econômica em um cenário de crise, tanto econômica, quanto política, justifica sua alta popularidade.

Figura 1 – Ao sul da fronteira



Fonte: AO SUL DA FRONTEIRA

Tendo sido eleito, o poder não era seu, era do povo que o havia elegido: “Vocês elegeram o governo que não será o governo de Chávez, porque Chávez é o povo. Vai ser o governo do povo”. Assim, prometeu reformas para melhorar as condições de vida dos pobres, aprimorar a democracia e dividir os lucros do petróleo com aqueles que nunca tinham sido beneficiados no passado. Nos anos seguintes, proclamou a República Bolivariana da Venezuela e começou a cumprir suas promessas.

A Venezuela, um dos maiores produtores de petróleo do mundo e maior fornecedor dos Estados Unidos, passou a ser motivo de preocupação para este país: Chávez fora acusado pela administração de George W. Bush de não saber o que é democracia. Essa afirmação é muito significativa ao se considerar um contexto geopolítico mundial em que os EUA, pelos ideais democráticos e contra o terrorismo, invadiram Afeganistão e Iraque a fim de controlar importantes reservas de petróleo. Seria um prenúncio de relações conturbadas entre ambos.

A oligarquia venezuelana estava descontente com a administração chavista e sua ideologia anti-imperialista: esta prejudicava os principais clientes de sua primordial *commodity*. Além disso, também lhes preocupava a aproximação com os comunistas cubanos. Esse setor da sociedade era responsável por controlar quase a totalidade dos meios de comunicação do país e se utilizando dessa poderosa ferramenta, iniciaram uma verdadeira batalha midiática contra Hugo Chávez, onde predominou-se enquadramentos negativos sobre sua pessoa e seu governo.

A união dos interesses norte-americanos com os da oligarquia nacional venezuelana deu origem aos planos de um golpe de Estado em 2002¹⁶. Sob a acusação de ser responsável por um massacre de manifestantes nas ruas de Caracas, Chávez se viu encurralado quando as Forças Armadas aderiram aos seus opositores e exigiram sua renúncia. O ex presidente se entregou à custódia dos militares, mas se recusou a assinar a renúncia de seu mandato.

Enquanto seu paradeiro era desconhecido, as emissoras privadas do país noticiavam que Chávez havia renunciado. Iniciou-se um governo de transição liderado por Pedro Carmona que destituiu a Assembleia Nacional, bem como todos os outros membros do governo. O FMI manifestou seu apoio ao golpe demonstrando que a queda de Chávez era de extrema importância para o capitalismo mundial.

Emissoras estrangeiras, em suas transmissões via TV a cabo, reproduziram a notícia de que o Chávez não renunciara e era mantido sequestrado. Indignados, manifestantes chavistas saíram às ruas e cercaram o palácio de Miraflores¹⁷. Uma senhora diz às câmeras “eu votei nele e quero que termine seu mandato. Porque se é uma democracia, deve-se respeitar as leis”. A guarda de honra, leal ao presidente democraticamente eleito, tomou de volta o palácio e garantiu a volta dos membros do governo oficial. Chávez fora recebido horas depois sendo ovacionado pela população.

O ex presidente declara a Oliver Stone que viu a face da morte e tudo o que pensava era que queria morrer em pé, como Che Guevara. Explica que o motivo por sua vida ter sido poupada foi devido à sua longa trajetória nas Forças Armadas, sendo enxergado como um líder pelos jovens oficiais. Ele fora salvo pelos paraquedistas que outrora havia comandado.

¹⁶ Esse episódio em específico é mostrado detalhadamente no filme “A Revolução não será televisionada”, de onde saíram algumas cenas utilizadas em “Ao sul da fronteira”.

¹⁷ Palácio do Governo venezuelano.

Depois desse episódio, as disputas entre os grupos pró e contra Chávez se acirraram e, externamente, houve uma intensa troca de ataques contra os Estados Unidos. O diretor, Oliver Stone, diz que Chávez desenvolveu uma proteção, mas que no começo deve ter doído bastante. O ex presidente lhe responde que “Me afetou pessoalmente sim. No começo me doía, as mentiras e o desrespeito ao povo. Mas depois entendi que era um jogo e que não importa o que eu faça, vão continuar me chamando de tirano. Mas o povo sabe a verdade”.

Essa primeira parte do filme situa o espectador do percurso de Chávez desde sua carreira militar até o tempo presente onde ocorriam as filmagens. São ressaltados dois episódios históricos essenciais: a tentativa de golpe de Estado liderado por Chávez e suas tropas em 1992, que falhou, mas lhe garantiu uma empatia popular; o golpe de Estado contra Chávez em 2002 de autoria conjunta entre as oligarquias nacionais e o governo dos EUA. Esses acontecimentos são relevantes para se compreender os tipos de relações estabelecidas entre Chávez e esses outros atores no tempo presente do país e, conseqüentemente, no desenrolar do filme.

Em seguida, são mostrados detalhes de sua rotina: um homem trabalhador que dorme pouco e que sente prazer em trabalhar tanto. Sua origem humilde aparece ligada à sua ambição de vida de mudar o país e tamanha humildade reflete na forma com que ele trata o povo. Ele conta ao diretor a história de sua avó que morreu jovem de tanto trabalhar e visitam a casa onde passara sua infância. Essas cenas ressaltam um lado nostálgico e afetivo do ex presidente com o lugar de onde veio e que ajudaram a moldar seu caráter.

Seu grande ídolo é Simon Bolívar que há 200 anos começara uma revolução e libertou os povos da região do império espanhol. Assim, começou o sonho de uma república livre e soberana, que por sua vez foi destruído pelo imperialismo norte americano e inglês. O ex presidente afirma que o continente quer se ele mesmo, livre de dominações externas. Chávez também era um soldado e carregava seus mortos, companheiros de batalha, isso seria uma parte de seu compromisso. Essa lealdade militar é outra característica importante em relação ao seu caráter. Esse segundo momento do filme, portanto, ressalta essas características positivas acerca da pessoa de Hugo Chávez.

As vitórias de Chávez começaram a mudar seu país que chegou a reduzir a pobreza em 70% e cuja economia crescera seis vezes¹⁸. Assim, tornou-se fonte de esperança para os países vizinhos: “parecia que o sonho de Bolívar havia começado a se realizar”.

¹⁸ Segundo a narração do filme, seis anos após o golpe, ou seja, em 2008.

Surgiram novos movimentos sociais indígenas, negros, pobres e as antigas oligarquias brancas tentaram fortemente defender seu status. Nesse momento, Chávez se posicionou mais à esquerda e proclamou o socialismo do século XXI como a doutrina de sua Revolução, convidando outros países a se juntarem. O terceiro momento do filme que se inicia nessa passagem ressalta a influência e apoio conquistado entre os países vizinhos, concretizando o ideal de união proclamado por Bolívar e reproduzido por Chávez.

Figura 2 – Ao sul da fronteira



Fonte: AO SUL DA FRONTEIRA

Na Bolívia, Evo Morales foi o primeiro indígena a ser eleito presidente em 2006. De esquerda, também se tornou um inimigo da gestão Bush. Segundo a mídia norte americana, Evo, Chávez e Fidel eram um novo triângulo antiamericano de língua espanhola. Era, segundo o líder cubano, uma mudança no mapa da geopolítica do continente. Na Argentina, Cristina Kirchner (2007- 2015) diz que era a primeira vez na região que os governantes tinham a cara de seus governados. Segundo ela, era errado dizer que Chávez exportaria sua revolução porque essa seria uma visão colonialista eurocêntrica. Ao contrário, acreditava-se na integração regional respeitando as diferentes identidades de cada país, bem como sua cultura e processos políticos. Complementa sua fala dizendo que não conhecia nenhum ditador que ganhara treze eleições seguidas, em

referência à democracia venezuelana, e que discordava que haveria censura à liberdade de expressão naquele país.

No Paraguai, o ex presidente Fernando Lugo (2008–2012) dizia que as mudanças em seu país eram guiadas na Teologia da Libertação, onde os historicamente esquecidos deveriam ser os detentores de privilégios. No Brasil, Lula recusara cumplicidade nos planos para desestabilizar Venezuela e Bolívia. Segundo o ex-líder sindical, para um interlocutor respeitar o outro, ele deveria se respeitar e, dessa forma, desejava ser tratado pelos Estados Unidos em igualdade de condições. Adiciona ainda que era a primeira vez na América latina que os pobres eram tratados como seres humanos, e esse avanço político seria resultado do fortalecimento da democracia.

Rafael Correa, presidente do Equador (2007-2017), afirma que Chávez começou uma nova era no continente, que imagina sua dificuldade, no começo do mandato, estar absolutamente sozinho em meio a vizinhos neoliberais. Sua maior influência era o exemplo que havia dado. Para Raul Castro, chefe do governo cubano desde 2008, eles eram os primeiros, mas não os padrinhos “todos são adultos, andam sozinhos e têm suas próprias ideias e trazendo novas ideias como por exemplo o socialismo do século XXI. Não são herdeiros de nossas sobras”.

A vitória de Barack Obama nos Estados Unidos em 2008 foi vista como uma nova esperança, e o fortalecimento dos laços regionais permitiria um diálogo horizontal entre esses países, algo até então inatingível. Evo Morales acredita que os últimos 50 anos não foram em vão, que os líderes de esquerda latino-americanos eram uma rebelião contra o imperialismo na região. Nestor Kirchner, ex-presidente argentino entre 2003 e 2007, diz que sempre aconselha Chávez a construir coletivamente e ter vários candidatos à presidência ao invés de concorrer sozinho, para que após sua morte o processo não acabasse.

O filme se finaliza dizendo que na Venezuela, Equador e Paraguai 95% da mídia foi totalmente hostil aos bolivarianos, mas mesmo assim eles venceram. A cena final é uma fala de Chávez dizendo: “Coisas que nos faz continuar são fé, otimismo, a esperança, e a evidência concreta de que sim, é possível mudar o mundo, mudar a história. É possível, Oliver!”.

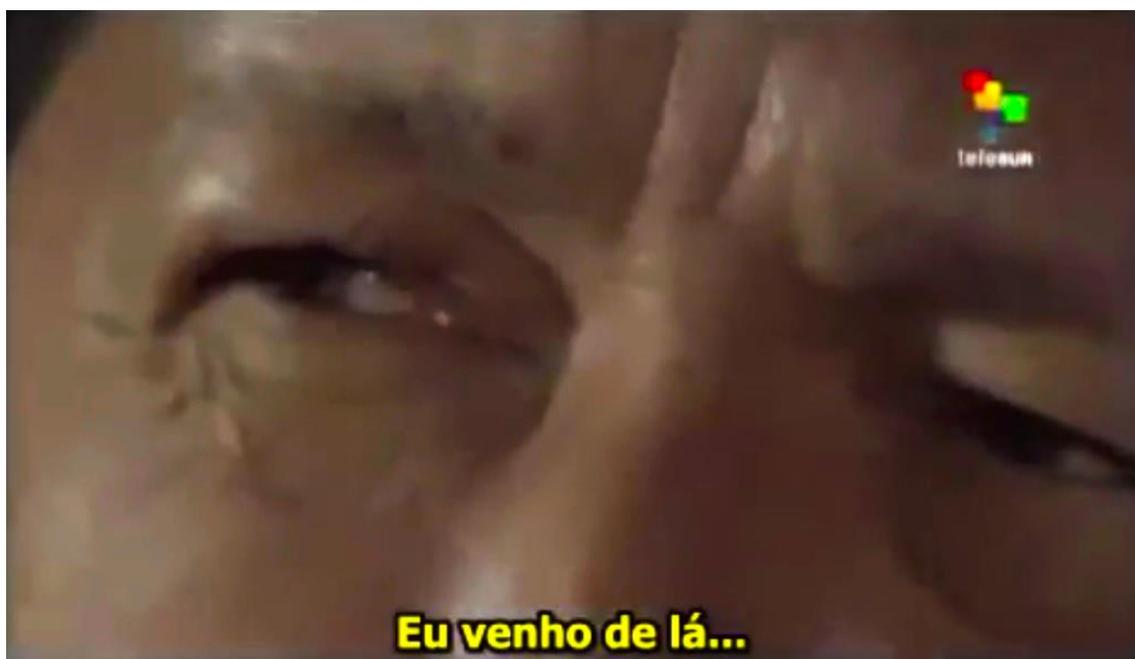
3.2 Meu amigo Hugo

O segundo filme de Oliver Stone se inicia com a dedicatória a Hugo Rafael Chávez Frías e ao bravo povo venezuelano. Em uma cena da gravação de “Ao sul da

fronteira”, Chávez diz querer mostrar a Oliver algo muito pessoal. Ao mostrar a vista da cidade de Caracas, há um corte para uma cena durante o dia, onde há uma bandeira do país ao céu e ouve-se alguém gritando “Chávez!”. Assim, o filme começa através da associação da cidade de Caracas, capital da Venezuela, e de Hugo Chávez, como se fossem um único ser. Esse apelo emocional será reproduzido ao longo de todo o filme para condizer com a homenagem que carrega.

O que Chávez queria mostrar de tão especial era um quartel que aparecia iluminado no horizonte da cidade. Ali, conta da tentativa malsucedida de golpe da qual participou em 1992. Chávez diz: "Porque te digo isto? Porque você estava me perguntando de uma força, de onde ela vem, a consciência. Eu estou consciente do porque estou aqui. Eu venho dali". A câmera dá um close em seus olhos, uma música andina toca ao fundo, há outro corte para a cena de uma entrevista naquela ocasião onde Chávez diz: “Nós, aqui em Caracas, não conseguimos conquistar o poder. Eu, diante de todo o país e de vocês, assumo a responsabilidade deste movimento militar bolivariano”.

Figura 3 – Meu amigo Hugo



Fonte: MEU AMIGO HUGO

A cena volta para conversa entre Chávez e Oliver e aquele fala dos mortos que carrega. Oliver, por sua vez, afirma que como ex soldado, o compreende. Eles se cumprimentam e se abraçam. O diretor diz que naquele momento foi incapaz de expressar

seus sentimentos mais profundos por Chávez. Ali, Oliver não sabia que a morte do ex-presidente estaria próxima. O filme é seu modo de responder àquela noite, de dizer adeus a um soldado e amigo.

Em um primeiro momento do filme mostra-se a estreia de “Ao sul da fronteira”. Para o diretor, o filme é uma maneira de informar os norte-americanos sobre o que está acontecendo no continente. Chávez diz "tomara que filmes como este contribuam para aumentar a consciência de que um outro mundo é necessário. Aqui na América Latina estamos dando vida a um outro mundo, a uma nova era".

Em seguida, há uma série de relatos sobre pessoas pertencentes ao círculo de convivência de Chávez que descrevem atributos de um homem comum com uma enorme responsabilidade de conduzir um processo revolucionário. Seu assistente pessoal lhe atribui a identidade regional *llanera*, algo que tinham em comum, e nela estava sua paixão por café. O Ministro de Relações Exteriores conta uma história que lhe fora marcante, sobre um dia em que Chávez entrou na casa de uma senhora muito simples para tomar seu café, que foi à cozinha e ele mesmo se serviu, apresentando traços de humildade, carisma e bom humor.

O Ministro de Energia e Petróleo relata que o ex-presidente checava o preço do petróleo todos os dias de manhã e à noite e completa dizendo que ele tinha muito clara a condução dos temas fundamentais do país. Ao longo dos anos, fora capaz de manejar todos os fundamentos da política petroleira e torná-la popular.

O ex vice-presidente ressalta que Hugo Chávez sempre teve o poder da palavra. O irmão, Adrian Chávez, conta que sua formação é graças à avó devido aos ensinamentos sobre solidariedade e humanismo, sendo este a síntese dos princípios da luta revolucionária pelo socialismo. Acrescenta que seus pais e professores foram responsáveis pelo amor à leitura, ao que seu assistente pessoal relata a enorme quantidade de livros rotineiramente levada em suas bagagens. O ex vice-presidente diz então que Chávez sempre improvisava, mas seus improvisos eram planejados, como todas as suas ações.

Na Academia Militar, aparecem imagens de Simon Bolívar e de Chávez com o título de “Comandante supremo da Revolução Bolivariana”. Cristina Kirchner, ex presidente argentina, ressalta a paixão que Chávez mantinha pelas Forças Armadas, algo complicado de se pensar ao se considerar o contexto do continente no século XX. Essa característica, segundo ela, deveria ser o motivo do enorme preconceito contra o ex

presidente, apesar de ele ter recuperado a tradição de militares comprometidos com o povo, mostrando uma união possível.

Carmen Melendez, a primeira mulher Ministra da Defesa da Venezuela, relata que, ao longo de sua formação, Chávez sempre lhe fora muito simpático e conversador, lhe dizia que ela deveria sentir orgulho de ser a primeira mulher *llanera* graduada em uma Academia Militar. Acrescenta à sua fala que o ex presidente fortaleceu o programa das mulheres em todas as suas categorias, que ele se dizia feminista e colocou as mulheres em evidência em todos os âmbitos. Em uma fala, Chávez diz que o capitalismo e as guerras são machistas, que é um domínio do macho sobre o mundo.

Evo Morales se refere a Chávez como a um pai, que fora como um irmão, um líder, o comandante supremo. O assistente pessoal do ex presidente ressalta que o amava como pai, professor, presidente e como amigo. Após imagens de Chávez sendo carismático com as pessoas na rua, há sua seguinte fala: "Eu creio que nunca cansarei de ser Chávez, porque Chávez me permite, como diz o poeta 'a reivindicar-me com a vida'... sendo presidente ou não. Mas nunca me cansarei de ser o que sou, de pensar o que penso. Creio que a cada dia sou mais Chávez. A cada dia mais fortalecido comigo mesmo".

Em uma segunda parte do filme, o foco das entrevistas se torna em relação à atuação política de Chávez. Se inicia com Oliver Stone questionando o Ministro das Relações Exteriores sobre as críticas que Chávez sofria, de seu personalismo em meio a um governo fraco, do fracasso da gestão econômica. A resposta que recebe é a de que: "Quando se deram conta de que não poderiam derrotá-lo, nem política nem moralmente, desenvolveram uma estratégia para minar sua equipe de apoio, chamando de incapazes, de corruptos, e que a revolução dependia somente do Comandante Chávez". Na cena seguinte, Chávez diz que se acostumou com as críticas, que elas não lhe importavam mais: "Mas isso já não me importa. Me importa o que pensa a maioria, sobretudo os pobres. Porque eu, como disse Martí, tenho a minha vida e a minha sorte, lançada pelos pobres, os pobres da terra. Então nunca me cansarei de ser o que sou. A cada dia serei mais Chávez".

O presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, conta que no golpe de 2002, o povo, unido com as Forças Armadas, devolveram o poder ao presidente eleito por eles em eleições livres. Na ocasião em um discurso, Chávez diz "O povo chegou neste Palácio para não ir-se mais, e isto está provado". Em seguida, Oliver Stone em uma entrevista defende que Chávez fora eleito democraticamente e que é popular, sugerindo que os jornalistas, ao invés de reproduzir cegamente as críticas elitistas, deveriam olhar

as mudanças econômicas positivas na América do Sul graças a Chávez e outros líderes; que deveriam pensar na pobreza e violência anteriores e em toda a miséria que o continente sofreu graças aos Estados Unidos.

Em relação à sua doença, em um terceiro momento, Chávez relata que, ao saber da sua gravidade, chorou por seus filhos, mas, em seguida, lhe aflorou sentimento de soldado e lutador. Os que estiveram próximos a ele neste período contam como a enfrentou e não permitiu que isto afetasse sua função de chefe de Estado; que diminuía o ritmo de trabalho, mas nunca desabara emocionalmente; se tornara sua segunda batalha. Sempre em situações adversas ele buscava uma força sobrenatural para vencer e se pensava que sairiam vitoriosos dessa. Até o fim, Chávez seguia dando instruções sobre as questões econômicas do país.

Seu sucessor, Nicolas Maduro cujo mandato se iniciou em 2013, conta sobre a relação próxima que cultivavam. Que no contexto de revolução, trabalhavam o tempo todo, sem descanso: Chávez lhe ensinara “um ritmo muito intenso de trabalho, uma disciplina, um compromisso com o que se faz, um compromisso com o futuro, de vê-lo e se comprometer a atingi-lo”. Viviam uma batalha de caráter político, psicológico, de ideias e o povo devia ser mantido informado, ativo, mobilizado, permanentemente.

Já em um quarto momento do filme, o foco era a batalha do ex presidente contra o câncer. Ao questionar a algumas pessoas se acreditavam que Chávez fora assassinado, as respostas foram diversas. O Ministro da Energia Elétrica disse que não havia como saber, mas que pelo tanto que Chávez trabalhava, ele não se cuidou: “que ser humano suporta?”. O Ministro do Petróleo acreditava que sim, que fora um câncer muito agressivo, muito estranho, e que acontecera exatamente o que a extrema direita desejava. Maduro afirma ter suspeitas de que sim, e acrescenta que Chávez também as tinha.

Cristóbal Jimenez, cantor popular *llanero* e deputado da Assembleia Nacional, conta sobre a longa amizade que cultivavam, o compartilhamento de amor pela música llanera, a paixão bolivariana e o pensamento anti-imperialista. Segundo ele, Chávez nunca esquecera os índios, camponeses, os cantores “*llaneros*” que conhecera ao longo da vida, mesmo após se tornar uma figura mundial. Cilia Flores, a atual primeira dama do país, relata o senso de humor extraordinário e constante que Chávez carregara até o fim.

Em seus últimos meses, o presidente se tornou um ser humano e o mais importante era que saísse daquela situação. Em um anúncio de viagem à Cuba para realizar o tratamento, disse que “Com essa fé infinita eu parto. Fisicamente, em poucos dias

retornarei para seguir na recuperação dos impactos conhecidos em um tratamento desse tipo. E espero em poucas semanas estar jogando a partida de futebol no Forte Tiurna, e estar percorrendo as ruas queridas da pátria, os campos queridos da Venezuela. Viva a patria! Viva a Venezuela! Viva os trabalhadores! Viva a vida! Hasta la victoria siempre!" E, emocionado, mandava beijos.

Figura 4 – Meu amigo Hugo



Fonte: MEU AMIGO HUGO

Em seguida, a preocupação do diretor se torna o legado que era deixado. Oliver Stone pergunta ao ex vice-presidente onde ele colocaria Chávez na história da América do Sul. A resposta é de que estaria na mesma altura de Bolívar, Miranda, Sucre, San Martín, os grandes libertadores do continente; na Venezuela, seria o líder mais importante que o país já teve, pois deu um novo sentido à vida dos venezuelanos, às maiorias renegadas. Justifica também ser esta a razão da dificuldade da direita de retomar o poder, porque a grande maioria dos venezuelanos são pessoas pobres, humildes, que se tornaram visíveis graças às políticas de Chávez e agora participavam politicamente, se identificavam com suas aspirações. Apesar do reconhecimento ser válido, seria um erro transformá-lo em personagem mítico.

Pepe Mujica, ex-presidente uruguaio entre 2010 e 2015, afirma: "Creio que o indivíduo cumpre um papel na história, dentro de certos limites de tempo e da época que nos cabe viver. Eu conheci o Che, conheci o Mao, mas esse é um personagem que rompeu

os padrões". Para Lula, Chávez foi o primeiro presidente a amar o povo, a se comprometer com a integração e com os mais humildes. Considera ter sido uma grande perda para a América latina e que, gostando dele ou não, deve se reconhecer as mudanças que ele proporcionou ao país. Rafael Correa, presidente do Equador reconhece sua liderança na integração latino-americana, mas que é hora de se seguir em frente.

Em seu último discurso antes de partir para Cuba pela última vez, Chávez diz que pretende dar boas notícias nos próximos dias e que possam juntos seguir construindo a pátria. "Chávez não é apenas este ser humano, é um grande coletivo. Como dizia o slogan da campanha '*Chávez corazón del pueblo*' e o povo está aqui no coração de Chávez". O diretor lhe pergunta por que não há um sucessor forte, mas Chávez afirmava que conhecia uma série de líderes, homens e mulheres, revolucionários bolivarianos que poderiam continuar o processo. Confiava do time de Cabello e Maduro e dizia ter a sorte que Bolívar não teve, de herdar a lealdade de uma equipe e de um povo, pois este fora traído.

Maduro, ao ser questionado por Oliver Stone sobre a manutenção da batalha contra o imperialismo, responde que a Doutrina Monroe se opõe à Doutrina Bolívar e que, para se resolver equilibradamente, os países devem se fortalecer e os Estados Unidos devem concretizar uma nova visão de mundo. Cabello acrescenta que continuar fazendo uma revolução no país que tem a maior reserva de petróleo do mundo jamais será perdoado.

Nicolas Maduro acredita que sua pegada ainda está fresca e quem pôde trabalhar com ele, e o povo que o conheceu, sente um grande compromisso por tudo o que ele foi, por tudo o que ele fez, ou seja, isso mantém seu espírito vivo. Ele é uma inspiração e não se lembram dele só com tristeza. Agora o recordam com esperança, com alegria, com compromisso. "Chávez é uma força de futuro. É nosso passado recente, mas um compromisso para futuro, porque ele teve uma genialidade especial para poder enxergar esse futuro. E teve inclusive a capacidade de nos deixar por escrito o Plano da Pátria, nos deixou um plano para 100 anos. E por todos os lados nos aconselhamos nele. Formou valores, formou um povo em valores e isso marca muito o presente e vai determinar o futuro. Aos venezuelanos não subestimam, a história sempre foi assim. Mas esse povo se encarregou de dar grandes lições a quem o subestima. Chávez nos formou para isso, para o grande, o maior dos futuros, e nós vamos conquistá-lo". Há então um corte para imagens de seu funeral e de milhares de pessoas nas ruas prestando homenagens.

Oliver Stone diz que o Forte que Chávez lhe mostrara com um valor pessoal tão importante é onde agora descansam seus restos. O ex presidente deixou marcas em todos

que o conheceram, nos que o amavam e nos que o odiavam. Não apenas formou uma nova geração de líderes, mas um povo orgulhoso de ser venezuelano, apesar de seus problemas. “Sentirei falta dele. A história sentirá falta dele”.

O filme se encerra com uma cena da última aparição de Chávez na televisão onde diz: "Do meu coração de patriota, reitero meu chamado a todos os patriotas da Venezuela e a todas as patriotas da Venezuela. Porque somos revolucionários, somos socialistas, somos humanos, somos muitas coisas, mas em essência, patriotas. E cada vez que falo patriotas me lembro daquela canção, antiga canção dos soldados tanquistas da Venezuela que aprendi desde menino e aqui a levo na alma" e segue cantando a canção.

3.3 A Revolução não será televisionada

O filme se inicia com imagens da população na rua festejando Hugo Chávez. Este, aparece discursando em um comício, onde diz que há uma alternativa para o projeto do neoliberalismo selvagem, e na Venezuela estão mostrando isso; que aguentara grandes pressões internacionais e que descerá ao inferno para defender como puder o povo bolivariano da Venezuela. Em seguida há uma imagem da imprensa americana dizendo que “O corrupto Chávez foi forçado a deixar o poder depois de um controverso mandato de três anos”. A fala da mídia norte-americana anuncia o conteúdo e teor da obra a qual apresenta. Assim, os créditos iniciais são intercalados com imagens da cidade e áudios da mídia estado unidense com mensagens de teor negativo.

Figura 5 – A revolução não será televisionada



Fonte: A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA

Na apresentação do filme, os diretores relatam que chegaram na Venezuela no final de 2001, sete meses antes do golpe, com o intuito de filmar um documentário sobre Chávez. Queriam saber, além de mitos e rumores, sobre o homem por trás do processo revolucionário em curso no país. Em uma breve apresentação, contam que o ex presidente fora eleito em 1998 por uma maioria esmagadora, em um país rico em petróleo onde a maioria da população vivia na miséria. Inspirado por Bolívar, se proclamara um revolucionário bolivariano cujo objetivo era libertar o país da dominação liberal imposta por Washington. Na cena seguinte, em uma conversa, Chávez acusa que o neoliberalismo destruirá a Terra no sentido real.

Com imagens do ex-presidente sendo ovacionado pela população, apresenta-se que a maioria de seu apoio vem da população pobre que representa 80% do país. Prometera distribuir os lucros do petróleo e estender a participação popular no processo político. Através de uma nova Constituição (promulgada em 1999), via como sua responsabilidade a conscientização do povo venezuelano. Com a missão de educar e manter o governo acessível ao povo, tinha um programa semanal transmitido pelo rádio e pela televisão chamado *Aló Presidente*, onde a população poderia ligar e conversar diretamente com ele. Outro motivo para sua popularidade seria o fato de não ser branco, nem pertencer às elites que tradicionalmente governavam o país. Há referência sobre a tentativa de golpe de 1992, o qual protagonizara e fracassara, mas fora responsável por lhe tornar um herói popular.

Em dois anos de governo, Chávez acumulara inimigos muito poderosos pertencentes à tradicional elite política e econômica do país. Seu carisma era a ferramenta fundamental para conquistar apoio, dentro e fora do palácio do governo e, através de sua experiência militar, sabia conquistar a lealdade das tropas.

Em uma cena seguinte, Chávez recomenda que os membros do governo utilizem sempre os meios de comunicação regionais para ressaltar os aspectos positivos do processo político e, dessa forma, neutralizar a oposição da mídia privada. Esta, por sua vez, controlava boa parte da audiência e realizava, diariamente, as mais diversas acusações. Já o governo dispunha apenas de um canal estatal (Canal 8) para se comunicar com a população.

Em relação aos Estados Unidos, condena, em outubro de 2001, a invasão ao Afeganistão, afirmando que não se pode combater o terror com mais terror. A administração de George W. Bush, por sua vez, demonstrou preocupações sobre o que Chávez considerava ser democrático. A Venezuela fora uma das principais fornecedoras

de petróleo ao país, mas as ações de exercer mais controle sobre a PDVSA e fortalecer a OPEP enfrentava diretamente os interesses de Washington.

Em janeiro de 2002 o país viveu uma explosão de participação política, tanto a favor, quanto contra Chávez. A população a favor se organizou em Círculos Bolivarianos, grupos de bairros que se ocupavam de assuntos da comunidade e de educação popular. Em uma série de relatos, as pessoas expressam o aumento da participação política, a preocupação em se saber ler e analisar a Constituição e o caráter popular do governo, em oposição às administrações anteriores: “Pela primeira vez na Venezuela temos um governo que é democrático, que nos faz participar, um governo que é do povo”.

Em um bairro próspero de Caracas, as opiniões eram completamente distintas. O governo é acusado de despreparado, de tornar a vida das pessoas infeliz, de ter um projeto continental de comunismo-totalitarismo. Os Círculos Bolivarianos são acusados de ser um reduto de terroristas e devia-se prestar atenção nas empregadas domésticas que, muitas vezes, estavam ali envolvidas. Em uma cena seguinte de protesto, uma mulher manda Chávez voltar para Cuba. A narração então diz que o presidente prometera redistribuir os lucros do petróleo, mas para isso era necessário se romper o controle da elite.

A oposição se organizou, com o apoio dos meios de comunicação privados - que veiculavam uma série de críticas e ataques - e seus dois principais representantes Pedro Carmona e Carlos Ortega viajaram a Washington para discutir sobre a situação do país. O Alto Comando das Forças Armadas passou a compartilhar as preocupações da CIA e sugeriu, em rede nacional, a renúncia do presidente. Assim, convocou-se um protesto em direção à sede da PDVSA, cujo slogan era “Marchemos todos unidos por Venezuela”.

A partir desse momento, o filme se torna um relato intenso de toda uma movimentação para depor Chávez e, em seguida, para lhe devolver o poder. Os diretores filmaram tudo de perto e descreveram detalhadamente tudo o que lhes fora possível. Assim, o ritmo denso da análise acompanha aquele mostrado no filme.

Enquanto o protesto de oposição ocorria, apoiadores de Chávez reuniram-se em frente ao palácio de Miraflores para expressar sua solidariedade ao presidente. O outro grupo, por sua vez, mudou o trajeto e passou a ir em direção ao palácio também. Alguns dentre estes manifestantes foram mostrados completamente exaltados. Os militares, por sua vez, tentaram impedir que os dois grupos se confrontassem.

O ponto alto dessas manifestações foi a transmissão da emissora Venevisión de manifestantes chavistas disparando de cima de uma ponte, dando a entender que atacavam

as pessoas da oposição. Essa gravação fora manipulada e amplamente difundida, culpando Chávez por um massacre. Com outras imagens da mesma cena, é possível ver que na direção para onde as pessoas atiravam não havia ninguém, comprovando a falsidade das informações, mas isto não fora veiculado. Assim, Pedro Carmona diz que além de se responsabilizar pelo ocorrido, Chávez deveria renunciar e facilitar a transição do governo.

Figura 6 – A revolução não será televisionada



Fonte: A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA

Membros do governo tentaram se comunicar com a população através do Canal 8, mas este fora invadido e seu sinal cortado. Assim, a cúpula do governo ficou isolada dentro do palácio e as únicas informações que eram transmitidas eram as dos canais privados, ou seja, da oposição. Apenas um pequeno grupo das Forças Armadas se pronunciou em favor do presidente, mas sua maioria se posicionou contra. Com a sede do governo cercada por tanques, pediu-se a colaboração de se entregar Chávez pacificamente. Dentro do palácio, ministros preocupados culpavam a CIA de estar por trás desse golpe de Estado. O presidente decidiu se entregar, mas se recusou a renunciar. Assim, fora ovacionado pelos membros de seu governo que o acompanham cantando o hino nacional. Na televisão, Carmona anunciou que as Forças Armadas manteriam Chávez sob custódia e pediu a imediata formação de um governo de transição.

A Venezuela amanheceu em um novo regime que fora explicado por um programa de televisão. Nele, agradeceu-se às emissoras privadas pelo apoio à saída de Chávez. Houve também um membro da marinha que afirmou que o plano era ter o máximo de apoio da sociedade civil e assim passar o comando para as Forças Armadas. No palácio de Miraflores, o novo governo se organizava enquanto nas ruas, manifestantes chavistas eram reprimidos: “Sou chavista! Sangro por ele! Sou chavista! Aqui queremos Chávez!”.

O governo dos Estados Unidos, bem como a mídia de seu país, se manifestou a favor do novo governo. A mídia venezuelana, por sua vez, proibiu a veiculação de imagens de personagens chavistas. Os membros do governo Chávez se mantiveram escondidos por estarem sendo perseguidos pela população. Conseguiram, entretanto, se comunicar com emissoras estrangeiras que, pela TV a cabo, anunciaram que Chávez não renunciara ao seu mandato e ainda por cima estava sequestrado.

Ao saber do que realmente se passava com o presidente que haviam elegido, a população saiu às ruas para manifestar cercando Miraflores. A guarda do palácio, por sua vez, decidiu se manter leal a Chávez: executaram assim um plano que logrou tomar de volta a sede do governo. Garantiu-se então a volta dos ministros chavistas que tentavam descobrir o paradeiro do presidente.

As emissoras privadas não anunciaram a retomada do palácio e Pedro Carmona chegou a se pronunciar garantindo que o controle total era mantido. Era necessário, portanto, o restabelecimento do sinal do Canal 8 para informar a população sobre o que estava acontecendo ali.

O chefe da guarda presidencial pediu que os comandantes das Forças Armadas desistissem e reconsiderassem seus posicionamentos, para que o povo pudesse continuar confiando no Exército. Em seguida, mensagens de todo o país chegaram onde tropas e oficiais se declaravam enganados pelo Alto Comando.

Quando o helicóptero com Chávez chegou ao palácio, este ainda estava cercado de apoiadores que gritavam “Queremos a Chávez” e também “Chegou, chegou, chegou!”. Bem-humorado e emocionado, diz aos membros de seu governo: “Vocês fizeram história! O povo fez história!”. Assim, em um comunicado à Nação, o presidente pediu que os venezuelanos voltassem às suas casas e à calma. Aos opositores, que se opusessem, mas que não desrespeitassem a Constituição. O filme se encerra com aplausos e gritos dizendo “Voltou, voltou, voltou!”.

3.4 Análise das categorias

A quantidade de trechos extraídos em cada filme foram, respectivamente: 49, 48 e 46, com a atribuição de uma, duas ou até três categorias para cada. Aqui serão ressaltados os elementos comuns entre cada uma, seguido de exemplos.

Em Nacionalismo/Bolívar buscou-se referências à Simon Bolívar e à grandeza da Venezuela; Em Relação com as massas há o contato de Chávez com a população, referências de que governa “para o povo”, sendo carismático e também herói; Em Imperialismo/Oposição internacional buscou-se referências negativas dos estados Unidos (e seus meios de comunicação) e outros países sobre a Venezuela e seus aliados, bem como suas respostas; Oposição Nacional contemplou qualquer comentário negativo fosse da mídia, de políticos, da população ou de militares; Integração regional/Apoio latino-americano mostrou-se a manifestação de outros líderes latino-americanos e referências aos países da região; Chávez se refere à menções de Hugo Chávez enquanto pessoa, falando de si, de seu trabalho, suas origens, sua carreira militar.

A) Nacionalismo/Bolívar

Apresenta referências à Simon Bolívar como o libertador da América, aparecendo sempre em seu esplendor e grandeza. Constitui o maior símbolo nacional da Venezuela, tendo o sonho de uma república livre e soberana, cujos impérios inglês e estado unidense destruíram. Chávez afirma ter a sorte que Bolívar não tivera, de herdar a lealdade de uma equipe e de um povo - porque este fora traído por seus próprios companheiros e abandonado pelo povo. O ex presidente gostaria que Simon Bolívar tivesse tido a sua sorte.

Há também referência às Forças Armadas, aos êxitos militares do país quando Chávez se refere ao quartel que fora base da tentativa de golpe de 1992. Em “Meu amigo Hugo” há um trecho onde, em uma cena na Academia Militar, há imagens de Bolívar e de Hugo Chávez com o escrito “Comandante Supremo da Revolução Bolivariana”. Em seguida, Cristina Kirchner diz que Chávez era extremamente militar, que ele recuperara a tradição de comprometimento com o povo, mostrando que poderia os unir com as Forças Armadas, algo que iria contra a história recente do continente que sofreu com ditaduras militares. Outras características importantes dessa categoria são as exaltações da pátria em diversos discursos de Chávez, bem como na resistência ao golpe de Estado de 2002.

Figura 7 – Meu amigo Hugo



Fonte: MEU AMIGO HUGO

Sobre Nacionalismo/Bolívar + Relação com as massas, há uma cena no começo de “Meu amigo Hugo” onde Chávez mostra a vista de Caracas a Oliver Stone. Quando aquele diz “Caracas” há um corte para outra cena, durante o dia, onde há uma bandeira da Venezuela no céu e ao fundo ouve-se alguém gritando “Chávez”. Estabelece-se, portanto, que Chávez consiste na essência do país, representado por sua capital, sendo o condutor de seu povo. Em outra cena do mesmo filme, há a imagem de um comício lotado onde todos estão de vermelho, vê-se uma imagem de Bolívar na multidão e Chávez brada: “Pátria, socialismo ou morte! Venceremos!” Em sequência há um close em seu punho fechado e levantado.

Com a nova Constituição de 1999, Chávez via como sua responsabilidade a conscientização do povo venezuelano. Oliver pergunta ao ex vice-Presidente onde ele colocaria Chávez na história da América do Sul. Ele responde que na mesma altura de Bolívar, Miranda, Sucre, San Martin, dos grandes libertadores desse continente; “E na Venezuela, o líder mais importante que já tiveram no país. Deu um novo sentido à vida dos venezuelanos, às maiorias renegadas. Por isso que para direita é muito difícil retornarem ao poder, porque a grande maioria dos venezuelanos é formada por gente pobre, humilde, que conseguiram se tornar visíveis graças à política de Chávez. Antes

praticamente não existiam, eram só um número eleitoral, e mal votavam. Hoje, votar é importante. O povo humilde, simples, identifica suas aspirações com as de Chávez”. Em seu último discurso antes de partir a Cuba pela última vez, o ex Presidente diz pretender dar boas notícias nos próximos dias para que juntos possam continuar construindo a pátria. “Chávez não é só este ser humano, é um coletivo, como dizia o slogan da campanha ‘Chávez corazón del pueblo’ e o povo está aqui no coração de Chávez”. Em “A Revolução não será televisionada”, as referências dessa combinação de categorias aparecem nas falas sobre a redistribuição dos lucros do petróleo, uma medida inédita na história do país, e também no estabelecimento de uma relação de confiança do povo no Exército.

Outra dupla classificação pertinente fora Nacionalismo/Bolívar + Imperialismo/Oposição internacional. Há referências à libertação do país das influências liberais de Washington e a concretização de sua soberania, como por exemplo quando Chávez, em um estádio lotado e manda a ALCA “*al carajo*”.

Em Nacionalismo/Bolívar + Integração regional há referências sobre a atuação continental de Simon Bolívar. Em “Ao sul da fronteira”, Chávez diz que “o continente quer ser ele mesmo”, sobre sua capacidade de auto-organização. Oliver Stone narra que “Parecia que o sonho de Bolívar começava a se realizar” sobre a confluência das modificações dos países vizinhos. Raul Castro diz que os cubanos são os primeiros, mas não são os padrinhos dos processos revolucionários que vieram em seguida, que todos são herdeiros dos libertadores da América como Bolívar, Sucre e Touissant L’Ouverture.

Em Nacionalismo/Bolívar + Chávez destacam-se as falas em que Chávez se refere a seus companheiros soldados que morreram, com quem é fortemente conectado: “Esses mortos carrego comigo. E isso faz parte do meu compromisso”. Na cena final de “Ao sul da fronteira”, Chávez diz que as coisas que os faz continuar são fé, otimismo, a esperança e a evidência concreta de que é possível mudar o mundo e a história “É possível, Oliver”, evidenciando o peso da responsabilidade que carrega como um agente transformador. Em “Meu Amigo Hugo” há uma fala em que Chávez, se referindo ao quartel que carrega um significado pessoal importante para ele, diz a Oliver Stone “Por que te digo isto? Porque você estava me perguntando de uma força, de onde ela vem, a consciência. Eu estou consciente do porque estou aqui. Eu venho dali”. Ainda nesse filme, Oliver Stone questiona como Chávez reage às críticas e este lhe responde, “Mas isso já não me importa. Me importa o que pensa a maioria, sobretudo os pobres. Porque eu, como disse Martí, tenho a minha vida e minha sorte lançada pelos pobres, os pobres da terra. Então nunca me cansarei de ser o que sou. A cada dia serei mais Chávez”.

B) Relação com as massas

Nessa categoria apresenta-se a intensa relação estabelecida entre Chávez e a população venezuelana, com uma série de imagens e falas que reforçam o estabelecimento de apoio mútuo. O filme “Meu amigo Hugo” apresenta em seu início a inscrição “Dedicado a Hugo Rafael Chávez Frías e ao bravo povo venezuelano”. Há exaltação de que o governo é para o povo, como ressalta em um comício: "O poder que vocês me deram, não me pertence, pertence a vocês. Vocês elegeram o governo que não será o governo de Chávez, porque Chávez é o povo: vai ser o governo do povo". Há também o heroísmo com o qual libertou o país das oligarquias nacionais e da dominação norte-americana “Chávez prega a revolução e é isso que o povo quer escutar”.

Figura 8 – Meu amigo Hugo



Fonte: Meu amigo Hugo

Nas ruas, as pessoas relatavam suas experiências. Uma mulher diz que política era um grupo ficava rico, enquanto o outro passava fome, por isso não lhes chegavam os recursos, mas agora lhes interessava a política, queriam viver a política porque ela é democrática e participativa. Dois homens afirmaram que “Nos governos anteriores de AD e COPEI, nos fechavam a porta para não falarem conosco, estavam sempre ocupados, em reuniões, na câmara, mas a câmara era para eles e não para a pobreza”; “Pela primeira

vez na Venezuela temos um governo que é democrático, que nos faz participar, um governo que é do povo”.

No episódio do golpe de Estado em 2002, referenciado em “Ao sul da fronteira” e detalhadamente relatado em “A revolução não será televisionada”, é muito evidente a intensidade dessa relação. Em um primeiro momento, houve um grande protesto chavista para contrabalancear as manifestações de oposição. Dois dias depois, ao saberem que Chávez não havia renunciado, o palácio de Miraflores fora rodeado de pessoas exigindo sua volta, e lá ficaram por horas. Quando por fim retorna, é ovacionado pela população que grita “Chegou, chegou, chegou”. Em um discurso o ex Presidente afirma "O povo chegou neste Palácio para não ir-se mais. E isto está provado".

Em Relação com as massas + Imperialismo, Chávez afirma que sua luta contra as influências estrangeiras é em prol da população, chegando a dizer que desceria ao inferno para defender como puder o povo bolivariano da Venezuela.

Em Relação com as massas + Chávez, ressalta-se que o carisma e humildade com o qual se relacionava era uma característica inerente à sua pessoa, e também uma ferramenta importante para conseguir apoio dentro e fora do palácio. Junto com sua experiência militar, soube conquistar a lealdade de suas tropas. O Ministro de Relações exteriores narra um episódio em que pararam na estrada e entraram em uma casa muito humilde onde a dona lhes oferecera café. Ao provar o café, Chávez notou algo estranho e a senhora lhe revelou que seus seguranças haviam trocado as garrafas de café. Este então entrou na cozinha e se serviu ele mesmo. Outro fato relevante nessa categoria é o relato de que Chávez fortalecera o programa das mulheres em todas as categorias, colocando-as em evidência em todos os âmbitos possíveis, pois este se dizia feminista.

C) Imperialismo/Oposição internacional

Os segmentos selecionados nessa categoria consistem basicamente em acusações norte americanas sobre a falta de democracia no regime Chávez, que influenciou seu fornecimento de petróleo. É importante ressaltar que no início dos anos 2000 o mesmo argumento fora apresentado pelo governo de George W. Bush para justificar as invasões do Afeganistão e do Iraque, ações essas que foram condenadas por Chávez pois não se pode responder ao terror com mais terror. Assim, quem desafiava Washington se tornava um inimigo. Esse argumento, segundo o ex-Presidente, justificou o apoio dos EUA ao golpe de 2002, apoio esse reiterado pela mídia do país. O FMI, por exemplo, manifestou apoio ao ocorrido demonstrando que a queda de Chávez era de extrema importância ao

capitalismo global. Os Estados Unidos compram mais petróleo da Venezuela do que de qualquer outro país da OPEP e assim o preço do barril despencou após sua queda.

A mídia americana acusa Chávez de amar tanto os pobres que o multiplicou, de infringir os direitos humanos. Ao aparecer ao lado de Fidel e Ahmadinejad, ex presidente do Irã (2005-2013), são classificados como “tiranos inimigos dos EUA”. Hugo Chávez, por sua vez, não deixa de responder essa série de mensagens negativas, como por exemplo quando chamou Bush de diabo em uma conferência da ONU. O anúncio de sua morte fora comemorado pela mídia americana, uma jornalista chega a dizer “Eu espero que Hugo Chávez esteja sufocando em enxofre agora e apodrecendo no inferno e não estou sozinha: o povo oprimido da Venezuela sente o mesmo. Ele transformou o país em um buraco socialista”.

Figura 9 – Meu amigo Hugo



Fonte: MEU AMIGO HUGO

Em Imperialismo/Oposição Internacional + Oposição Nacional, se condensaram mensagens opositoras de maneira geral. Um exemplo é quando Oliver Stone questiona pessoas próximas a Chávez sobre seu câncer, que fora, segundo Maduro, atípico em todos os sentidos. O Ministro do Petróleo acredita que Chávez tenha sido assassinado, pois aconteceu “exatamente o que a extrema direita queria que acontecesse”. Já Maduro tem suas suspeitas, e diz que Chávez também as tinha, tinha a convicção de que tinham lhe feito um mal. Juan Santos, presidente da Colômbia, afirma que assim como muita gente

o amava, muita gente o detestava. Diosdado Cabello diz que continuar fazendo uma revolução no país que tem a maior reserva de petróleo do mundo é algo que nunca vai ser perdoado e, seguida, relata sobre sabotagens. Sobre o episódio do golpe de 2002, fora relevado que a oposição chavista, apoiada pela mídia privada venezuelana, se reuniu com funcionários do governo norte americano para discutir as ações que seriam tomadas com o intuito de tirar Chávez da presidência.

Em Imperialismo/Oposição Internacional + Integração regional, aparecem referências a outros líderes latino-americanos, como por exemplo a Evo Morales, mais um inimigo da gestão Bush. A mídia norte americana se refere ao novo triângulo antiamericano de língua espanhola formado por Chávez, Evo e Fidel, dizendo que a geopolítica do continente está mudando, ao que Oliver Stone acrescenta que estão certos. A posse de Obama consistiu em uma nova esperança sobre as relações com estes países. Em uma reunião da Cúpula das Américas em Trinidad e Tobago em 2009 a maioria dos países se recusou a assinar qualquer documento com a ausência de Cuba, se revelando uma forma de resistência à subordinação aos EUA.

Oliver Stone, em uma entrevista, defende que Chávez fora eleito democraticamente e que é popular. Sugere que os jornalistas, ao invés de ficar indiscriminadamente criticando, que olhem as mudanças econômicas positivas na América do Sul graças a Chávez, os Kirchner e outros. Que pensem na pobreza e violência antes do Chávez, a miséria que a América do Sul sofreu graças aos EUA. Que ao invés de colaborarem com as pessoas que trabalham para os EUA, ricos, oligarcas que controlam a terra, os recursos, é hora de terem uma visão mais evoluída sobre o continente.

D) Oposição Nacional

Aqui, reúne-se uma série de trechos sobre a oposição venezuelana em relação a Chávez e seu governo. Boa parte dos segmentos selecionados fazem referência ao golpe de 2002. A oligarquia nacional, além de resistir ao governo chavista, controlava a mídia, tinha apoio militar e receberam ajuda dos EUA e da Espanha. Os meios de comunicação reclamavam de censura enquanto o governo garantia total liberdade de expressão: constituíam boa parte da audiência, enquanto o governo se utilizava apenas do estatal Canal 8. Diante de uma intensa polarização no país, a população mais abastada condena veementemente o governo. Em uma cena de reunião de moradores, as donas de casa são recomendadas a prestar atenção no comportamento de suas empregadas domésticas já que

muitas delas pertencem aos Círculos Bolivarianos e podem passar informações e também estarem armadas.

No protesto anti Chávez houve uma mudança de trajeto em direção ao palácio de Miraflores, onde se concentravam os manifestantes chavistas. Os militares tentaram impedir um confronto entre os grupos, mas um tiroteio foi o estopim de uma confusão. Uma emissora de televisão privada manipulou imagens desse episódio acusando Chávez de ser o mandante do massacre. Pedro Carmona disse na televisão que o Presidente deveria se responsabilizar diante o país, renunciar e facilitar a transição do governo, contando com o apoio das Forças Armadas.

O corte do sinal do Canal 8 impediu membros do governo de se comunicarem com a população, garantindo que as únicas informações veiculadas fossem dos canais privados. Com o palácio rodeado de tanques, negociou-se que Chávez se entregaria, para evitar um derramamento de sangue, mas este se recusou a renunciar. Carmona anunciou que Chávez estava sob custódia dos militares e pediu que se formasse de imediato um novo governo de transição. Assim, o país amanheceu em um novo regime que fora explicado por um programa de televisão, onde participantes do golpe agradecem os meios privados. Enquanto isso, o novo governo comemorava no palácio e começava a construir uma nova gestão. Segundo um ex funcionário de um canal privado, a diretriz editorial naquele dia era a proibição da aparição de personagens chavistas.

Figura 10 – A revolução não será televisionada



FONTE: A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA

Após a retomada do palácio pela administração chavista, não houve a veiculação das informações por estes canais, mas ao contrário: Pedro Carmona afirmou em entrevista que apesar dos protestos, ainda possuíam o controle total. A mídia privada teve papel fundamental em todo o processo, sendo considerado, segundo especialistas, o primeiro “golpe midiático” da história. Mesmo depois do fracasso do golpe, continuaram apoiando grupos opositores, como por exemplo funcionários grevistas da PDVSA.

Em Oposição nacional + Chávez apresenta-se críticas diretas à pessoa de Chávez. O Ministro das Relações Exteriores diz que além das críticas diretas a Chávez, quando a oposição percebeu que não poderia derrotá-lo, passou a atacar também sua equipe de apoio.

E) Integração Regional

Os segmentos dessa seção mostram mensagens de apoio entre líderes latino-americanos, como por exemplo Evo Morales afirmando que não tem vergonha de admitir ser admirador de Fidel e Chávez. Cristina Kirchner diz que pela primeira vez na região os governantes se parecem com seus governados. Acrescenta que na região não existe colonialismo de um país sobre o outro, mas acreditam na integração respeitando as diferenças entre cada um, e ainda que Chávez não é um ditador pois fora eleito diversas vezes. Fernando Lugo, ex Presidente do Paraguai, afirma que as mudanças do continente são baseadas na Teologia da Libertação: “Se aqui tem que haver privilegiados, tem que ser os que foram historicamente esquecidos: os indígenas, os sem-terra, os analfabetos, os sem saúde que são os que hoje devem ser os primeiros a serem atendidos”. O governo Lula recusou qualquer cumplicidade brasileira nos planos de desestabilizar a Venezuela e a Bolívia, dizendo que não tem interesse de brigar com os Estados Unidos, apenas ser tratado com igualdade de condições. Em seguida, o ex-Presidente diz: “Eu acho que nós estamos mudando o patamar de governança na América latina, e pela primeira vez, os pobres estão sendo tratados como seres humanos. O resultado do avanço político na América latina é o resultado do fortalecimento da democracia”. Rafael Correa ressalta que Chávez começou uma nova era no continente, que fora o primeiro e que isso deve ter sido muito difícil e sua única influência é de que deu exemplo de muita coisa.

Figura 11 – Meu amigo Hugo (Nestor Kirchner, Evo Morales, Lula da Silva e Hugo Chávez)



Fonte: MEU AMIGO HUGO

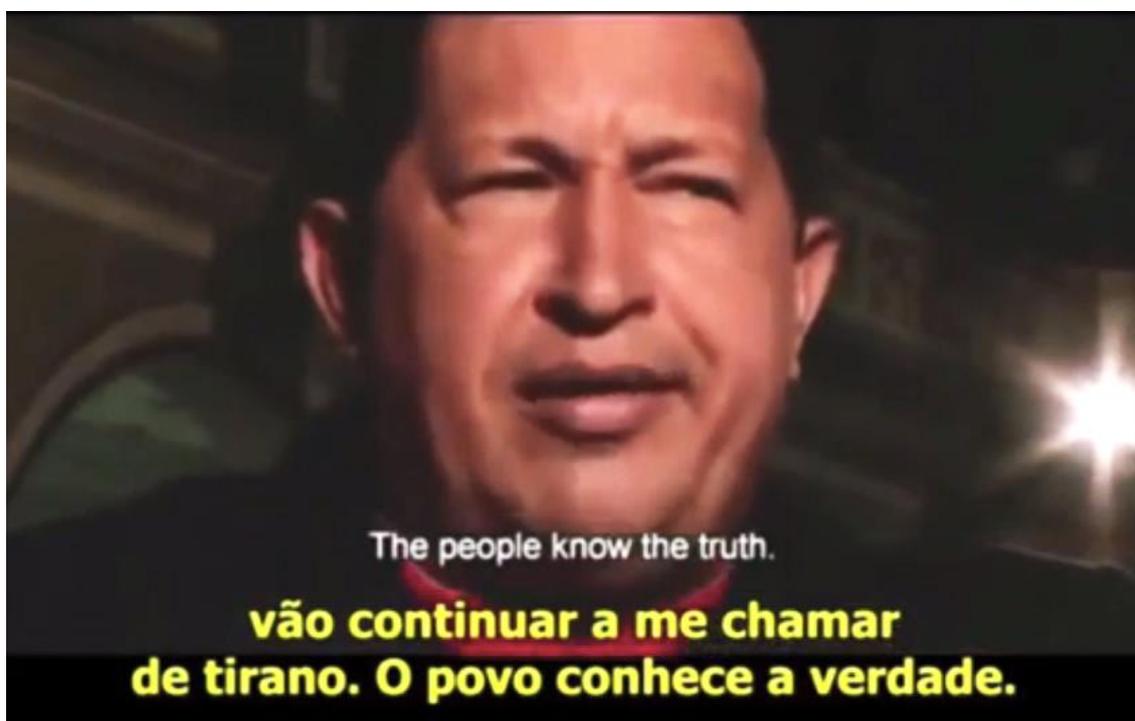
Em uma cena de “Meu amigo Hugo” na gravação do programa *“Aló Presidente”* em Cuba com a presença de Fidel Castro, Chávez diz que o programa é seu, de Cuba e de todos, ao que o governante cubano que responde que Cuba é de Chávez e de todos. Sobre Chávez, Pepe Mujica, ex Presidente do Uruguai, diz que “Creio que o indivíduo cumpre um papel na história, dentro de certos limites de tempo e da época que nos cabe viver. Eu conheci o Che, conheci o Mao, mas esse é um personagem que rompeu os padrões”. Lula acrescenta: “a Venezuela antes do Chávez nunca tinha tido um presidente que tivesse o amor pelo povo que o Chávez tinha. Que tivesse compromisso com a integração que o Chávez tinha, que tivesse compromisso com os mais humildes que o Chávez tinha. Então isso me marcou profundamente. Eu acho que foi uma perda muito grande pra América latina. Eu não quero que você goste do Chávez, eu só quero que você diga o que que era a Venezuela antes do Chávez e o que é a Venezuela agora com Chávez”. Já Rafael Correa afirma que Chávez “era um dos bastões da integração latino-americana, da UNASUL. Homens como Chávez são muito necessários, mas ninguém é imprescindível e devemos seguir em frente”.

F) Chávez

Na última categoria, apresenta-se segmentos sobre a pessoa de Chávez. Quando esteve sob custódia militar ao no golpe de 2002, o ex Presidente diz “vi o rosto da morte,

quase me mataram. Pensava em Che Guevara que morreu de pé. Por dentro não vou implorar perdão nem clemência, vou morrer de pé” e em outra cena acrescenta “Só não me mataram porque eu passei a vida toda nas Forças Armadas e os militares mais jovens me veem como líder”. Oliver Stone questiona sobre a reação às críticas, que parece ter desenvolvido uma proteção, mas que no começo devia ter doído muito, ao que Chávez responde: “me afetou pessoalmente sim. No começo me doía, as mentiras e o desrespeito ao povo. Mas depois entendi que era um jogo e que não importa o que eu faça, vão continuar me chamando de tirano. O povo conhece a verdade”.

Figura 12 – Ao sul da fronteira



Fonte: AO SUL DA FRONTEIRA

Chávez aparece como um trabalhador que dorme pouco, mas que o realiza com prazer. Um homem comum, amante de café. Sua origem humilde está ligada à ambição de vida de mudar o país. Todos os dias checava os preços do petróleo de manhã e à noite, pois este era um tema fundamental para o país. Viajava habitualmente com muitos livros e sempre improvisava, mas estes eram planejados: ele estudava e planejava tudo previamente, segundo o ex vice-Presidente. Em uma conversa com Oliver Stone, afirma que "eu creio que nunca cansarei de ser Chávez, porque Chávez me permite, como diz o poeta 'a reivindicar-me com a vida'... sendo presidente ou não. Mas nunca me cansarei

de ser o que sou, de pensar o que penso. Creio que a cada dia sou mais Chávez, a cada dia mais fortalecido comigo mesmo".

Acometido com um câncer, encarou-o com coragem e não deixou que isso afetasse sua função como chefe de Estado, e mesmo em um ritmo menor de trabalho, não sucumbiu emocionalmente. Maduro afirma que Chávez lhe ensinara um ritmo intenso de trabalho, uma disciplina, um compromisso com o que se faz. Sua esposa, a atual primeira dama, afirma que o ex Presidente possuía um senso de humor extraordinário o tempo todo. Nos últimos meses, tornara-se um ser humano e o mais importante era curar-se.

3.5 Resultados Obtidos

Em primeiro lugar, o modelo de análise escolhido deve ser justificado. A descrição linear de cada filme se deu com o intuito de mostrar a construção dos argumentos apresentados em cada um. A utilização repetitiva de descrições e citações na análise das categorias ocorreu devido ao embasamento nas anotações realizadas previamente, bem como uma justificativa das categorias elaboradas. Pretendeu-se assim ressaltar as características relevantes de cada filme e de cada categoria, para melhor analisá-las neste momento. Retoma-se aqui as perguntas de pesquisa: Como a imagem de liderança de Chávez é construída? Uma vez que os documentários são favoráveis, quais atributos são utilizados para reforçar essa imagem que se contrapõe à da mídia tradicional? Como a imagem construída pelos documentários reforçam àquela criada pelo próprio Chávez?

O povo fora leal a Chávez, que por sua vez retribuiu com um carisma e humildade imensos até seus últimos momentos. Esta, agregada à sua trajetória e ação militar, cujo viés popular fora diversas vezes enfatizado, foi o que lhe garantiu a tão significativa retomada do poder em 2002. Cynthia McKinney (2015) defende que Chávez seria, segundo o conceito de James Burns (1978 apud CALAÇA; VIZEU, 2015), um líder transformacional. De acordo com essa tipologia, um líder garante a obediência de seus seguidores através da exaltação e reforço de um ideal compartilhado pelo grupo. Dessa forma, a relação se sustenta por uma causa comum. Chávez, segundo a autora, fazia referências à liberdade, dignidade e justiça como metas finais do propósito coletivos e, com isso, transformava os seguidores em líderes enquanto tornava-se um agente moral.

Através de seu discurso nacionalista, visava a manutenção de uma união através da identidade nacional. Essa imagem fora representada anteriormente por Simón Bolívar e Chávez assumira o papel na contemporaneidade. Assim, quando há a assimilação entre Caracas, a bandeira da Venezuela e o chamado por Chávez, compreende-se que sua

identidade e aquela do povo o qual defende, se mesclaram em algo único, que fora impossível dissolver. A retórica da tradição se utiliza da história para legitimar ações e dar coesão a grupos através da ressignificação do passado, com versões que se impõem como verdades de acordo com os interesses de cada emissor. Essa característica é típica do populismo, cujo discurso os emprega como mecanismos de mobilização. Assim, Bolívar ocupa, desde o século XIX o lugar de mito nacional por excelência (SEGOVIA, 2009).

O projeto bolivariano modificou a identificação do papel dos militares associando-os ao Exército patriota do século XIX que rompera com o Império Espanhol, da mesma maneira que se tentou romper com a ordem vigente em 1992. A exaltação da ação militar se equipara, dessa forma, com as realizações e compromisso com o processo de independência venezuelana. O discurso chavista propõe uma continuidade histórica entre ambos os exércitos, equiparando a estatura moral de seus protagonistas (ROMERO, 2005).

As mudanças que o governo de Chávez conduziu permitiu ao povo conscientizar-se politicamente para serem capazes de demandar seus direitos, antes escassos. A identificação de sua origem humilde, um homem comum, trabalhador, com traços andinos, representava a chance de ascensão a indivíduos que até então não contavam com essa possibilidade. Com a consciência e responsabilidade de ser um condutor nacional, um modificador da história, se protegia de críticas que pudessem desestabilizar seus compromissos com o povo. Configurava, portanto, a mudança, a batalha pela construção de uma nova realidade nacional e, posteriormente, também regional.

Foi responsável também pela imposição da soberania nacional finalizando um longo período de subserviência aos Estados Unidos. Este, ao ter sua autoridade questionada, ainda mais em um contexto geopolítico mundial tão significativo, respondeu como pôde e falhou – vide abril de 2002. Agregada à aproximação com Cuba, a implementação do Socialismo do Século XXI e a promoção da integração regional, fez com que Washington revivesse o enfraquecimento da Doutrina Monroe. Chávez assumira e reproduziu o papel de sucessor de Bolívar também a nível continental.

Regionalmente, a ascensão de outras lideranças com ideologias semelhantes, garantiu a consolidação de uma rede de apoio inédita. É inegável, como comenta Cristina Kirchner, que era a primeira vez na história que os governantes tinham a cara de seus governados, e o ex presidente venezuelano fora um exemplo para que isso se realizasse.

Esse apoio mútuo permitiu o surgimento de uma identidade regional, sem comprometer os sentimentos nacionais. Retomando ainda a ex presidente argentina, acredita-se em uma integração que respeite as diferenças e as identidades de cada país, a cultura e os processos políticos distintos.

Existem versões de identidades culturais que desempenham o papel de meios de resistência contra a dominação e a exclusão, podendo ocorrer no plano da política interna ou de relações externas. De acordo com o colonialismo, existem versões de identidades culturais desenvolvidas por povos oprimidos que tem como função resistir a nações opressoras (LARRAÍN, 1994). Na luta contra o imperialismo, a Venezuela assume uma identidade de resistência, tanto individualmente, quanto em união com outros países latino-americanos. É através dessa resistência que o continente tenta ser ele mesmo, como se refere Chávez em "Ao sul da fronteira", resistindo dominações externas de caráter simbólico. Essas resistências contribuem para um enfraquecimento do centro e o desenvolvimento de um mundo multipolar.

A perda de direitos e status das tradicionais elites do país impulsionou a polarização da sociedade a extremos. Essa parte da população temia a consolidação de um regime comunista. Enquanto acusavam Chávez de ser um ditador, inúmeros plebiscitos foram realizados para consolidar sua manutenção no poder de forma legítima, reforçando ainda que sua base de apoio possuía o viés socioeconômico. Assim, tanto a oposição nacional, quanto a internacional, reforçavam seus ataques através de julgamentos morais a membros do governo, e também por discursos de ódio, não se respeitando nem o anúncio de sua morte.

A morte de Chávez fora apenas de forma física: continua sendo um guia espiritual da revolução em curso. Além de ser constantemente lembrando com carinho, os membros do governo se utilizam de sua forte imagem para manterem a legitimação de seu regime. Sua partida serviu para consolidar sua liderança, já que sua relação com o povo não fora abalada em nenhum momento quando ainda em vida. Seus restos mortais foram alocados no Forte repleto de significados que ele mostrara para Oliver Stone com tanto carinho. O simbolismo é evidente: ali começara sua atuação política em 1992, e ali ficará para a eternidade.

Cada filme, com uma construção argumentativa coerente, contribuiu para a representação de Chávez como um salvador da pátria. Seu caráter fora reforçado por suas origens humildes e sua carreira militar de cunho popular. Aparece sendo injustiçado por oposições consideradas mesquinhas e ressentidas pela perda de benefícios. Com

acusações vazias e agressivas, não tinham força o suficiente para quebrar a união entre o líder e seu povo. A representação de Chávez como um indivíduo carismático e humilde em todas as esferas de seu cotidiano, atuam como um reforço negativo para o argumento de que seria um líder meramente demagogo. Chávez se mostrava sem máscaras, como alguém que realmente vivia aquilo que pregava, e assim reforçava uma conduta moral exímia, digna de um verdadeiro líder. Esses seriam os principais atributos utilizados para reforçar sua imagem de liderança.

Esta estratégia vem acompanhada, em seu caso, de uma desmistificação da figura do líder, no dismantelamento da "ideia" de caudilho, que domina e impõe ao coletivo seu parecer, ainda que na prática política se assista a um exercício único do poder, onde sua palavra é a última decisão do adepto bolivariano. Discursivamente, se apela à emoção, derivada das referências pessoais nas alocuções, às pessoas que intervêm, assinalando um laço de conhecimento pouco comum nos discursos políticos, que permite que o cidadão/povo se "faça público" diante do líder, passa do anonimato ao reconhecimento, estabelecendo uma relação intimista, marcada pelo emprego de entidades genéricas - amigo, amiga, irmão - que dão significado e transcendência à intervenção (ROMERO, 2005, p.366).¹⁹

Os filmes, quando vistos em conjunto, permitem a visualização de Chávez como uma liderança extremamente competente, ou seja, uma retificação daquilo que o ex presidente queria demonstrar. A população sustentou essa liderança porquê de alguma forma ela lhe trazia algum retorno e assim, Chávez foi mantido no poder. A argumentação da oposição fora desqualificada como ressentimento elitista, reforçando ainda mais o papel de libertador do povo venezuelano que desde sempre fora marginalizado. Ao assumir esse papel, como uma continuidade de Bolívar, o movimento resignificou 200 anos de história a fim de legitimar seus ideais, ou seja, consolidou sua forma de pensar a fim de obter legitimação como guia. De fato, uma série de valores e ideias pregados pelo chavismo representam um ideal de mudança para a América Latina, cuja história é repleta de dominações em vários âmbitos, e esse movimento, essa tentativa de autonomia, é significativa e deve ser considerada como um ponto positivo. Muitas mudanças aconteceram na Venezuela no governo de Hugo Chávez, a revolução, entretanto, não se concretizou já que a estrutura capitalista da sociedade fora mantida.

¹⁹ Esta estrategia viene acompañada, en su caso, de una desmitificación de la figura del líder, en el dismantelamiento de la "idea" de caudillo, que domina e impone al colectivo su parecer, aunque en la práctica política se asista a un ejercicio unipersonal del poder, en donde su palabra es la última decisión del adepto bolivariano. Discursivamente, se apela a la emotividad, derivada de las referencias personales en las alocuciones, a las personas que intervienen, señalando un lazo de conocimiento poco común en los discursos políticos, que permite que el ciudadano/pueblo se "haga público" ante el líder, pasa del anonimato al reconocimiento, estableciendo una relación intimista, signado por el empleo de entidades genéricas - amigo, amiga, hermano - que le dan significado y transcendencia a la intervención. Tradução livre.

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, a liderança de Chávez se encaixa, de alguma forma, em todas as tipificações que foram apresentadas no primeiro capítulo, de líder populista, de cesarista e de mito político. Sua figura é um significante vazio agregador das “demandas democráticas” da massa, seu carisma conduz a população de forma exímia associando o líder com o projeto de Estado. O populismo é uma forma política desprovida de conteúdo devido à agregação de individualidades heterogêneas em uma massa. Dessa mesma maneira, pode se caracterizar, na sociedade venezuelana polarizada, o grupo antichavista: uma agregação de opositores. O modo de construir o político chavista resignificou identidades políticas a partir de suas reduções maniqueístas, ou seja, de um lado os que eram a favor, e do outro, os contrários.

Como mito, Chávez ressalta o passado através de Simon Bolívar, o futuro que será construído pela própria população e também se coloca como o Salvador da pátria. Retomando Miguel, (2000) o Salvador encarna todo o social contra os interesses egoístas dos adversários, através de uma unidade consolidada no projeto político bolivariano. Dessa forma, proporcionou - de diversas maneiras - a participação política, que seria uma das bases para a consolidação do propósito de uma Venezuela livre de dominações oligárquicas e imperiais. O sentido do Salvador é a mobilização para a ação em recusa à razão, trazendo uma verdade que é incontestável: em diversos momentos os filmes apresentam depoimentos de pessoas replicando as palavras do comandante Chávez, que os guia para lutar pelos seus direitos. Isso não desqualifica o significativo crescimento de participação política incentivada pelo governo, mas representa a reprodução de clientelismos. É importante ressaltar outra característica do mito político que é a presença de elementos de conspiração na sociedade, contra os quais o líder luta contra: o constante boicote estadunidense, o das elites nacionais e também o câncer que o ex-presidente contraiu.

Independente da tipificação da atuação política de Chávez, sua força estava em seu discurso. Este, fixava fronteiras entre “nós” e “outros” constantemente: Chávez era o homem comum cujo discurso informal permitia a identificação entre ele e os cidadãos, que deveriam se unir para combater os opositores. O discurso utiliza o convencimento para legitimar o poder de quem detém o conhecimento e, assim, Chávez construiu as verdades concretizadas no processo da revolução bolivariana. Guiou, dessa forma, as representações de mundo e as relações sociais através da reprodução de suas ideias, de

seu saber, construindo crenças sobre os significados de situações políticas. Através do discurso as palavras ganham sentido quando associadas a um projeto político, mas quando tomadas por si só, estão desprovidas de sentido. Essa seria a imagem que Chávez constrói de si mesmo e que os documentários reiteram: o grande orador que comove o interlocutor mesmo em conversas banais por demonstrar saber sobre o que se fala, se utilizando de sua humildade e perseverança diante das adversidades. Quando mostrado em falas oficiais, cercado de uma população que demonstra seu apoio, o apelo emocional é ainda mais intenso. Os documentários reforçam esses atributos constantemente.

É por essa razão que a disputa pelo controle dos meios de comunicação fora tão relevante em sua gestão, o discurso oficial deveria ser propagado para garantir a manutenção do poder, bem como regular a agenda política. A grande mídia, por sua vez, enfatizava a oratória de Chávez como manipuladora, sua liderança como totalitária, seu apelo popular como massa de manobra, a ineficácia de sua equipe, as tendências ao fracassado comunismo. Os julgamentos iam para além da esfera política e atingiam a esfera pessoal, através de questionamentos de valores morais. Esse conflito de imagens é uma disputa de poder simbólico que se deu de forma muito intensa em seu governo, já que carisma e discurso seriam a base de todo o seu poder. O próprio ex vice-presidente da Venezuela afirma que mesmo os improvisos de Chávez em suas falas eram previamente planejados, encenando, assim, seu espetáculo repleto de apelos emocionais enquanto se dedicava, racionalmente, à disputa de interesses políticos.

A maneira com a qual o mito transmite uma mensagem verdadeira e incontestável, bem como o discurso político legitima o poder, relacionam-se diretamente com a discussão entre verdade e convencimento intrínsecas aos filmes documentários. Estes, para retratarem visões de mundo e suas representações modificam as imagens dando sentido ao argumento que pretendem sustentar, sendo uma forma de transmissão de conhecimento. Retomando Nichols (2005), a organização de um documentário é avaliada pelo poder de persuasão ou convencimento de suas representações, e a noção de verdade, segundo Ramos (2008) se aproxima daquela de interpretação. Assim, um documentário que reproduz a mensagem de um mito político pode facilmente ser interpretado como algo verdadeiro sem grandes contestações. Ou, ao contrário, pode construir uma imagem completamente oposta ao ressaltar apenas aspectos negativos e assim atingir um outro público que simpatiza com esse viés.

Documentários permitem a construção de imagens públicas tornando-as parte do imaginário político. Chávez, ao contar com ao menos três documentários cujas

representações reforçam o caráter positivo de sua atuação por si só, já se consolida como um líder político excepcional, pois sua mensagem permanecerá documentada e, conseqüentemente, será reproduzida de forma efetiva através de gerações. Espera-se, por sua vez, que as documentações negativas acerca de sua atuação política extrapolem mero maniqueísmo e apresentem críticas contundentes ao seu regime. Finalmente, é possível dizer que a imagem que Chávez construiu de si mesmo a partir dos atributos de caráter indubitável, humildade, homem comum, honesto e trabalhador, bem como um excelente orador foram efetivamente reproduzidas pelos três filmes aqui analisados.

BIBLIOGRAFIA

AO SUL DA FRONTEIRA. Direção: Oliver Stone. 102 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6vBIV5TUI64>>. Acesso em: 9 setembro 2016.

A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA. Direção: Kim Bartle e Donnacha O'Briain. 74 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MTui69j4XvQ>>. Acesso em 11 setembro 2016.

AVELLAR, J. C. **A Ponte Clandestina.** São Paulo: Edusp, 1995.

BARLACH, L. **A Liderança Carismática, segundo Alexandre Dorna.** PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 12. Nº 24. PP. 363-368. JUL. – DEZ. 2012.

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. **Dicionário de Política.** Brasília: UnB, 1998.

BORÓN, A. **¿Una nueva era populista en América Latina?** In El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

_____. **Socialismo siglo XXI: ¿hay vida después del neoliberalismo?** Buenos Aires: Luxemburg, 2008.

BRUCE, M. **Movimentos Sociais e Bolivarianismo** In SCHURSTER, K. ARAÚJO, R (orgs) **A Era Chávez e a Venezuela no tempo presente.** Rio de Janeiro: Autografia; Edupe, 2015.

CALAÇA, P. A. VIZEU, F. **Revisitando a perspectiva de James MacGregor Burns: qual é a ideia por trás do conceito de liderança transformacional?** Cad. EBAPE.BR, v.13, nº 1, artigo 7, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2015.

CANELÓN-SILVA, A. R. **Del Estado comunicador al estado de los medios catorce años de hegemonía comunicacional en Venezuela.** Palabra Clave 17(4), 1243-1278. Dezembro 2014.

CAÑIZALES, A. **De mediadores a protagonistas - crisis política, medios y comunicación en Venezuela.** Iconos Revista de Ciencias Sociales, Quito, n.16, pp. 30-36. Maio 2003.

CARVALHO, E. **Hayek e Friedman e as origens do neoliberalismo.** Dimensões v. 11, jul-dez, 2000.

CHAIA, M. **Cinema e Política.** Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

CHAIA, V. **Lideranças políticas e cinema: a imagem construída.** REVISTA USP, São Paulo, n.90, p. 102-119, junho/agosto 2011.

COMOLLI, J. **Voir e pouvoir.** Verdier, 2004.

COUTINHO, M. **Movimentos de mudança política na América do Sul contemporânea.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 27, p. 107-123, nov. 2006.

DAHL, R. **La igualdad política.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

ENTMAN, R. M. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm.** Journal of Communication, New York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

ERLICH, F. **La relación interpersonal com la audiência: El caso del discurso del presidente venezolano Hugo Chávez.** Revista Signos, 38(59), p. 287-302, 2005.

FERREIRA, Jorge. **O nome e a coisa: o populismo na política brasileira** In O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 60-124.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FRÍAS, H. C. **Agenda Alternativa Bolivariana.** Caracas, 2014.

_____. **Presidente Chávez define el socialismo del siglo XXI.** 2005. Disponível em: <www.aporrea.org/ideologia/a17224.html>. Acesso em: 2 agosto 2016.

FUKUSHIMA, K. A. **O Governo Chávez e a Luta pelo Poder na Venezuela: uma análise dos atores políticos em conflito.** São Carlos, 2009.

GAMSON, W. MODIGLIANI, A. **Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach.** American Journal of Sociology, v. 95, p. 1-37, 1989.

GAUTHIER, G. **O documentário: um outro cinema.** Papirus, 2011.

GERMANI, G. **Democracia representativa y clases populares** In GERMANI, G; DI TELLA, T. IANNI, O Populismo y contradicciones de classe. Cidade do México: Ediciones Era, 1973.

HARVEY, D. **O novo imperialismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KITZBERGER, P. **Las relaciones gobierno-prensa y el giro político en América Latina.** POSTData, p.157-181. 14 agosto 2009.

LARRAÍN, J. **La identidad latinoamericana teoría e historia.** Estudios Públicos, 55. 1994.

LEAL, P. M. V. **Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso.** Anais II Encontro COMPOLÍTICA, Belo Horizonte, 2007.

LOPES, A. L. **O governo Chávez e o ensaio da superação do rentismo venezuelano: do nacionalismo bolivariano ao socialismo do século XXI.** 2011. 156 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106288>>. Acesso em 15 fevereiro 2017.

LOVERA, A. **Los consejos comunales en Venezuela: ¿Democracia participativa o delegativa?** Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales v.14 n.1 Caracas abr. 2008.

MAIA, R. C. M.; DINIZ, A. D. O.; LEÃO, A. V.; SANTOS, D. B.; OLIVEIRA, V. V.; GUIMARÃES, V. R. **Mídia e enquadramentos em ambientes competitivos: a troca pública de razões.** Anais 32º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2008.

MAYA, Margarita López. **O governo de Chávez: democracia participativa e políticas sociais.** In Luta Hegemônica na Venezuela – a crise do puntofijismo e a ascensão de Hugo Chávez. Caracas: Alfadil, 2005. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/uploads/uploadsFCkEditor/File/venezuela_margarita.pdf>.

MCKINNEY, C. **Hugo Chávez Liderazgo para Venezuela; Liderazgo para el Caribe** In El ALBA-TCP: origen y fruto del nuevo regionalismo latinoamericano y caribeño. Buenos Aires: CLACSO, maio de 2015.

MENDES, F. S. **Hugo Chávez em seu labirinto: o Movimento Bolivariano e a política na Venezuela.** São Paulo: Alameda, 2012.

MEU AMIGO HUGO. Direção: Oliver Stone. 50 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MfBJN4rWJ2Y>>. Acesso em 10 setembro 2016.

MIGUEL, L. F. **Mito e Discurso Político.** UNICAMP: Campinas, 2000.

MORAES, D. **Seis cuestiones para entender la hegemonía mediática.** Revista América Latina em Movimiento (28/01/2015). Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/active/80425#comment0>>. Acesso em 12 janeiro 2015.

MORAES, W. S. **Socialismo del siglo XXI ou capitalismo de las calles? Qual o real significado da ‘Era Chávez’ na Venezuela?** In SCHURSTER, K. ARAÚJO, R (orgs) A Era Chávez e a Venezuela no tempo presente. Rio de Janeiro: Autografia; Edupe, 2015.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** Papirus. Campinas, 2005.

ORJUELA E., L. J. **La compleja y ambigua repolitización de América Latina** In El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

PLAN NACIONAL SIMÓN BOLÍVAR – PRIMER PLAN SOCIALISTA DE LA NACIÓN (PPS). Caracas, 2007.

PRADO, B et al. **Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michel Foucault.** Revista Anagrama Ano 4 - Edição 3 – Março-Maio de 2011.

PRZEWORSKI, A. **Qué esperar dela democracia: limites y posibilidades del autogobierno.** Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2010.

- RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** SENAC. São Paulo, 2008.
- ROMERO, J. E. **Discurso político, comunicación política e historia en Hugo Chávez.** Ámbitos, n.13-14, p. 357-377. 2005.
- SADER, E (org). **Gramsci – Poder, Política e Partido.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- SEGURADO, R. **Documentário e percursos da vida contemporânea.** Aurora, 1: 2007.
- SCHURSTER, K. ARAÚJO, R. **A Venezuela entre 1989 e 2013: Crises, Rupturas e Continuidades** In SCHURSTER, K. ARAÚJO, R (orgs) *A Era Chávez e a Venezuela no tempo presente.* Rio de Janeiro: Autografia; Edupe, 2015.
- SEGÓVIA, T. A. **Retórica de la tradición en el discurso político venezolano: el culto a los héroes.** Letras, V.51, N° 79. Caracas: agosto 2009.
- TANNER HAWKINS, E. **Conflict and the Mass Media in Chávez's Venezuela.** Latin American Studies Association, Dallas. Março, 2003.
- TEDESCHI, L. A. ARCE, A. M. **Discurso, poder e mídia na Venezuela da era Chávez.** Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v.40, n.2, p. 224-239, jul-dez. 2014.
- VIDAL, F. B. **Um marco do fundamentalismo neoliberal: Hayek e O caminho da servidão.** Observador, dezembro, 2007.
- VILLA, R. D. **Novas lideranças Sul-Americanas: Clivagens sobre o binômio estabilidade-instabilidade política.** Revista de Sociologia e Política v. 17, n° 32: 181-185 FEV, 2009.
- _____. **Venezuela: Mudanças Políticas na Era Chávez.** Estudos Avançados, 19 (55), 2005.
- VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. **Análise indireta de enquadramentos da mídia.** Revista Famecos, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 235-252, jan./abr. 2011.
- WAINER, L. **Posneoliberalismo y antiimperialismo en la primera etapa del proceso chavista** In KOZEL, A; GROSSI, F.; MORONI, D (orgs) *El imaginario antiimperialista en América Latina.* CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini: Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- WERZ, N. **Populismos y democracia en América Latina** In *El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe.* Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

APÊNDICE A – Anotações de “Ao sul da fronteira”

Código	Título	Texto da anotação	Início
Imperialismo	Anotação 1	Fox News chamando Chávez e Evo de ditadores drogados	00:00:25.7
Imperialismo	Anotação 2	Mídia internacional amigos X inimigos de Washington	00:01:29.9
Imperialismo	Anotação 3	Por desafiar Washington, Chávez é um ditador, um terrorista mesmo sendo um triunfo eleitoral na Venezuela mais perigoso que Fidel para os EUA mídia dos EUA	00:03:34.7
Relação com as massas	Anotação 4	Foi construído no meio militar, mas com o ideal de ajudar a população, não de massacrá-la	00:07:16.0
Relação com as massas	Anotação 5	Golpe fracassou Chávez assumiu responsabilidade POR AHORA a população o viu como herói	00:08:15.7
Relação com as massas	Anotação 6	Candidato à presidência 97 contra ex miss universo Chávez is preaching revolution and that's what the people wanna hear	00:09:25.9
Relação com as massas	Anotação 7	Candidato Chávez: ex militar que disse que vai lutar contra a tradição da corrupção e desigualdade econômica Venezuela estava em crise crise das elites políticas oposição da mídia "passamos 40 anos com ladrões vestidos de políticos" - por isso é tão popular "o poder que vocês me deram, não me pertence, pertence à vocês. vocês elegeram o governo que não será o governo de Chávez, porque Chávez é o povo. Vai ser o governo do povo" prometeu reformas para melhorar as condições de vida dos pobres,	00:09:51.0

		<p>aprimorar democracia e dividir os lucros do petróleo com aqueles que nunca tinham sido beneficiados no passado</p> <p>nos próximos anos, proclamou a Venezuela uma república bolivariana e começou a cumprir sua promessa</p>	
Nacionalismo/Bolívar	Anotação 8	<p>Bolívar libertador da América imagem de Bolívar em toda sua glória Bolívar pensava em séculos e via o mundo em continentes</p>	00:11:04.0
Relação com as massas	Anotação 9	<p>Passando na rua e as pessoas vindo cumprimentar</p>	00:11:40.2
Imperialismo	Anotação 10	<p>Washington preocupado com a Venezuela Chávez não sabe o que é democracia petróleo não tem boas intenções quanto aos EUA</p>	00:11:54.9
Oposição nacional	Anotação 11	<p>Resistências da oligarquia controlavam a mídia, tinham apoio militar e receberam ajuda dos EUA e Espanha pedindo renúncia Carmona escolhido para ser o novo presidente</p>	00:12:27.2
Imperialismo	Anotação 12	<p>O golpe teve um motivo: petróleo planificação do Bush: 1- Chávez 2- Sadam (Irã)</p>	00:13:08.1
Oposição nacional	Anotação 13	<p>Golpe 2002 "quer transformar a Venezuela em Cuba" explica a farsa do tiroteio pela mídia privada e a acusação de que o massacre tinha sido ordenado por Chávez "gângues chavistas atirando na</p>	00:13:28.3

		população" chefe das F.A. dizendo que o massacre é intolerável	
Chávez	Anotação 14	Vi o rosto da morte, quase me mataram pensava em Che Guevara que morreu de pé por dentro não vou implorar perdão nem clemencia, vou morrer de pé	00:15:45.4
Imperialismo	Anotação 15	A maior parte da mídia americana aprovou o golpe editorial do NYTimes escreveu "a democracia venezuelana não mais seria ameaçada por um sujeito metido a ditador" essa referência ignora a ironia do que realmente estava acontecendo	00:16:08.0
Oposição nacional	Anotação 16	Destituição da assembleia nacional e outros membros do governo dirigentes do AD apresentaram ao TSJ um atestado de insanidade mental do Chávez a mídia se tornou parte da oposição antes do golpe, estavam participando ativamente e apoiando a oposição. Transmitiam todo depoimento de oposição que era feito especialistas dizem que foi o primeiro "media coup" e algum golpista agradece na tv aos meios de comunicação ex candidata (miss universo) pediu à comunidade internacional apoio no período de transição: governo dos EUA, ONU, OEA porque foi um crime (o "massacre" de Chávez) e que o novo governo apoia o processo democrático	00:16:21.7
Imperialismo	Anotação 17	O FMI manifestou apoio ao golpe demonstrando que a queda do Chávez era de extrema importância ao capitalismo global os EUA compram mais petróleo	00:18:02.0

		da Venezuela do que de qualquer outro país da OPEP. Queda do preço do barril após a queda de Chávez porque não importa quem for o novo presidente, será mais simpático aos EUA	
Chávez	Anotação 18	Só não me mataram porque eu passei a vida toda nas F.A e os militares mais jovens me veem como líder	00:18:51.9
Relação com as massas	Anotação 19	O povo rodeou o palácio querendo Chávez de volta "eu votei nele e quero que termine seu mandato. Porque se é uma democracia, deve-se respeitar as leis" soldados disseram aos oficiais que não apoiavam o golpe "as F.A. estão com o povo" "me cercaram e me protegeram. E logo me tiraram da ilha, os paraquedistas com os helicópteros. Sou um líder paraquedista, eles foram meus homens. Me trouxeram de volta para o palácio cercado pelo povo" carmona teve que fugir um cardeal foi até a ilha pedir que o Chávez assinasse a renúncia porque Washington queria isso assinado. Disse para eles rezarem porque iriam resgatá-lo e o cardeal ficou assustado. O helicóptero de resgate chegou e levaram o cardeal junto que mudou de lado e disse "vamos rezar presidente"	00:19:06.4
Relação com as massas	Anotação 20	F.A estão com o povo povo clamando por Chávez "bom dia. que continuemos avançando com calma e prudência"	00:20:44.5
Imperialismo	Anotação 21	NYTimes ficou constrangido de ter apoiado o golpe Washington assumiu ter feito reuniões com os membros da oposição para discutir o golpe, mas uma ação militar estava fora de questão no dia seguinte diziam defender a	00:21:33.3

		democracia "foi uma renúncia, não um golpe" EUA contraditórios	
Oposição nacional	Anotação 22	O golpe falhou, mas meses depois os funcionários da PDVSA fizeram uma greve, apoiada pela mídia causou uma recessão terrível	00:23:38.6
Relação com as massas + integração regional	Anotação 23	A tática oposicionista falhou: cuba mandou médicos e remédios grátis em troca de petróleo barato "algumas pessoas aqui nunca viram um médico"	00:24:13.0
Imperialismo	Anotação 24	Mídia americana dizendo que Chávez ama tanto os pobres que os multiplicou	00:24:34.5
Relação com as massas	Anotação 25	Depois que o governo retomou a indústria petroleira a economia dobrou de tamanho em 6 anos, a pobreza foi reduzida pela metade e a extrema pobreza em 70% fala das propriedades comunais	00:24:42.2
Imperialismo	Anotação 26	Mídia americana fala sobre a ausência de direitos humanos por parte de Chávez, bush o comparou ao Hitler amigos X inimigos de Washington (sobre direitos humanos) Chávez aparece com Fidel e o presidente do irã, tiranos inimigos dos EUA	00:25:36.0
Chávez	Anotação 27	Oliver Stone diz que parece que o Chávez desenvolveu uma proteção, mas que no começo devia ter doído muito "me afetou pessoalmente sim. No começo me doía, as mentiras e o desrespeito ao povo. Mas depois entendi que era um jogo e que não importa o que eu faça, vão continuar me chamando de tirano. Mas o povo sabe a verdade"	00:26:25.7
Imperialismo	Anotação 28	Depois do golpe virou uma guerra Chávez chamando o bush de asno e de diabo na conferência da ONU	00:26:59.2

Chávez	Anotação 29	Chávez trabalhador, dorme pouco todo esse trabalho é um prazer	00:27:27.7
Chávez	Anotação 30	Origem humilde tá ligada à sua ambição de vida de mudar o país super humilde com a população história da vó que morreu jovem por causa de tanto trabalho amigo de infância dizendo que quando jogavam beisebol ele só queria ganhar porque sempre se esforça muito pra ganhar humilde andando de bicicleta que quebra e ele tem que pagar uma nova	00:28:12.7
Relação com as massas	Anotação 31	Muito atencioso com a população nas ruas fala para uma moça voltar a estudar, para procurar a missão Ribas	00:30:58.3
Relação com as massas + nacionalismo/Bolívar	Anotação 32	Fala dos crescimentos econômicos do acordo com o irã sobre milho e que aí vendem muito barato para a população	00:32:00.8
Nacionalismo/Bolívar + integração regional	Anotação 33	Fala dos êxitos de Bolívar que há 200 anos começo uma revolução e libertou os povos do império espanhol começou o sonho de uma república livre e soberana mas aí veio o império norte americano e destruiu tudo, o império inglês e dividiram tudo em pedaços esse continente quer ser ele mesmo	00:32:41.4
Nacionalismo/Bolívar + Chávez	Anotação 34	Chávez mostra o quartel em que estava na tentativa de golpe de 92 podia ter morrido ali, ali morreram seus soldados. É fortemente conectado com aqueles que ali morreram nesse dia com os que morreram no palácio "esses mortos carrego comigo. E isso faz parte do meu compromisso" Oliver diz que como ex soldado ele o compreende e os dois se cumprimentam	00:33:14.3

Integração regional + nacionalismo/bolívar	Anotação 35	As vitórias de Chávez começaram a mudar seu país em oferta de esperança a outros. Outros países da região começaram seus próprios processos "parecia que o sonho de Bolívar havia começado a se realizar as antigas oligarquias brancas começaram a defender seu status com força surgiram novos movimentos sociais indígenas, negros, pobres Chávez foi mais para a esquerda e proclamou o socialismo, convidando outros países a se juntar à revolução bolivariana. WOULD THEY?	00:34:11.8
Integração regional + imperialismo	Anotação 36	Mídia americana dizendo que o Evo quer legalizar a cocaína primeiro indígena a ser eleito no país chamou o bush de terrorista inimigo da gestão bush Evo faz parte da nova onda de líderes de esquerda na américa do sul Bolívia tem a segunda maior reserva de gás da américa do sul	00:34:57.4
Integração regional	Anotação 37	Evo dizendo que não tem vergonha de dizer que é admirador de Fidel e Chávez outros o viram como a vitória da verdade contra a tirania corporativa	00:36:44.3
Integração regional + imperialismo	Anotação 38	Mídia americana falando do novo triangulo antiamericano de língua espanhola: Evo, Chávez e Fidel que diz que o mapa da geopolítica do continente está mudando e ele tá certo	00:42:02.5

Integração regional	Anotação 39	<p>Cristina Kirchner dizendo que pela primeira vez na região os governantes se parecem com os governados, tipo o Evo conta de uma entrevista com uma jornalista que dizia que o Chávez quer exportar sua revolução, suas mudanças, seu socialismo para toda a América Latina e que isso não deve acontecer. Ela condena essa visão colonialista europeia de instalar suas ideias e outros países. Na região não temos experiências internas de colonialismo de um país sobre o outro, pelo contrário, sofremos na mão do colonialismo. Não queremos impor nada, ao contrário, acreditamos em integração respeitando as diferenças e identidades de cada país a cultura e os processos políticos que nunca são iguais, pois somos povos diferentes com sociedades diferentes e histórias distintas</p> <p>Oliver pergunta o que ela acha da imprensa chamar o Chávez de ditador não existe na história do continente um governo que tenha passado por tantas eleições quanto Chávez. Não vi muitos ditadores ganharem 13 eleições seguidas. Pode-se concordar com o que ele diz ou não, mas dizer que não há liberdade na Venezuela para se dizer o que pensa, ou não, eu não acredito nisso, ao contrário</p>	00:43:18.2
Integração regional	Anotação 40	Foto da posse de Nestor Kirchner com Fidel e Chávez	00:46:19.7
Nacionalismo/bolívar + imperialismo	Anotação 41	Chávez num estádio lotado mandando a ALCA AL CARAJÓ	00:51:47.2

Integração regional	Anotação 42	<p>Conversa com Lugo sobre as mudanças no continente pergunta se de alguma forma são, de alguma forma, resultados da teologia da libertação sim, sem dúvidas. Cremos que as raízes da mudança na América Latina começaram com uma nova forma de pensamento. Há 15 ou 20 anos ninguém imaginaria que um indígena se tornaria presidente, que duas mulheres seriam presidentes de dois países importantes, que um metalúrgico seria presidente, que um militar seria presidente, e menos ainda que um bispo seria presidente. Creio que há um novo ator político que são os movimentos sociais (...) Nós somos coerentes com a opção da Teologia da Libertação. Se aqui tem que haver privilegiados, tem que ser os que foram historicamente esquecidos: os indígenas, os sem-terra, os analfabetos, os sem saúde que são os que hoje devem ser os primeiros a serem atendidos</p>	00:52:36.8
Integração regional	Anotação 43	<p>LULA recusou qualquer cumplicidade brasileira nos planos de desestabilizar a Venezuela e Bolívia muitas vezes aqui na América do Sul nós tivemos governantes subservientes. Muitas vezes aqui, e também uma elite subserviente. Tudo que era americano era bom, tudo o que era europeu era bom, tudo o que era japonês era bom. Tudo o que era nosso não prestava. Eu aprendi na vida sindical que um interlocutor só respeita outro se ele se respeitar. Então eu pessoalmente, não tenho nenhum interesse de brigar com os EUA. A única coisa que eu quero é ser tratado em igualdade de condições</p>	00:55:23.6

Integração regional	Anotação 44	LULA eu acho que nós estamos mudando o patamar de governança na América Latina. E pela primeira vez, os pobres estão sendo tratados como seres humanos. O resultado do avanço político na América Latina é o resultado do fortalecimento da democracia	00:57:19.3
Integração regional	Anotação 45	Rafael Correa Chávez começou uma nova era na América Latina. Nesse momento é muito difícil fazer as mudanças que queremos fazer e que nossos países precisam. Agora que temos muitos governos amigos na região como o do presidente Chávez, do presidente Evo, Kirchner, Lula. Imagino quão difícil tenha sido para Chávez há dez anos quando estava absolutamente sozinho em uma América Latina cheia de governos neoliberais. Talvez a única influência de Chávez é que nos deu exemplo em muita coisa	00:58:22.4
Integração regional + nacionalismo/Bolívar	Anotação 46	Raul castro somos os primeiros mas não os padrinhos. Todos são adultos, andam sozinhos e tem suas próprias ideias e trazendo novas ideias, como por exemplo o socialismo do século 21. Não são herdeiros de nossas sobras. Todos são herdeiros de algo. Os cubanos são herdeiros dos libertadores da América começando por Bolívar, Sucre, Toussaint L'Ouverture do Haiti, a primeira e única revolução triunfante liderada por escravos na história do mundo. Somos herdeiros de lutas mais recentes como outros companheiros que caíram como Che Guevara etc. agora alguns são jovens como Correa, Chávez, mas cada um vai aprendendo de seu próprio acervo e do acervo do continente. Não somos padrinhos e eles não são os herdeiros	01:00:55.4

<p style="text-align: center;">Imperialismo + integração regional</p>	<p style="text-align: center;">Anotação 47</p>	<p>Obama como esperança Chávez espera que Obama seja um novo Roosevelt e implante um new deal no mundo todo já que os EUA mandam no mundo, a Venezuela fortalece os laços regionais para que falem como uma voz única. Num encontro da Cúpula das Américas (em Trinidad e Tobago) a maioria dos países se recusou a assinar qualquer documento com a ausência de cuba. Isso não foi relatado propriamente na mídia americana. Se isso se multiplicasse, a hegemonia dos EUA estaria em perigo Fox News falando que Obama da credibilidade aos inimigos ao conversar com ditadores, corruptos, pedófilos (presidentes latino americanos) Obama se encontrou com Chávez que ofereceu paz. Há boatos de que Obama garantiu que não haveriam novas estratégias de desestabilização ou qualquer interferência nos assuntos internos da Venezuela.</p> <p>Evo dizendo que esses 50 anos não foram em vão. Cita os líderes da esquerda latino-americana dizendo que são uma rebelião contra o imperialismo na América Latina</p> <p>Nestor Kirchner diz que poder absoluto é ruim para todos. Sempre aconselha a Chávez que ele deve construir coletivamente. Que deve ter 10 candidatos à presidência, que não pode ser o único. Senão quando ele morrer o processo acaba. A crença de que só uma pessoa possa ser a garantia é a mesma coisa que crer que uma única potência pode resolver todos os problemas do mundo</p>	<p style="text-align: center;">01:05:05.5</p>
--	--	---	---

Imperialismo + integração regional	Anotação 48	Na Venezuela, equador e Paraguai, 95% da mídia foi totalmente hostil aos bolivarianos, mesmo assim eles ganharam. Há uma lição aqui a ser aprendida	01:09:22.1
Nacionalismo/Bolívar + Chávez	Anotação 49	Chávez: coisas que nos faz continuar são fé, otimismo, a esperança. e a evidencia concreta de que sim, é possível mudar o mundo, mudar a história. É POSSIVEL, OLIVER	01:10:05.3

APÊNDICE B – ANOTAÇÕES SOBRE “MEU AMIGO HUGO”

Código	Título	Texto da anotação	Início
Relação com as massas	Anotação 50	Filme dedicado a Hugo Rafael Chávez Frías e ao bravo povo venezuelano	00:00:29.6
Chávez	Anotação 51	Cena da gravação de Ao sul da fronteira (quando Chávez mostra o quartel na colina e fala que carrega seus mortos do tentativa de golpe) Chávez diz que antes de ir embora ele quer mostrar algo ao Oliver, algo muito pessoal	00:00:50.9
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 52	Chávez mostra a vista de Caracas à Oliver Stone quando diz "Caracas" há um corte pra uma cena da cidade de dia, com uma bandeira da Venezuela no céu e ao fundo se ouve alguém gritando "Chávez"	00:01:26.2
Chávez + nacionalismo/Bolívar	Anotação 53	Oliver conta que no último dia de filmagem de Ao sul da fronteira, Chávez queria lhe mostrar algo com um significado muito pessoal para ele ele mostra o quartel e conta da tentativa de golpe de 98 CH: "por que te digo isto? Porque você estava me perguntando de uma força, de onde ela vem, a consciência. Eu estou consciente do porque estou aqui. Eu venho daí" close em seus olhos, música andina, corte para uma entrevista da tentativa de golpe dizendo "nosotros acá en caracas no logramos controlar el poder. Yo, ante el país y a ustedes assumo la responsabilidad de este movimiento militar bolivariano" Volta para a conversa entre Chávez e Oliver e Chávez diz dos mortos que ele carrega e Oliver que, como ex soldado, o compreende. Dão as mãos e Oliver diz que foi um prazer o conhecer etc	00:01:39.0

Relação com as massas	Anotação 54	Oliver diz que naquele momento foi incapaz de expressar seus sentimentos mais profundos pelo Hugo "senti que ele me deu sua confiança e me ofereceu um laço existente entre soldados ao longo da história. Um juramento que soldados levam até o fim em qualquer jornada que iniciamos. Naquele momento me acompanharia para sempre. Mas não sabia que o fim para Hugo estava tão próximo. Que ele seria infectado com um câncer brutal e agressivo em 2011. E que no começo de 2013 ele estaria morto. Este filme é o meu medo de responde a ele àquela noite. De dizer adeus a um soldado e amigo. close de Hugo sorrindo e ao fundo áudio dele falando em algum comício	00:03:36.4
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 55	(Continuação da cena anterior) Imagem de comício lotado e todos de vermelho imagem de Bolívar na multidão Chávez diz "pátria, socialismo ou morte! Venceremos!" (close em sua mão)	00:04:26.9
Nacionalismo/Bolívar + integração regional (apelo AL)	Anotação 56	Oliver e Hugo na estreia de ASDF dando entrevistas Oliver diz "aqui, tivemos 10 grandes anos e isto está se passando em toda a América Latina. É um filme importante. O povo americano não sabe nada do que está se passando aqui" Chávez "tomara que filmes como este contribuam para aumentar a consciência de que um outro mundo é necessário. Aqui na América Latina estamos dando vida a um outro mundo, a uma nova era"	00:05:37.9
Relação com as massas	Anotação 59	Criança na plateia começa a chamar o Chávez, ele responde "HOLA" e é ovacionado	00:06:54.0

Chávez	Anotação 58	<p>Antonio Morales, ajudante presidencial de Chávez por 12 anos</p> <p>Oliver pergunta se Morales se lembra da última vez que ele esteve ali, que o Chávez disse que agora era um astro de cinema</p> <p>Morales: Chávez estava sempre impecável, sempre bem vestido</p> <p>Oliver faz perguntas sobre a rotina matinal de Chávez</p> <p>Chávez tomava MUITO café o tempo todo (alguns relatos e imagens sobre isso)</p> <p>Morales: Chávez era amante de café, como somos todos os llaneros</p> <p>o café era descafeinado por ordens médicas</p>	00:07:12.2
Relação com as massas + Chávez	Anotação 59	<p>Relato de Elias Jaua ministro de relações exteriores</p> <p>de que uma vez pararam na estrada em uma casa muito pobre de uma senhora e Chávez sentiu cheiro de café e entrou na casa dela. Ao provar disse "senhora, este não é seu café" e ela disse que seus seguranças o haviam trocado</p> <p>Chávez foi até a cozinha e se serviu ele mesmo</p>	00:08:33.0
Chávez	Anotação 60	<p>Chávez diz que o melhor café do mundo é o venezuelano</p> <p>ele se justifica que soa muito e que o café é ralo, por isso toma tanto</p> <p>ele fala em inglês com Oliver contando uma história da aula de inglês onde aprendeu a falar "Would you like a cup of coffee?"</p>	00:09:06.9
Chávez	Anotação 61	<p>Rafael Ramirez, ministro de energia e petróleo, presidente da PDVSA</p> <p>Chávez checava o preço do petróleo de manhã e de noite</p> <p>Chávez tinha muito clara a condução dos temas fundamentais para o país. Todos os dias falavam de petróleo, não apenas</p>	00:10:14.7

		dos preços, mas do petróleo em si. Chávez pôde manejar todos os fundamentos da política petroleira e torná-la popular	
Nacionalismo/Bolívar + Chávez	Anotação 62	<p>José Vicente Rangel vice-presidente (2002-07): Chávez sempre teve o poder da palavra</p> <p>entrevista da prisão em que Chávez diz que "o povo venezuelano deve estar alerta e exigir agora as mudanças profundas. estamos em uma crise galopante e sem volta e nos aproximamos de eventos históricos que marcarão os acontecimentos de um novo tempo venezuelano, de um novo país para o próximo século"</p> <p>Adrian Chávez (irmão do Chávez e governador de Barinas) dizendo que quem os formou foi sua vó Rosa Inés (cena de ASDF em que Chávez conta sobre a avó) a avó ensinou os valores de solidariedade, de humanismo que em síntese leva a consolidar os princípios da luta revolucionária, da luta pelo socialismo fala também de seus pais, de seus professores que os ensinaram o amor pela leitura, ao estudo</p>	00:11:02.3
Chávez	Anotação 63	<p>Morales conta que sempre que viajavam Chávez levava muitos livros</p> <p>(ex vice) Chávez sempre improvisava. Mas seus improvisos eram planejados. Ele planejava e estudava tudo previamente</p>	00:12:38.7
Imperialismo	Anotação 64	Chávez chamando bush de diabo na ONU	00:13:06.0

<p>Nacionalismo/Bolívar</p>	<p>Anotação 65</p>	<p>na academia militar, imagens de bolívar imagem do Chávez fazendo continência escrito "comandante supremo da revolução bolivariana" fala da sua chegada à Academia com 17 anos</p> <p>Cristina Kirchner diz que ele era extremamente militar, que adorava estar com seu uniforme de paraquedista, uma boina, amava profundamente as F.A. em um século XX cheio de ditaduras militares contra seus próprios povos, e é por isso que há tanto preconceito contra Chávez, porque vinculamos os militares com o processo de tirania, Chávez recuperou a tradição de militares comprometidos com o povo. Pôde mostrar que podia unir o povo e as F.A</p> <p>Carmen Melendez, primeira mulher ministra da defesa da Venezuela conta como Chávez sempre a parava para conversar e fala sem parar por mais de meia hora. Na sua graduação, Chávez era o comandante de seu grupo e a chamou e disse que devia sentir orgulho de ser a primeira mulher llanera graduada em uma academia militar e disse que acompanharia de perto sua carreira</p>	<p>00:13:20.1</p>
	<p>Relação com as massas + Chávez</p>	<p>Anotação 66</p>	<p>Carmen Melendez diz que Chávez fortaleceu o programa das mulheres em todas as categorias. Se dizia feminista e em todos os âmbitos colocou as mulheres em evidencia Chávez se diz feminista e acha que as mulheres fazem falta para salvar o mundo. O capitalismo, as guerras são machistas. É o domínio do macho sobre o mundo</p>

Relação com as massas	Anotação 67	Morales fala de Chávez como se fala de um pai. Não pode pensar de outra forma como líder, como comandante supremo foi seu segundo pai	00:16:19.3
Integração regional (apoio AL)	Anotação 68	CH: "um abraço revolucionário a Fidel" (que o acompanha no programa Aló Presidente) FIDEL: "eu não quero tomar conta do seu programa" CH: "é seu e é de cuba. É de todos" FIDEL: e cuba é tua, e de todos Evo: Chávez sempre o tratou muito bem mesmo antes de ser presidente, como irmão como pai	00:16:42.9
Relação com as massas	Anotação 69	Morales (o assistente) contando de sua relação próxima e rotineira com Chávez que o amou como pai, professor, como presidente, e o mais bonito, Oliver, como amigo	00:17:55.5
Chávez	Anotação 70	Imagens do Chávez com Oliver sendo carismático na rua "eu creio que nunca cansarei de ser Chávez, porque Chávez me permite, como diz o poeta "a reivindicar-me com a vida"... sendo presidente ou não. Mas nunca me cansarei de ser o que sou, de pensar o que penso. Creio que a cada dia sou mais Chávez. A cada dia mais fortalecido comigo mesmo"	00:18:28.9
Oposição nacional + Chávez	Anotação 71	Oliver fala das críticas para Elias Jaua "havia muita crítica de que ele era a peça central na dinâmica de um governo fraco, que seus ministros estavam mal informados, que a gestão dessa nova economia não estava funcionando. Havia muitas críticas. Que era um autodidata, tentando aprender economia, que governava de modo personalista" "quando se deram conta de que não poderiam derrotá-lo, nem política nem moralmente, desenvolveram uma estratégia	00:19:15.8

		para minar sua equipe de apoio, chamando de incapazes, de corruptos, e que a revolução dependia somente do Comandante Chávez"	
Chávez + Nacionalismo/Bolívar	Anotação 72	Chávez se acostumou com as críticas o dia 4/2/92 mudou sua vida, foi quando se tornou uma figura pública e começaram os ataques ferozes. Já não o afetam mais nem o ânimo. Podem afetar politicamente de alguma maneira, o que as pessoas pensam dele, alguns poderiam pensar que sou um tirano, maligno perverso. "mas isso já não me importa. Me importa o que pensa a maioria, sobretudo os pobres. Porque eu, como disse Martí, tenho a minha vida e a minha sorte, lançada pelos pobres, os pobres da terra. Então nunca me cansarei de ser o que sou. A cada dia serei mais Chávez"	00:19:58.1
Relação com as massas	Anotação 73	Diosdado Cabello - presidente da assembleia nacional conta sobre o episódio do golpe de 2002 (era vice presidente) em que lhe coube devolver a presidência à Chávez, que o povo a devolveu junto com as F.A "em uma estranha fusão que nunca tinha ocorrido aqui antes. O povo e as forças armadas unidos, reclamavam seu presidente, um presidente eleito pelo povo em eleições livres" foram 47h de muita tensão, mas no final puderam retomar a liderança da revolução Chávez discursando "o povo chegou neste Palácio para não ir-se mais. E isto está provado"	00:20:51.3

<p>Imperialismo + integração regional (apoio AL)</p>	<p>Anotação 74</p>	<p>Oliver Stone em uma entrevista defendendo que ele foi eleito democraticamente e que é popular. Sugere que os jornalistas ao invés de ficar indiscriminadamente criticando, que olhem as mudanças econômicas positivas na América do Sul graças a Chávez, Kirchners e outros. Que pensem na pobreza e violência antes do Chávez, a miséria que a América do Sul sofreu graças aos EUA. Que ao invés de colaborarem com as pessoas que trabalham para os EUA, ricos, oligarcas que controlam a terra, os recursos, é hora de terem uma visão mais evoluída sobre o continente.</p>	<p>00:21:36.9</p>
<p>Chávez</p>	<p>Anotação 75</p>	<p>Imagens de Bolívar Chávez falando sobre o câncer</p>	<p>00:22:34.3</p>
<p>Imperialismo</p>	<p>Anotação 76</p>	<p>Mídia americana fala que Chávez apareceu magro e pálido afirmando aos venezuelanos que ainda está no comando do país; que centraliza o poder há 12 anos</p>	<p>00:22:52.7</p>
<p>Chávez</p>	<p>Anotação 77</p>	<p>Quando soube que sua doença estava em estágio avançado foi ao banheiro olhar seus olhos e chorou, chorou por seus filhos chorando e rindo ao mesmo tempo, aflorou o soldado e lutador os que estiveram próximos a ele viram a coragem com que encarou sua doença, como enfrentou o mal e não deixou isso afetar sua função de chefe de Estado ele não parava nunca. Era incrível sua energia, força, sua paixão, para fazer cada coisa diariamente. e com a doença diminuiu o ritmo mas não desabou emocionalmente, nunca transformou isso em sua segunda batalha. Em situações adversas emocionalmente ou politicamente, Chávez buscava uma força sobrenatural para vencer. A última vez que o viram,</p>	<p>00:23:02.5</p>

		10 dias antes de morrer, pensavam que sairiam vitoriosos dali, e seguia dando instruções para a batalha econômica, até o final, sempre foto de Chávez em cuba com Correa, Fidel e o assistente Morales tocando violão. Chávez doente cantando alegre e feliz	
Chávez	Anotação 78	Maduro fala de sua relação próxima com Chávez, de anos era um chefe especial que escutava e gostava quando lhe diziam a verdade não tinham tempo pra descansar, não em uma revolução. Trabalhavam o tempo todo Chávez o ensinou um ritmo muito intenso de trabalho, uma disciplina, um compromisso com o que se faz, um compromisso com o futuro, de vê-lo e se comprometer a atingi-lo a batalha é política, psicológica. Uma batalha de ideias (continua)	00:25:37.7
Relação com as massas + Chávez	Anotação 79	(continuação trecho anterior) Maduro esta é uma batalha de caráter político, psicológico, uma batalha de ideias. Chávez dizia que deve-se manter o povo informado, ativo, mobilizado, permanente. "agora entendo muito as coisas que ele criou, que ele fazia"	00:27:13.3
Relação com as massas + Chávez	Anotação 80	Oliver pergunta se as pessoas acham que Chávez foi assassinado Jesse Chacón, ministro de energia elétrica: não dá para saber. No esforço pelo povo, ele não se cuidou. "que ser humano suporta?" Na dinâmica de transformar o país, talvez ele não	00:28:09.9

		entendeu que tivesse que se cuidar pra estar mais tempo	
Imperialismo + oposição nacional	Anotação 81	Maduro diz que foi um câncer muito atípico em todos os sentidos, gravidade, rapidez etc Oliver pergunta se como presidente ele não pode abrir uma investigação maduro diz estar esperando o momento histórico pra isso	00:28:42.5
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 82	Cristóbal Jimenez - cantor popular e deputado da assembleia nacional conheceu Chávez em 83 e compartilhavam o amor pela música llanera, a paixão bolivariana, o pensamento anti-imperialista. uma grande amizade Chávez nunca esqueceu os índios, os camponeses, os cantores que conheceu nos llanos, mesmo depois que se tornou uma figura mundial sempre que recebiam algum chefe de estado, cantavam juntos em Miraflores imagens deles cantando juntos "que viva el Chávez"	00:29:08.1
Chávez	Anotação 83	Cilia flores - esposa de Maduro Chávez tinha um senso de humor extraordinário o tempo todo. Na prisão ele declamava, cantava, transmitia alegria. Inclusive quando estava doente	00:30:59.4
Chávez	Anotação 84	Nos últimos meses, o presidente se tornou um ser humano. O mais importante era que ele se saísse bem daquela, mas não o pode	00:31:22.6
Nacionalismo/Bolívar	Anotação 85	Chávez anunciando sua ida para cuba pra fazer tratamento (29/4/12) "com essa fé infinita eu parto. Fisicamente, em poucos dias retornarei para seguir na recuperação dos impactos conhecidos em um tratamento desse tipo. E espero em poucas	00:31:52.7

		semanas estar jogando a partida de futebol no Forte Tiurna, e estar percorrendo as ruas queridas da pátria, os campos queridos da Venezuela. Viva a pátria! Viva a venezuela! Viva os trabalhadores! Viva a vida! Hasta la victoria siempre!" (Manda beijos com cara de choro)	
Imperialismo + oposição nacional	Anotação 86	(Ministro do petróleo) acredita que o assassinaram. Um câncer muito agressivo, muito estranho. Aconteceu exatamente o que a extrema direita queria que acontecesse. maduro: tem suspeitas e diz que Chávez também as tinha. Tinha a convicção de que tinham lhe feito um mal	00:32:48.2
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 87	Oliver pergunta onde o ex vice colocaria Chávez na história da América do sul. Ele responde que na mesma altura de Bolívar, Miranda, Sucre, San Martin, dos grandes libertadores desse continente. E na Venezuela, o líder mais importante que já tiveram no país. Deu um novo sentido à vida dos venezuelanos, às maiorias renegadas. Por isso que para a direita é muito difícil retornarem ao poder, porque a grande maioria dos venezuelanos é formada por gente pobre, humilde, que conseguiram se tornar visíveis graças à política de Chávez. Antes praticamente não existiam, eram só um número eleitoral. E mal votavam. Hoje, votar é importante (mudança de concepção). O povo humilde, simples identifica suas aspirações com as de Chávez. Chávez não é uma representação. É valido o reconhecimento e destacar quem ele foi, mas convertê-lo em personagem mítico é um erro	00:33:49.5

<p>Integração regional (apoio AL)</p>	<p>Anotação 88</p>	<p>Pepe Mujica: "creio que o indivíduo cumpre um papel na história, dentro de certos limites de tempo e da época que nos cabe viver. Eu conheci o Che, conheci o Mao, mas esse é um personagem que rompeu os padrões</p> <p>Lula: a Venezuela antes do Chávez nunca tinha tido um presidente que tivesse o amor pelo povo que o Chávez tinha. Que tivesse compromisso com a integração que o Chávez tinha, que tivesse compromisso com os mais humildes que o Chávez tinha. então isso me marcou profundamente. Eu acho que foi uma perda muito grande pra América Latina. Eu não quero que você goste do Chávez. Eu só quero que você diga o que que era a Venezuela antes do Chávez e o que é a Venezuela agora com Chávez</p> <p>Correa: era um dos bastões da integração latino-americana, da Unasul. Homens como Chávez são muito necessários, mas ninguém é imprescindível e devemos seguir em frente</p>	<p>00:35:24.9</p>
<p>Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas</p>	<p>Anotação 89</p>	<p>Último discurso de Chávez em 8/12/12 antes de partir pra Cuba pela última vez diz que pretende dar boas notícias nos próximos dias e que possam juntos seguir construindo, o que já têm, mas que devem seguir construindo, temos Pátria. Chávez não é só este ser humano, é um coletivo, como dizia o slogan da campanha "Chávez corazón del pueblo" e o povo está aqui no coração de Chávez</p>	<p>00:37:35.1</p>
<p>Imperialismo + oposição nacional</p>	<p>Anotação 90</p>	<p>Juan Santos (presidente da Colômbia): na esquerda bolivariana foi uma figura importante e assim como muita</p>	<p>00:38:07.6</p>

		gente o amava, muita gente o detestava	
Imperialismo + oposição nacional	Anotação 91	Mídia americana dizendo que devido à intensa polarização do país, se houver um vácuo no poder pode haver novamente um enfrentamento violento, como no passado já houve	00:38:21.3
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 92	"o que o povo diga e o que eu possa oferecer" Chávez sobre sua disposição de governar se diz um anti ditador, um democrata, e que ali tudo irá se resolver por eleições, sempre "dependerá da decisão do povo" "estarei aqui o tempo que as circunstancias indiquem, que as circunstancias obriguem" Oliver diz que o ideal bolivariano era criar uma liderança coletiva e não parece que haja alguém forte na posição de número 2, 3 ou 4 na Venezuela e há uma crítica sobre isso. Porque não há um sucessor forte? Chávez diz que se naquele momento lhe caísse um raio, haveria uma quantidade de líderes, homens e mulheres, revolucionários, bolivarianos, que estão em condições de continuar o processo. Diz que ele não é imprescindível para continuar gerindo isso. Que conhece muitos líderes venezuelanos, que tem muitos ministros, governadores, outros que não ocupam função no governo, que lideram o Partido Socialista	00:38:45.8
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 93	Chávez tinha total confiança no time do Cabello e do Maduro (e de muitos outros) dizia que teve a sorte que Bolívar não teve, de herdar a lealdade de uma equipe e de um povo Bolívar foi traído pelos próprios companheiros e foi abandonado pelo povo. Queria que Bolívar tivesse tido sua sorte	00:40:11.9

		<p>Oliver pergunta se a postura de Maduro na política externa se mantém, se os EUA continuam sendo inimigos se fingindo de amigos</p> <p>Maduro diz que esse tema tem 200 anos. A Doutrina Monroe se opõe à Doutrina Bolívar. Para se resolver equilibradamente, os países têm que se fortalecer e nos EUA deve se fortalecer uma nova consciência de mundo. Acredita que esta consciência está nascendo e que algum dia se imporá pra respeitar os países do sul</p>	
<p>Imperialismo + oposição nacional</p>	<p>Anotação 94</p>	<p>Cabello: continuar fazendo uma revolução no país que tem a maior reserva de petróleo do mundo é algo que nunca vai ser perdoado</p> <p>Ministro do petróleo conta de sabotagens. A indústria petrolífera é um alvo de grupos desestabilizadores porque tem muito impacto na economia</p>	<p>00:41:20.4</p>
<p>Imperialismo</p>	<p>Anotação 95</p>	<p>Maduro oferece asilo humanitário ao Snowden "para que na pátria de Bolívar e de Chávez possa viver livre da perseguição imperial norte americana". John Kerry chamou o chanceler Elias para pressioná-lo e este o "mandou para longe"</p> <p>Oliver pergunta de 3 agentes da CIA que foram pegos na embaixada americana em um plano de sabotagem de energia elétrica. Maduro os denunciou publicamente e mostrou as provas que coletaram. Os expulsou e os EUA ficaram calados (imagem do discurso do Maduro expulsando e dizendo "fuera de Venezuela! yankees go home! fuera de Venezuela!" E sendo aplaudido)</p> <p>mídia americana anunciando a morte de Chávez. "Provocative and unpredictable strong man of</p>	<p>00:42:11.0</p>

		<p>Venezuela has died..."; "ele foi uma pedra no sapato para os EUA por muito tempo"; "I hope Hugo Chavez is choking on sulfur right now and rotting in hell and I'm not alone: the oppressed people of Venezuela have felt the same way. He turned their country into a socialist hell hole"; "he was a champion of the poor. He helped people become poor like no other champion I've ever seen"; the opportunity exists for the people of Venezuela who have been longing for freedom. they've been living under this horrible dictator, I don't think he will be missed by anybody"</p>	
<p>Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas</p>	<p>Anotação 96</p>	<p>"para nós Chávez não está morto. Para nós Chávez está viajando o mundo e nos acompanhando em cada luta, cada passo, cada programa. E cada vez que aprofundamos a revolução, cada vez que nós avançamos à construção, estamos avançando junto com ele" (moço) "o comandante Chávez disse: vocês, jovens, que estão aí no concreto, estão aí para ascender-se do concreto, devem multiplicar-se em todos os bairros de Caracas semeando a verdadeira democracia, isto é o que em nós está gravado, e o temos gravado aqui (cabeça) e aqui (coração)" (moça) Primeira-dama: Chávez não queria que o povo sofresse. Se agarrou à vida, à cristo, queria viver. O recordamos em presença, ele está presente maduro: acredita que sua pegada ainda está fresca e quem pode trabalhar com ele e o povo que o conheceu, sentimos um grande compromisso por tudo o que ele foi, por tudo o que ele fez, ou seja, isso mantém seu espírito vivo. É uma inspiração para nós.</p>	<p>00:45:00.6</p>

		<p>Não nos lembramos dele só com tristeza. Agora o recordamos com esperança, com alegria, com compromisso. "Chávez é uma força de futuro. É nosso passado recente, mas um compromisso para o futuro, porque ele teve uma genialidade especial para poder enxergar esse futuro. E teve inclusive a capacidade de nos deixar por escrito o Plano da Pátria. Nos deixou um plano para 100 anos. E por todos os lados nos aconselhamos nele. Formou valores, formou um povo em valores e isso marca muito o presente e vai determinar o futuro. Aos venezuelanos não subestimam. A história sempre foi assim. Mas esse povo se encarregou de dar grandes lições a quem o subestima. Chávez nos formou para isso, para o grande, o maior dos futuros, e nós vamos conquistá-lo (imagens de seu funeral e milhares de pessoas nas ruas prestando homenagens)</p>	
<p>Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas</p>	<p>Anotação 97</p>	<p>Oliver falando que o Forte que Chávez lhe mostrara tinha um valor pessoal para ele e é onde agora descansam seus restos. Deixou suas marcas em todos que o conheceram, nos que o amavam e nos que odiavam. Não apenas formou uma nova geração de líderes, mas também um povo orgulhoso de ser venezuelano, apesar de seus problemas. Governando com uma profunda generosidade de espírito, inspirou toda uma nova geração de líderes por toda a América do sul. Sentirei falta dele. A história sentirá falta dele</p> <p>8/12/12 - última aparição na tv, última mensagem ao país "do meu coração de patriota, reitero meu chamado a todos os</p>	<p>00:47:23.0</p>

		<p>patriotas da Venezuela e a todas as patriotas de Venezuela. Porque somos revolucionários, somos socialistas, somos humanos, somos muitas coisas, mas em essência, patriotas. E cada vez que falo patriotas me lembro daquela canção, antiga canção dos soldados tanquistas da Venezuela que aprendi desde menino e aqui a levo na alma (canta música)</p>	
--	--	--	--

APÊNDICE C – ANOTAÇÕES SORE “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA”

Código	Título	Texto da anotação	Início
Relação com as massas + imperialismo	Anotação 98	População na rua festejando Chávez discurso em comício: projeto de neoliberalismo selvagem, mercado com mão invisível. MENTIRA! Claro que há outros caminhos e na Venezuela estamos mostrando. Aguentou grandes pressões internacionais. Descerá ao inferno pra defender como puder o povo bolivariano da Venezuela	00:00:58.2
Imperialismo	Anotação 99	Mídia americana dizendo que o corrupto Chávez foi forçado a deixar o poder depois de um controverso mandato de 3 anos	00:03:16.0
Imperialismo	Anotação 100	Créditos do filme intercalando com imagens de cidade e áudios de mídia americana boa relação do país com o exército, o que fez do Chávez um "imperador" seu discurso foi sempre controverso, foi crítico aos EUA e condizente com Fidel (alguém da administração Bush) a conduta controversa que não é digna de apoio popular na Venezuela ou de seus vizinhos e certamente não dos EUA do presidente Bush fim de uma greve de produção de petróleo. EUA torcem que um novo governo vá ajudar a estabilizar essa indústria, a quarta maior exportadora mundial	00:03:27.3

<p>Nacionalismo/Bolívar + imperialismo</p>	<p>Anotação 101</p>	<p>Diretores chegaram na Venezuela 7 meses antes do golpe para filmar um documentário sobre Chávez. Queriam saber, além de mitos e rumores, sobre o homem por trás do processo revolucionário em curso no país foi eleito em 98 por uma maioria esmagadora. País rico em petróleo onde a maioria vivia na miséria, um país de suma importância para os EUA, Chávez se destacou por sua ambição e estilo único inspirado por Bolívar homem que libertou o país da dominação espanhola no séc XIX, Chávez se proclamou como um revolucionário bolivariano, agora queria libertar a Venezuela de uma nova forma de dominação: a política do liberalismo imposto por Washington ao país</p>	<p>00:05:06.2</p>
<p>Imperialismo</p>	<p>Anotação 102</p>	<p>Chávez lê em uma revista, de um francês de conheceu em paris, sobre globalização. Esse autor diz que não se pode considerar pró-globalização quem pretende submeter o mundo à sua própria justiça; e anti globalização quem se opõe a essa doutrina neoliberalismo conduz a uma polarização (alguém diz). Chávez diz que os neoliberais é que são anti globalização, eles que acabarão destruindo a Terra no sentido real</p>	<p>00:06:03.3</p>
<p>Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas</p>	<p>Anotação 103</p>	<p>Chávez desembarcando do avião e as pessoas clamando por ele a maioria do apoio ao Chávez vêm da população, que representa 80% da população Venezuela é o quarto maior produtor de petróleo do mundo e uma pequena parcela da população se beneficiava dos lucros. Chávez prometera</p>	<p>00:07:07.2</p>

	<p>distribuir a riqueza e estender a participação do povo no processo político. (imagens dele interagindo com o povo, cantando) com a nova constituição de 99, Chávez via como sua responsabilidade a conscientização do povo venezuelano fala de injustiças no campo e diz que aos camponeses não chegavam os benefícios do petróleo e da riqueza nacional. "isso agora não pode acontecer de novo! E é seguindo os princípios que estão contidos na Constituição revolucionária e bolivariana. mas pra isso é necessária a organização popular" mulher conversa com seu assessor dizendo que quer conversar pessoalmente com Chávez e este anota seu endereço como parte de sua missão de educar e sua promessa de fazer um governo acessível ao povo, Chávez tinha um programa semanal no rádio/tv (canal 8 estatal) chamado Aló Presidente, onde as pessoas podiam ligar e falar diretamente com ele em uma ligação uma mulher conta seu problema agrário e diz que quer doar uma parte de suas terras pro Chávez para que traga benefícios à comunidade. Chávez agradece sua intenção e diz que faz parte do espírito de solidariedade que está se despertando por todo o país outras razões pra sua popularidade era que ele não era branco, nem pertencia às elites que tradicionalmente governavam o país sua tentativa de golpe em 92</p>	
--	---	--

		falhou, mas o transformou em um herói popular	
Oposição nacional	Anotação 104	Em dois anos no governo, Chávez acumulou inimigos poderosos entre aqueles que tradicionalmente haviam governado o país e alguns deles tinham muito poder econômico	00:11:46.0
Relação com as massas + Chávez	Anotação 105	Seu carisma era natural, mas também uma ferramenta importante para conseguir apoio de seus seguidores dentro e fora do palácio do governo com sua experiência militar, sabia conquistar a lealdade de suas tropas	00:11:58.8
Relação com as massas	Anotação 106	Todas as cartas e recados que Chávez recebe são processadas e armazenadas diariamente por correio chegam 200/300 cartas	00:12:54.2
Relação com as massas	Anotação 107	Chávez conversa com membros do governo e diz que ao viajarem pelo interior do país devem usar mídias locais para falar da revolução bolivariana é um problema gravíssimo da revolução não se comunicar. Deve-se falar das conquistas, dos planos que estão acontecendo, incentivar, incentivar a comunidade a cooperar, mostrar resultados para que se veja na mídia que o país está caminhando, governo trabalha (continua em 108)	00:13:33.6
Oposição nacional	Anotação 108	(Continuação nota 107) Ao se usar as mídias locais para se divulgar a revolução e seus êxitos, neutraliza-se a oposição dos meios privados	00:14:48.1
Oposição nacional	Anotação 109	Mídia nacional Chávez está obcecado, de uma forma sexual freudiana, na figura de Fidel oposição (AD) entregou ao supremo tribunal de justiça (STJ) uma declaração de insanidade mental do presidente "vai chegando um momento em	00:14:52.1

		que tudo passa por uma transição, sem o Chávez, claro"	
Oposição nacional	Anotação 110	No passado houve censura da mídia, mas no governo Chávez havia total liberdade de expressão. Mesmo assim Chávez enfrentava uma batalha diária contra a mídia privada que tinha boa parte da audiência 5 canais privados controlados pela elite econômica a única plataforma disponível para sua batalha era o canal 8 estatal	00:15:24.7
Imperialismo	Anotação 111	(Outubro 2011) em discurso na tv/rádio do canal 8 em rede nacional Chávez fala que é favor da luta contra o terrorismo, mas isso não implica em uma carta branca pra se fazer qualquer coisa. Pede por paz. que busque soluções pro terrorismo e que se busque os terroristas, mas sem matar os civis (mostra imagens de crianças vítimas de bombardeios americanos no Afeganistão) diz que não foi um erro e que não se continuem esses erros não se pode responder ao terror com mais terror imagens da tv dizendo que Colin Powell demonstrou preocupações em certas ações de Chávez imagens do discurso do Colin Powell dizendo que se preocupa com o que Chávez considera democrático Venezuela sempre foi uma fonte de petróleo pros EUA, mas com a decisão de exercer mais controle sobre a PDVSA e fortalecer a OPEP, enfrentava os interesses de Washington imagem de algum americano	00:16:04.6

		dizendo que Chávez está associado aos narco-traficantes colombianos	
Nacionalismo/Bolívar	Anotação 112	Conta história de seu bisavô, que sua bisavó chamava de assassino, mas descobriu sua verdadeira história e que ele matara um coronel que pra fazer justiça e depois fugira e se juntara à alguma revolução e nela lutava por uma república, pelo sonho de Bolívar Chávez declama alguma coisa revolucionaria essa história lhe dá muita energia diziam que era um assassino, mas era um guerreiro	00:18:17.1

<p>Relação com as massas</p>	<p>Anotação 113</p>	<p>Janeiro 2002 país vive uma explosão de participação política, a favor e contra Chávez os a favor de Chávez se organizaram em Círculos Bolivarianos, grupos de bairros que se ocupavam de assuntos da comunidade e educação popular mulher 1 relatando que nunca havia votado até que Chávez apareceu trouxe novas esperanças então se decidiu que não seria uma má ideia votar nele mulher 2: a política para nós era um grupo ficava rico enquanto o outro passava fome. Por isso não lhes chegavam os recursos. Mas agora lhes interessa a política, querem viver a política porque ela é democrática e participativa em uma loja, há uma imagem de Chávez e a mulher 3 diz: graças a ele que eu digo que primeiro tem que ler, tem que saber o que se está lendo. Lhe explicaram o que é a Constituição homem 1: aqui na venda nós improvisamos e também ensinamos a ler a Constituição, como se ler, como se analisar homem 2: nos governos anteriores de AD e COPEI, nos fechavam a porta para não falarem conosco, estavam sempre ocupados, em reuniões, na câmara, mas a câmara era para eles e não para a pobreza homem 3: pela primeira vez na Venezuela temos um governo que é democrático, que nos faz participar, um governo que é do povo</p>	<p>00:21:29.3</p>
-------------------------------------	---------------------	---	-------------------

<p>Oposição nacional</p>	<p>Anotação 114</p>	<p>No lado próspero da cidade, ouvia-se outras opiniões (uma reunião de moradores) mulher 1: o povo não sabe o que é o sacrifício para se adquirir as coisas (bens) e por isso não lhe dão importância nem valor. Nós não vamos abandonar nosso país, que é o objetivo dessa pessoa que quer que nós saíamos daqui e deixamos o país para pessoas que não têm preparação, nem valores e que não lutaram para obter as coisas. Somos pessoas que lutaram pelo que temos e não cederemos facilmente mulher 2: não havia medo, todo mundo era feliz e trabalhava, se divertia. Se vivia, em uma palavra mulher 3: para mim, uma revolução tresloucada, porque isso não é nenhuma revolução. E com essa desculpa fazer um projeto continental de comunismo-totalitarismo e toda a América Latina. E não vão conseguir homem 1 (na mesa de fala): deve-se prestar atenção nas empregadas domésticas. Têm muitas evidências da quantidade de domésticas envolvidas em Círculos Bolivarianos e de alguma forma passam informação. Há regras básicas para se usar uma arma: o dedo nunca se está no gatilho e o dedo nunca está apontado para ninguém. Se esta gente vem pra cá, não vem para brincar, podem atirar em vocês. Alguns têm granadas! mulher protestando na rua: o povo está cansado de pura falácia! Chávez, não queremos ditadura, volta pra Cuba. O povo está cansado de você. Não tem</p>	<p>00:23:52.2</p>
---------------------------------	---------------------	---	-------------------

		<p>olhos pra ver, não tem ouvidos pra ouvir</p> <p>(narrador voz de deus) durante muito tempo só uma minoria se beneficiou dos lucros do petróleo. O petróleo pertencia ao estado, mas a empresa petroleira era administrada como uma empresa privada por aqueles que tradicionalmente governavam o país.</p> <p>Chávez prometera redistribuir os lucros do petróleo aos 80% que viviam na pobreza, mas pra conseguir tinha que romper o controle da elite</p>	
<p>Relação com as massas</p>	<p>Anotação 115</p>	<p>(Fevereiro 2002) Chávez em comício dizendo que o governo revolucionário está distribuindo a riqueza entre todos, pra que todos vivam melhor, porque a riqueza da Venezuela é de todos e não de uma minoria (população o ovaciona)</p> <p>narrador em voz de deus: Chávez anuncia seu plano de mudar a presidência da PDVSA. A guerra havia começado</p>	<p>00:26:15.2</p>

<p style="text-align: center;">Imperialismo + oposição nacional</p>	<p style="text-align: center;">Anotação 116</p>	<p>Canal privado de tv, homem aponta o dedo pra câmera e pergunta: você crê que o presidente da república está louco?</p> <p>o chavismo se apoia cada vez mais na violência, a medida em que vai perdendo popularidade. Se parecem as forças de choque de Hitler e Mussolini</p> <p>canais privados chamaram a população pra se manifestarem alegando que as tentativas de Chávez de governar a indústria do petróleo era um ataque direto à prosperidade</p> <p>mulher protestando: ele quer que nos tornemos cuba. Ele quer que nos tornemos comunistas. Não há nenhuma dúvida sobre isso (imagens de brancos protestando)</p> <p>duas figuras públicas conhecidas comandavam a oposição: Pedro carmona, presidente da confederação patronal da Venezuela e Carlos Ortega, presidente da CTV a confederação dos trabalhadores da Venezuela (sindicato com fortes ligações ao antigo regime político). Ambos viajaram pra Washington para se reunir com funcionários da administração bush, para discutir sobre o presidente Chávez.</p> <p>imagens da tv privada dizendo que por 2 dias consecutivos altos funcionários de Washington expressaram preocupações sobre a situação política do país.</p> <p>Diretor da CIA confessou estar especialmente preocupado com nosso país. (Imagem de seu discurso dizendo:) claro que a Venezuela é importante, porque é o terceiro maior produtor de petróleo do mundo. O departamento do estado pode dizer que o senhor Chávez</p>	<p style="text-align: center;">00:26:42.4</p>
--	---	---	---

		<p>obviamente não tem os interesses dos EUA como prioridade</p> <p>outro americano do governo diz que obviamente vão ficar de olho na Venezuela, especialmente em Chávez</p> <p>de repente, membros das F.A começaram a partilhar as preocupações da CIA. em 10 de abril, um deles apareceu na tv com uma mensagem a Chávez: o alto comando militar tem a dizer ao senhor presidente que você é a causa de tudo isso. vá-se e o alto comando militar tem que assumir essa posição, porque se não, vão assumir por ele</p> <p>imagem da tv privada onde um homem diz que o pronunciamento do general Nestor Gonzáles Gonzáles reconfirma que Chávez é agente a serviço de Fidel castro e da guerrilha colombiana</p> <p>no mesmo dia carmona convocou um protesto da oposição na sede da PDVSA</p> <p>propaganda da tv convocando pro protesto: "marchemos todos unidos por Venezuela"</p> <p>narrador: o que os manifestantes não sabiam é que faziam parte de um plano conspiratório muito maior</p> <p>11 de abril: imagens do protesto</p>	
<p>Relação com as massas</p>	<p>Anotação 117</p>	<p>Enquanto a marcha da oposição ia em direção à PDVSA, chavistas se reuniram em frente ao palácio de Miraflores pra expressar sua solidariedade (imagens de protesto)</p>	<p>00:29:25.0</p>

Oposição nacional	Anotação 118	<p>Os opositores decidiram mudar o trajeto do protesto (o que é ilegal) e marchar em direção ao palácio, onde estava Chávez (imagens de protesto) mulher protestando "Chávez is a killer!"</p> <p>homem protestando "out! out!" (no meio de bandeiras da Venezuela, vê-se uma dos EUA)</p> <p>homem 2: "Chávez maldito! Dane-se, cachorro!"</p> <p>imagem do canal estatal 8, um homem diz ao Ortega que é uma irresponsabilidade que ele esteja convocando uma passeata para Miraflores sabendo que há milhares de pessoas ali concentradas. "não busque uma confrontação! Nós não queremos provocações, mas você está provocando!"</p>	00:29:54.4
Relação com as massas + imperialismo	Anotação 119	<p>Ao saberem que os opositores caminhavam em direção a Miraflores, os ânimos mudaram e os chavistas começaram a gritar "não passarão!"; "Chávez, amigo, el pueblo esta contigo!"</p> <p>manifestante diz "aqui temos uma conspiração, pois esta conspiração vem do imperialismo norte americano. Há todo um projeto da CIA"</p> <p>homem 2 diz que o pior de tudo são os meios de comunicação, que está por trás de tudo isso (es una guerra sucia que estan haciendo)</p>	00:31:12.0
Oposição nacional	Anotação 120	<p>A marcha de oposição se aproximava e alguns se mostravam agressivos (imagens de vandalismo)</p> <p>os militares tentaram impedir que os grupos se confrontasse</p>	00:31:33.1

Oposição nacional	Anotação 121	<p>Câmera da Venevisión captura imagens de chavistas disparando em cima da ponte e dá a entender que disparam contra a manifestação. essas pessoas se agacham provavelmente pra se proteger de disparos que estão chegando, mas estes tiros não são mostrados de onde vêm. estas imagens foram manipuladas e muito reproduzidas para dizer que o chavismo fora culpado do massacre em Caracas na tv, ao veicular essas imagens a narração enfatiza a crueldade dos chavistas atirando nos manifestantes pacíficos da oposição, absolutamente desarmados de outro angulo dá pra ver que não havia ninguém embaixo dessa ponte, a marcha da oposição não havia passado por aí. A manipulação das imagens serviu para culpar o Chávez pelas mortes Carmona na tv dizendo que Chávez deve se responsabilizar diante o pais, de renunciar e facilitar a transição do governo apresentador da tv chama as F.A pra se posicionarem diante os ocorridos chefe da marinha não reconhece o governo Chávez e sua autoridade</p>	00:33:52.4
Oposição nacional	Anotação 122	<p>Canal 8 fora tomado, os técnicos não conseguem entrar e não há apoio do exército. Busca-se outra maneira de informar a população ministros tentaram fazer uma transmissão móvel de dentro do palácio. Tentaram pedir apoio do exército dizendo que as informações eram mentirosas logo depois o sinal foi cortado isolados dentro do palácio com alguns ministros, as únicas</p>	00:36:49.6

		<p>informações existentes eram da mídia privada</p> <p>informações de que apenas um pequeno grupo das F.A querem proteger o presidente, mas que todo o resto se posicionou contra ele</p> <p>o palácio estava cercado de tanques</p> <p>pede-se que os militares pró Chávez colaborem e façam uma entrega pacífica para uma transição pacífica em todo o país</p>	
Imperialismo + oposição nacional	Anotação 123	<p>(Dentro do palácio)</p> <p>ministra chavista "a CIA está por trás de tudo isso! Temos como provar de que armaram esse golpe de Estado"</p> <p>conselheiro político: nossos adversários eram muito poderosos, têm poder. Melhor comunicação. Nós não realizamos a política comunicacional</p> <p>homem x: a história não vai ser detida!</p>	00:40:12.8
Nacionalismo/Bolívar	Anotação 124	<p>Chávez decidiu se entregar para evitar um bombardeio do palácio. Mas se recusava a renunciar</p> <p>ministra do meio ambiente: politicamente, queremos evidências de que isso é um golpe de estado. O presidente não renunciou. "deixe o mundo saber". Um golpe de estado impune contra o povo que o elegeu</p> <p>"Hugo! Hugo! Hugo!" enquanto Chávez saía, todos cantavam o hino</p> <p>alguém diz "presidente, volveremos!" E Chávez responde "não estamos mortos!"</p>	00:41:19.1
Oposição nacional	Anotação 125	<p>Carmona na tv anunciando que as F.A manterão Chávez em custódia. E que se forme de imediato um governo de transição</p>	00:43:24.9

Oposição nacional	Anotação 126	A Venezuela amanheceu em um novo regime que foi explicado por um programa de tv privado agradecem as emissoras de tv privada dizem que quando o general Nestor Gonzáles Gonzáles se pronunciou foi porque descobriram os planos de Chávez de fugir para costa rica e queriam mantê-lo na Venezuela. Mas deu tudo certo homem da marinha diz que o plano era ter o máximo de apoio da sociedade civil e assim passar o comando para as F.A	00:43:48.0
Oposição nacional	Anotação 127	Os golpistas celebravam no palácio homem 1: o novo governo não é militar. As F.A aderiram ao novo governo que nasceu "limpamente" dos cidadãos venezuelanos homem 2: Chávez deve ser julgado pelas leis da republica e pelas leis internacionais, pela violação dos direitos humanos e pela censura à liberdade de expressão	00:45:22.0
Relação com as massas	Anotação 128	Chavista esbravejando na rua que isso é uma ditadura e eles querem uma democracia (batendo panela) senhora: "quero que respeitem meu voto, eu votei no Chávez. Eu quero que Chávez termine seu mandato. Se é uma democracia, devem ter respeito às leis!"	00:48:09.1
Relação com as massas	Anotação 129	Manifestante indignado dizendo que em 3 anos de mandato do Chávez, nunca tinham sido reprimidos como agora (imagens da polícia agindo com truculência) homem sangrando e gritando: "sou chavista! Sangro por ele! Sou chavista! Aqui queremos Chávez!" (pela legenda)	00:48:55.3

Imperialismo	Anotação 130	Membro do governo Bush dizendo o que o governo americano pensa sobre os acontecimentos da Venezuela: as ações de Chávez causaram a crise. Dispararam contra manifestantes pacíficos 10 pessoas morreram e 100 ficaram feridas. Como consequência um governo civil de transição foi instalado	00:49:42.1
Oposição nacional	Anotação 131	tv privada anuncia que têm informações da embaixada de cuba em Caracas: manifestantes da oposição dizem que sabem que o vice está lá dentro e que ele vai ter que comer sobras, os móveis porque não permitiram que entre comida ou agua, cortarão a luz após essa transmissão jornalista de tv privada diz que instalou-se uma censura porque estava proibido a aparição de personagens chavistas na tv. Essa era a diretriz do canal de tv. Ele considerou antiético e se demitiu imagem do ministro do interior sendo expulso de algum lugar	00:50:01.9
Relação com as massas	Anotação 132	Membros do governo de Chávez se comunicaram com emissoras internacionais que começaram a transmitir informações via tv a cabo para informar aos venezuelanos que Chávez não havia renunciado e que havia sido sequestrado. A notícia se espalhou rapidamente e os chavistas começaram a se manifestar "Chávez, amigo, el pueblo esta contigo!" manifestante chama os chavistas para saírem as ruas se manifestarem, que não se escondam. "Chávez não renunciou. O único argumento para lhe tirar da presidência é com um referendo, que está marcado na constituição	00:51:12.7

		nacional" (imagens de vandalismo)	
Relação com as massas	Anotação 133	Manifestantes chavistas nas ruas Chávez estava desaparecido há dois dias apesar da repressão, o povo marchou para o palácio	00:52:36.0
Relação com as massas	Anotação 134	Imagens de protesto chavista "queremos a Chávez" " el pueblo, unido, jamás sera vencido" pixação "fuera carmona" "queremos a Chávez! Não queremos outra ditadura!" "ontem traíram a Venezuela. Não estão mostrando o que tá acontecendo hoje. Violaram nossa constituição!" imagens dos golpistas meio tensos no palácio ouvindo os gritos chavistas na rua com o palácio cercado, a guarda do palácio decidiu, em lealdade a Chávez, tomá-lo de volta pelas costas de carmona	00:53:40.3
Relação com as massas	Anotação 135	Os guardas tomaram o palácio de volta e comemoraram junto com os manifestantes os ministros de Chávez retornaram ao palácio para restabelecer o gabinete legítimo ministro da educação: "estamos esperando o Chávez. Não vamos negociar. Estamos esperando o presidente Chávez aqui. Chávez é o único presidente da Venezuela"	00:56:23.6
Nacionalismo/Bolívar	Anotação 136	Não há um governo provisório do presidente Chávez não se sabe ao certo seu estado. Está preso em uma ilha, chegou um sacerdote, mas as	00:58:07.1

		informações estão erradas e não se sabe muito bem sua situação	
Oposição nacional	Anotação 137	A mídia privada não estava transmitindo nenhuma informação acerca da retomada do palácio era necessário o restabelecimento do sinal do canal 8	00:59:41.7
Relação com as massas	Anotação 138	Muitas pessoas em volta do palácio clamando por Chávez	01:00:09.8
Oposição nacional	Anotação 139	Mídia privada entrevistando carmona perguntando qual é a situação e se ele se encontra no palácio Carmona: "houveram alguns focos, mas nós temos o controle total! O país se encontra no estado de normalidade" William Lara, presidente da assembleia nacional dando entrevista por telefone para desmentir carmona. Diz que segundo a constituição, na ausência do presidente, suas funções são supridas pelo vice	01:01:04.1
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas	Anotação 140	Restabelecimento do sinal do canal 8 anunciam que foi restituída a ordem constitucional ministros gritam "o povo unidos, jamais será vencido" o chefe da guarda presidencial pede que os comandantes das F.A desistam, reconsiderem seus posicionamentos para que o povo continue confiando no exército. O único governo existente na Venezuela é o do presidente Chávez depois da volta do canal 8, chegaram mensagens de apoio de guarnições do exército em todo país onde tropas e oficiais se declararam enganados pelo Alto Comando	01:03:21.7
Relação com as massas	Anotação 141	Povo clamando "queremos a Chávez" enquanto seu	01:08:13.7

		helicóptero chega no palácio "llegó llegó llegó llegó!"	
Chávez	Anotação 142	Chávez bem-humorado "vocês me filmaram saindo. Eu não te disse nada porque já voltamos"	01:09:50.6
Nacionalismo/Bolívar + relação com as massas + Chávez	Anotação 143	Diz no ouvido de alguém "vocês fizeram história! O povo fez história!" abraça membros do governo, faz piada bem humorado em um comunicado à nação, Chávez diz que ficou incomunicável nas últimas horas e sentiu uma angustia muito grande. Mas o mais importante agora para todos os venezuelanos era para que voltassem às suas casas, que voltem à calma. Aos opositores, que se oponham, não pode mudar suas opiniões. Mas não podem ser opor à Constituição, é um livro para todos. Não permitam que se envenenem com tantas mentiras (aplausos e gritos em coro "volvió volvió volvió volvió!")	01:10:13.2